

SONHOS, “EVOLUÇÃO” E REALIZAÇÃO DE VALOR

A Origem Sonhadora da Espécie, a Memória Genética e o Impulso Criador da Consciência



Autor: Jane Roberts

Tradução, revisão e depuração: *Gullan Grey*

Edição original: DREMS, “EVOLUTION” and VALUE FULFILLMENT. A Seth Book. 1986

Edição portuguesa concluída em 20-09-2026



[Livroteca Gullan Grey](#)

Sinopse

Há livros que perguntam de onde viemos. Este pergunta algo mais radical: e se o universo não tivesse começado na matéria, mas na consciência? Em *Sonhos, «Evolução» e Realização de Valor*, Seth propõe uma origem em que sonhos, imaginação, energia e consciência antecedem a forma física. O mundo, nessa perspectiva, não surge de elementos mortos que por acaso aprenderam a viver; emerge de uma criatividade primordial que se transforma continuamente em matéria, espécie, experiência e realidade.

Os sonhos ocupam aqui um lugar central. Não são simples resíduos mentais da vigília, mas uma dimensão interior a partir da qual a própria consciência humana teria aprendido a orientar-se, a comunicar e a construir o mundo físico. Seth descreve antigas formas de consciência mais próximas desse domínio e apresenta o sonho como terreno original de aprendizagem, ligação entre espécies e fonte prática de informação. O que hoje chamamos vigília seria apenas uma das muitas formas possíveis de focar a consciência.

É também por isso que «Evolução» surge entre aspas. Seth não descreve apenas uma sequência linear de mutações e sobrevivência, mas uma expansão criativa da consciência, na qual cada forma viva procura realizar as suas potencialidades enquanto contribui simultaneamente para a realização das restantes. A isso chama realização de valor: o impulso inerente que leva cada ser, cada espécie e cada porção da realidade a desenvolver a qualidade da própria existência dentro de uma aventura profundamente cooperativa.

Ao longo desta investigação, genética, reencarnação, probabilidades, criatividade, espécies, matéria e consciência começam a revelar-se como faces de uma mesma arquitetura viva. Seth conduz o leitor para uma visão em que o universo não é uma máquina concluída, mas um acontecimento continuamente recriado — e em que cada indivíduo participa, através dos seus sonhos, desejos e escolhas, no próprio processo pelo qual a realidade se torna real.

Esta tradução foi depurada segundo o princípio:
“Afinar o Instrumento sem Alterar a Melodia”
com apoio de Inteligência Artificial enquanto sistema de amplificação,
organização e clarificação cognitiva.
O objetivo não foi apenas traduzir, mas tornar o texto mais claro, coerente,
imersivo e diretamente experienciável, sem alterar a sua essência.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*

Índice

Prefácio — Por Seth	1
CAPÍTULO 1	5
Antes do Início	5
1. O Universo Está a Ser Criado Agora.	6
2. Sobre os «Sonâmbulos»	21
Síntese Operativa	25
CAPÍTULO 2	41
No Início	41
Síntese Operativa	58
CAPÍTULO 3	79
Sonâmbulos. O Mundo em Transe Inicial. O Despertar das Espécies	79
1. Unidades de Consciência	81
2. A Formação da Realidade Física.....	92
3. Grandes Expetativas	101
4. O Mundo como Sonho.....	108
Síntese Operativa	118
CAPÍTULO 4	139
Os Antigos Sonhadores	139
1. Sobre a Doença e o Sofrimento	156
2. Criação Contínua	172
3. A Vigília Emerge do Sonho	176
Síntese Operativa	184
CAPÍTULO 5	215
O «Jardim do Éden». O Homem «Perde» o Seu Corpo Onírico e Ganha uma «Alma»	215
1. O Universo Psicológico Interior e a Luz.....	221
Síntese Operativa	228
CAPÍTULO 6	251
Herança Genética e Predileções Reencarnacionais.....	251
1. Vírus como Parte do Sistema Global de Saúde Do Corpo	251
Síntese Operativa	258
CAPÍTULO 7	270
Genética e Reencarnação. Dons e «Limitações». A Vasta Amplitude das Escalas Genética e Reencarnacional. Os Dotados e os Portadores de Deficiência	270
Síntese Operativa	274

CAPÍTULO 8	287
Quando És Quem És. Os Mundos da Imaginação e da Razão, e o Universo Implícito	287
Síntese Operativa	294
CAPÍTULO 9	309
Acontecimentos-Mestre e Sobreposições de Realidade	309
1. Sobreposições Temporais	324
2. Acontecimentos-Mestre	333
Síntese Operativa	342
CAPÍTULO 10	364
O Princípio do Prazer. Sonhos de Grupo e Realização de Valor	364
Síntese Operativa	381
CAPÍTULO 11	409
A Abordagem Mágica e as Relações entre «Conservação» e Desenvolvimentos Espontâneos.....	409
Síntese Operativa	417
CAPÍTULO 12	436
Nuvens da Vida	436
Síntese Operativa	448
Síntese Operativa do Livro	471
Elogios.....	495

Prefácio Editorial

O material original desta obra foi transmitido ao longo de várias sessões, nas quais Jane Roberts entrava em estado de transe e ditava o conteúdo atribuído a Seth.

Para preservar a continuidade, a clareza conceptual e a coerência da leitura, foram removidos os elementos circunstanciais dessas sessões — pausas, comentários contextuais e descrições do ambiente — mantendo-se integralmente a mensagem transmitida.

Este texto foi traduzido e depurado segundo o princípio: Afinar o Instrumento sem Alterar a Melodia.

O processo foi realizado em parceria com Inteligência Artificial, utilizada como extensão cognitiva para amplificar a análise, clarificação e organização do conteúdo, mantendo sempre a fidelidade ao sentido original.

O objetivo não foi apenas traduzir, mas tornar o texto mais claro, coerente, imersivo e diretamente experienciável, sem alterar a sua essência. A abordagem seguida privilegia a clareza sem simplificação, a estrutura sem rigidez e a fidelidade sem literalismo, permitindo que o leitor aceda ao conteúdo de forma direta, sem ruído desnecessário.

Sempre que necessário, foram introduzidas afinações na linguagem para tornar explícitas estruturas implícitas, mantendo o equilíbrio entre experiência e compreensão. Este trabalho não procura reinterpretar o conteúdo, mas antes revelar a sua coerência interna, de forma a que possa ser apreendido com maior nitidez e continuidade.

O leitor é assim convidado não apenas a ler, mas a entrar no texto — acompanhando-o como um processo vivo de compreensão e experiência. Nesta obra, de carácter particularmente experiencial, foi mantido um equilíbrio entre fluidez narrativa e clarificação conceptual.

Este livro integra um conjunto mais amplo de obras que partilham uma linguagem e uma estrutura conceptual comuns. Embora possa ser lido de forma autónoma, a sua leitura é aprofundada quando enquadrada no contexto desse conjunto — particularmente na obra *Aventuras na Consciência — Topologia da Consciência e a Dinâmica dos Aspetos*, onde é apresentado, de forma explícita, o modelo que aqui é operacionalizado.

Em última instância, este processo não acrescenta necessariamente mais informação, mas procura sobretudo tornar mais nítido aquilo que já está presente — não se trata tanto de saber mais, mas de ver melhor.

Gullan Greyl

SONHOS,
“EVOLUÇÃO” E
REALIZAÇÃO DE
VALOR

*A Origem Sonhadora da Espécie, a
Memória Genética e o Impulso Criador
da Consciência*

Jane Roberts

Um livro de Seth

Inclui Volumes 1 e 2 integrados

Prefácio — Por Seth

Este livro será o meu projeto mais ambicioso até agora.

Alguns poderão dizer que qualquer livro constitui, por si só, um empreendimento ambicioso quando tem origem numa fonte psicológica tão distante das vossas ideias habituais acerca da criatividade. Uma coisa é, por exemplo, um escritor físico produzir um manuscrito — e até esse tipo de criatividade envolve vastas e ocultas manobras psicológicas que nunca aparecem no próprio manuscrito.

Como a maioria dos meus leitores sabe, não afirmo possuir atualmente uma personalidade física. Afirmo, contudo, possuir uma realidade independente noutra nível de existência. O meu estatuto e as minhas origens parecem estranhos apenas porque compreenderam muito pouco acerca das vossas próprias origens.

Estou a começar este livro esta noite de 25 de setembro de 1979. Já vos dei o título e, noutra nível de consciência, Jane Roberts conseguiu, por exemplo, há doze dias, perceber alguns vislumbres de certos temas que serão incluídos aqui. Até agora, porém, fisicamente existe apenas a folha de papel na qual Robert Butts está a escrever estas palavras que pronuncio.

Um dia, em termos de tempo, existirá um livro volumoso. Embora o manuscrito ainda não exista sob a forma de um livro físico, o próprio livro — as ideias e as palavras — é já, nos sentidos mais importantes, bastante real.

Determinadas qualidades estão implícitas em todos os tipos de criatividade, mas são geralmente ignoradas e, por isso, não se tornam evidentes. O género de procedimentos criativos em que estamos envolvidos pode ajudar a trazer algumas dessas qualidades à luz e a iluminar muitos aspetos da psique humana que normalmente permanecem ocultos.

Falo através de Ruburt — ou através de Jane Roberts, se preferirem. Ruburt possui as suas próprias capacidades criativas e utiliza-as bem; e foi, em grande medida, por causa dessas capacidades que o nosso contato inicialmente ocorreu, em dezembro de 1963.

Os cientistas gostam de dizer que, quando olham para fora, para o universo, estão a olhar para trás no tempo. Essa afirmação é apenas parcialmente verdadeira. Quando, porém,

avançam para dentro através da psique, começam realmente a deslocar-se, nos vossos termos, «para trás», em direção às origens da existência.

As vossas capacidades criativas não vos permitem apenas pintar quadros, contar ou escrever histórias, criar esculturas ou arquitetura. Também não vos fornecem simplesmente a base das vossas religiões, ciências e civilizações. **São o vosso contato com a própria fonte da existência.**

São elas que, antes de mais, vos proporcionam o poder que permite formar um sistema de crenças.

Enquanto acreditarem que a consciência emerge, de algum modo, da matéria morta, nunca compreenderão quem são e estarão sempre à procura do ponto em que a vida assumiu forma.

Terão sempre de interrogar-se acerca de uma espécie de nascimento mecânico do universo — e parecer-vos-á realmente que o vosso mundo foi construído a partir de peças soltas que, de alguma maneira, se juntaram precisamente da forma necessária para que, mais tarde, a vida emergisse.

Estão cheios de perguntas acerca de quando e onde apareceram as várias espécies, de como se formaram as rochas, de quando certos répteis desenvolveram asas, de quando alguns peixes emergiram dos oceanos e aprenderam a respirar ar — e são inevitavelmente levados a perguntar o que aconteceu durante os períodos intermédios.

Quantos répteis tentaram desenvolver asas, por exemplo, e fracassaram, ou foram incapazes de voar? Quantos milhões de répteis e quantas tentativas foram necessários antes que o primeiro pássaro triunfante voasse sobre a paisagem?

Quantos peixes morreram com pulmões apenas parcialmente formados, demasiado afastados da margem para conseguirem regressar à água? Ou quantos peixes se debateram de volta para a água, encontrando-se numa fase intermédia tal que já não conseguiam viver na água nem respirar o ar?

Nesses termos, então, quantos habitantes aquáticos morreram antes de o primeiro mamífero conseguir permanecer firmemente em terra, com pulmões plenamente formados, respirando o ar primitivo da Terra?

Os cientistas afirmam agora que energia e matéria são uma só coisa. Têm de dar o passo seguinte e compreender que **consciência, energia e matéria são uma só coisa**.

Neste livro, portanto, examinaremos a origem do universo, a origem das espécies e a origem da vida a partir de outro ponto de vista.

Espero que este ponto de vista forneça uma nova estrutura através da qual possam compreender e estudar a realidade física, o vosso papel nela e pressentir a imensa complexidade criativa que liga cada indivíduo à própria fonte da consciência.

Para isso, espero explorar um conceito mais significativo de «evolução» — e esse conceito terá necessariamente de envolver uma discussão acerca da realidade subjetiva e do seu efeito sobre a «evolução» da consciência humana.

O universo não teve origem naquilo que gostam de considerar uma fonte exterior e objetivada.

O vosso próprio corpo físico proporciona-vos imagens corporais sólidas, apresentações exteriores. Os vossos sonhos não aparecem subitamente exteriorizados sobre as vossas imagens, substituindo os vossos traços, por exemplo. Permanecem ocultos. Os vossos sonhos aparecem no ecrã interior da mente.

Nunca quero que qualquer das minhas observações seja interpretada de tal maneira que pareça que estou, seja de que forma for, a negar a plenitude, a validade e a magnificência da existência física.

Quero, porém, salientar que o estado a que normalmente chamam sonho é apenas uma ténue indicação de uma realidade interior de acontecimentos — uma ordem interior de acontecimentos da qual emerge o mundo físico.

Espero mostrar de que modo a natureza dos sonhos ajudou a moldar a consciência humana. Espero mostrar que **a consciência forma o ambiente, e não o contrário**.

Espero mostrar que todas as espécies são motivadas por aquilo a que chamo **realização de valor**, na qual cada uma procura aumentar simultaneamente a qualidade da vida para si própria e para todas as outras espécies.

Isto une ainda mais todas as espécies num empreendimento cooperativo que permaneceu em grande medida invisível devido às crenças projetadas sobre o mundo tanto pelas vossas ciências como pelas vossas religiões, em termos gerais.

Todas as vossas maiores civilizações existiram primeiro no mundo dos sonhos.

Poderiam dizer que **o universo se sonhou a si próprio até adquirir existência.**

Em termos gerais, os estados de vigília e de sono são os únicos níveis de consciência com os quais se têm preocupado principalmente. Parece-vos que isto constitui o resultado do vosso progresso «evolutivo» — contudo, existiram civilizações na Terra que se especializaram na utilização de muitos focos de consciência, tal como vocês se especializaram na utilização de ferramentas.

Os sonhos podem ser extremamente específicos. Podem ser utilizados como fontes de informação.

Espero mostrar a sua importância prática, tanto enquanto parte do desenvolvimento «evolutivo» do homem como pelas possibilidades que oferecem naquilo a que chamam vida moderna.

As respostas encontram-se onde menos procuraram por elas.

O universo continua a ser criado, tal como cada pessoa continua a sê-lo em cada momento.

Começamos novamente com um novo livro, e tenho a certeza de que a tua mente viva fará surgir perguntas que serão interessantes.

CAPÍTULO 1

Antes do Início

O universo começará ontem. O universo começou amanhã. Ambas as afirmações são bastante desprovidas de sentido. Os tempos verbais estão errados e talvez o vosso sentido do tempo fique completamente escandalizado. Contudo, a afirmação: «O universo começou num passado remoto» é, em termos fundamentais, igualmente desprovida de sentido.

Na realidade, embora as duas primeiras afirmações não façam qualquer sentido lógico, sugerem fenómenos que mostram que o próprio tempo não passa de uma construção criativa.

O tempo e o espaço fazem, de certo modo, parte do mobiliário do vosso universo.

A própria experiência da passagem dos momentos pertence às vossas estruturas psicológicas, da mesma maneira que os relógios estão presos às paredes. Sempre que a ciência ou a religião procuram a origem do universo, procuram-na no passado.

1. O Universo Está a Ser Criado Agora.

A criação ocorre em cada momento, nos vossos termos.

A própria ilusão do tempo está a ser criada agora. É, portanto, de certa forma inútil procurar as origens do universo utilizando um esquema temporal que é, em si mesmo e, no mínimo, altamente relativo.

O vosso agora, ou momento presente, é uma plataforma psicológica.

Parece que o universo começou com uma explosão inicial de algum tipo de energia — o «big bang». Os evolucionistas não conseguem explicar a sua causa. Muitas pessoas religiosas acreditam que existe um deus numa dimensão mais vasta da realidade e que ele criou o universo permanecendo, ele próprio, fora dele. Colocou-o em movimento.

Muitos indivíduos, seguindo qualquer uma destas perspetivas, acreditam que, independentemente da sua origem, o universo acabará por ficar sem energia. A ciência estabelecida está bastante segura de que atualmente nenhuma energia pode ser criada ou destruída, mas apenas transformada como afirma a primeira lei da termodinâmica. A ciência considera que energia e matéria são fundamentalmente a mesma coisa, manifestando-se de maneiras diferentes consoante as circunstâncias.

Em determinados termos, ciência e religião lidam ambas com a ideia de um universo criado objetivamente. Ou Deus «o fez», ou a matéria física se formou, de alguma maneira inexplicada, depois de uma explosão inicial de energia, surgindo então a consciência dessa matéria inicialmente morta por um processo ainda por explicar.

Em vez disso, a consciência formou a matéria.

Como já disse anteriormente, cada átomo e cada molécula possuem a sua própria consciência. Consciência, matéria e energia são uma só coisa, mas a consciência inicia a transformação da energia em matéria.

Nesses termos, o «início» do vosso universo foi um triunfo na expansão da consciência, à medida que esta aprendeu a traduzir-se em forma física.

O universo emergiu para a existência objetiva da mesma maneira, embora num grau diferente, que qualquer ideia emerge daquilo a que chamam subjetividade para uma expressão física.

A consciência de cada leitor deste livro existia antes de o universo ser formado — nos vossos termos —, mas essa consciência não se encontrava manifestada.

A aproximação mais próxima que possuem — e é apenas uma aproximação — ao estado de ser que existia antes de o universo ser formado é o estado de sonho.

Nesse estado anterior ao início, a vossa consciência existia livre do espaço e do tempo, consciente de imensas probabilidades.

Isto é extremamente difícil de verbalizar, mas é muito importante que se faça essa tentativa.

A vossa consciência faz parte de um processo criativo infinitamente original.

Evitarei deliberadamente utilizar a palavra «Deus», devido às conotações que lhe foram atribuídas pela religião convencional. Ao longo deste livro tentarei explicar as características deste processo divino.

Chamo a esse processo **Tudo o Que É**.

Tudo o Que É está tão intimamente presente nas suas criações que é quase impossível separar o «criador das criações», pois cada criação transporta também, indelevelmente dentro de si, as características da sua fonte.

Se pensarem que o universo segue um modelo mecanicista, então teriam de dizer que cada parte dessa «máquina cósmica» se criou a si própria, conhecendo a sua posição em toda a «construção futura».

Teriam ainda de dizer que cada parte emergiu voluntariamente da sua própria fonte, individualmente, perfeitamente ajustada à sua

posição, ao mesmo tempo que essa fonte individual era também, de maneira igualmente íntima, a fonte de cada uma das restantes partes.

Também não estou a dizer que o universo seja o resultado de alguma «máquina psicológica», mas que cada porção de consciência faz parte de Tudo o Que É e que o universo se reúne numa ordem divina espontânea — e que cada porção de consciência transporta indelevelmente dentro de si o conhecimento do todo.

O nascimento do mundo representou um despertar psicológico divino.

Cada consciência que participa no universo físico sonhou com semelhante existência física, nos vossos termos, antes de a Terra ser formada.

Em termos mais vastos do que os vossos, é perfeitamente correto dizer que o universo ainda não foi formado, ou que o universo já desapareceu.

Em termos ainda mais vastos, porém, o facto é que, num estado ou noutro, o universo sempre existiu.

A aproximação mais próxima que possuem ao propósito do universo pode ser encontrada nas emoções amorosas que sentem perante o desenvolvimento dos vossos filhos, na intenção de que eles desenvolvam plenamente as suas capacidades.

As vossas aspirações mais elevadas podem dar-vos uma ténue indicação do grande impulso criativo que está por detrás do mais pequeno dos vossos atos, pois até o mais insignificante desses atos só é possível porque a existência do vosso corpo já foi assegurada no mundo físico.

A vossa vida é-vos dada.

Em cada momento, ela é renovada.

São transportados por esse impulso da energia da vida com tal suavidade e ausência de esforço que, por vezes, mal se apercebem dele.

Não receberam uma determinada quantidade de energia que depois se desgasta e morre.

Em vez disso, são novamente criados em cada momento.

Não podem provar cientificamente que o vosso mundo foi criado por um deus que o colocou em movimento, permanecendo, contudo, fora do seu domínio.

Também não podem provar cientificamente que a criação do mundo resultou de um acontecimento fortuito — por isso, também não poderão provar aquilo que vos vou dizer.

Não nos termos habituais.

Espero, contudo, apresentar, juntamente com as minhas explicações, determinadas indicações e pistas que vos mostrarão onde procurar evidência subjetiva.

Para começar, vivem as vossas vidas através do vosso próprio saber subjetivo, e tentarei despertar nas vossas consciências memórias de acontecimentos nos quais as vossas próprias psiques interiores estiveram intimamente envolvidas enquanto o mundo era formado — e, embora esses acontecimentos possam parecer pertencer ao passado, estão a ocorrer agora.

Antes do início do universo, postularemos a existência de uma fonte criativa onnipotente.

Esperamos mostrar que essa subjetividade divina está tão presente no mundo da vossa experiência como estava antes do início do universo.

Uma vez mais, refiro-me a essa subjetividade original como Tudo o Que É.

Estou a tentar verbalizar conceitos que quase desafiam os limites do intelecto, a menos que esse intelecto seja profundamente reforçado pela força da intuição.

Por isso, ao lerem este livro, terão de utilizar tanto a mente como as próprias intuições.

Antes do início, Tudo o Que É continha dentro de si o impulso infinito de todas as criações possíveis.

Tudo o Que É possuía uma criatividade de tal magnificência que as suas mais ténues imaginações, sonhos, pensamentos, sentimentos ou estados de espírito adquiriam uma espécie de realidade, uma vivacidade, uma intensidade que quase exigiam liberdade.

Liberdade de quê?

Liberdade para fazer o quê?

Liberdade para ser o quê?

A experiência, o universo subjetivo, a «mente» de Tudo o Que É era tão brilhante, tão distinta, que Tudo o Que É quase se perdeu, vagueando mentalmente por essa paisagem interior em contínuo florescimento e crescimento.

Cada pensamento, sentimento, sonho ou estado de espírito trazia indelevelmente em si todos os atributos dessa subjetividade infinita.

Cada um brilhava e vibrava com a sua própria criatividade, com o seu próprio desejo de criar da mesma maneira que tinha sido criado.

Antes do início existia um universo interior que não tinha começo nem fim, pois estou a utilizar a expressão «antes do início» apenas para facilitar a vossa assimilação.

Esse mesmo universo interior infinito existe agora, por exemplo.

Tudo o Que É continha em si o conhecimento de todas as existências, com as suas probabilidades infinitas, e «assim que» Tudo o Que É imaginava essas inúmeras circunstâncias, elas passavam a existir naquilo a que chamarei facto divino.

Tudo o Que É conhecia apenas a si próprio.

Encontrava-se absorvido pelas suas próprias experiências subjetivas, chegando mesmo a ficar divinamente surpreendido quando os seus próprios pensamentos e imaginações adquiriram vitalidade própria e herdaram a criatividade do seu criador subjetivo.

Esses pensamentos e imaginações começaram a dialogar com o seu «Criador».

Pensamentos de tão magnífico vigor começaram a pensar os seus próprios pensamentos — e os seus pensamentos pensavam pensamentos.

Como que num estado de espanto e surpresa divinos, Tudo o Que É começou a escutar e a responder a essas «gerações» de pensamentos e sonhos, pois os pensamentos e os sonhos também se relacionavam entre si.

Não existia tempo, por isso tudo isto «estava a acontecer» simultaneamente.

A ordem dos acontecimentos está a ser simplificada.

Entretanto, portanto, nos vossos termos, Tudo o Que É pensava espontaneamente novos pensamentos, sonhava novos sonhos e envolvia-se em novas imaginações — e tudo isto se relacionava também com aquelas gerações, agora infinitas, de pensamentos e sonhos que se entrelaçavam e inter-relacionavam e que «já» existiam.

Para além desta criação espontânea, deste «fluxo» simultâneo de efervescência divina, Tudo o Que É começou a observar as interações que ocorriam entre a sua própria descendência subjetiva.

Escutava, começava a responder e a dar resposta a um pensamento ou a um sonho.

Começou deliberadamente a produzir as condições mentais solicitadas por essas gerações de descendência mental.

Se antes tinha estado só, já não estava.

A vossa linguagem cria aqui algumas dificuldades, por isso aceitem o pronome «ele» da maneira mais inócua possível. «Isso» soa demasiado neutro para o meu propósito, e quero reservar o pronome «ela» para determinadas diferenciações posteriores.

Em termos fundamentais, naturalmente, Tudo o Que É está muito para além de quaisquer designações relacionadas com uma espécie ou sexo específicos.

Tudo o Que É começou então a sentir uma crescente sensação de pressão, ao compreender que os seus próprios pensamentos e sonhos, em contínua multiplicação, ansiavam por usufruir dos maiores dons de criatividade com os quais estavam inatamente dotados.

É extremamente difícil tentar atribuir a Tudo o Que É algo semelhante à motivação humana.

Só posso dizer que é possuído pela «necessidade» de criar amorosamente a partir do seu próprio ser; de transformar amorosamente a própria realidade de tal maneira que até a mais ténue consciência provável possa chegar a existir; e pela necessidade de assegurar que toda e qualquer possível

orquestração de consciência tenha oportunidade de emergir, perceber e amar.

Mais tarde discutiremos as conotações mais amplas da palavra «amor», tal como aqui é utilizada, mas este capítulo constitui uma espécie de esboço do material que virá depois.

Tudo o Que É tornou-se então consciente de uma espécie de tumulto criativo, à medida que cada um dos seus extraordinários pensamentos e sonhos, estados de espírito e sentimentos, se expandia até aos próprios limites do seu ser, procurando uma libertação até então desconhecida, não descoberta e nem sequer imaginada.

Estou a dizer que essa descendência mental incluía todas as consciências que alguma vez apareceram ou aparecerão na vossa Terra — todas ternamente contidas: o primeiro ser humano, o primeiro inseto — cada uma possuindo um conhecimento interior das possibilidades do seu próprio desenvolvimento.

Tudo o Que É, amando a sua própria descendência, procurou dentro de si a resposta para este dilema divino.

Quando essa resposta surgiu, envolveu saltos de inspiração divina até então inimagináveis.

E ocorreu da seguinte maneira:

Tudo o Que É percorreu a variedade verdadeiramente infinita da sua incrível descendência para descobrir que condições seriam necessárias para este sonho ainda mais magnífico — o sonho de uma liberdade de objetividade.

Que porta poderia abrir-se para permitir que a realidade física emergisse de semelhante domínio interior?

Quando Tudo o Que É, nos vossos termos, reuniu todas essas condições, viu naturalmente, num único lampejo, a criação mental dos mundos objetivos que seriam necessários — e, ao imaginar esses mundos, nos vossos termos, eles foram fisicamente criados.

Tudo o Que É não se separou desses mundos, contudo, pois eles foram criados a partir dos seus pensamentos, e cada um possui conteúdo divino.

Todos os mundos são criados por esse conteúdo divino, de modo que, embora sejam exteriores por um lado, por outro são igualmente constituídos de substância divina.

E cada ponto hipotético do vosso universo encontra-se, nos termos mais fundamentais, em contacto direto com Tudo o Que É.

O conhecimento do todo encontra-se em todas as suas partes — e, contudo, Tudo o Que É é mais do que as suas partes.

A subjetividade divina é verdadeiramente infinita.

Nunca pode ser inteiramente objetivada.

Quando os mundos — o vosso e outros — foram assim criados, ocorreu realmente uma explosão de proporções inimagináveis, à medida que a centelha divina da inspiração explodiu em objetividade.

O primeiro «objeto» era uma massa de intensidade quase insuportável, embora não possuísse peso, e explodiu, iniciando instantaneamente os processos que formaram o universo — mas sem que o tempo estivesse envolvido.

O processo que poderiam imaginar ter demorado eras ocorreu num abrir e fechar de olhos, e a materialização objetiva inicial do pensamento maciço de Tudo o Que É irrompeu para a realidade.

Nos vossos termos, tratou-se de uma explosão física.

Mas, nos termos das consciências envolvidas nessa abertura, foi experimentada como um triunfante «primeiro» frenesim de inspiração — uma irrupção para outro tipo de ser.

A Terra surgiu então à medida que a consciência se transformava nas múltiplas facetas da natureza.

Os átomos e as moléculas estavam vivos, conscientes — já não constituíam simplesmente parte de uma sintaxe divina, mas exprimiam-se através da própria natureza do seu ser.

Tornaram-se as vogais e sílabas vivas e conscientes através das quais a consciência podia formar matéria.

Mas, nos vossos termos, este continuava a ser, em grande medida, um mundo de sonho, embora já estivesse plenamente formado.

Possuía, em termos gerais, todas as espécies que hoje conhecem.

Todas correspondiam aos inúmeros tipos de consciência que tinham clamado por libertação, e essas consciências foram espontaneamente dotadas por Tudo o Que É das formas que correspondiam às suas necessidades.

Tiveram então o nascimento da consciência individualizada, tal como a entendem, num contexto físico.

Essas consciências já estavam individualizadas antes do início, mas não se encontravam manifestadas.

A consciência individualizada, porém, ainda não era assim tão ousada.

No início, não se ligava completamente às suas formas terrestres, repousando frequentemente na sua «antiga» herança divina.

Nos vossos termos, era como se a Terra e todas as suas criaturas estivessem parcialmente a sonhar, sem se encontrarem tão focadas na realidade física como estão agora.

Enquanto a consciência individualizada permanecia dentro da imensa subjetividade de Tudo o Que É, desfrutava, além da própria singularidade, de uma sensação de unidade sustentadora — o conhecimento reconfortante de que era uma com a sua fonte.

Por isso, no início do vosso mundo, a consciência oscilava intensamente, focando-se suavemente de início, mas ainda sem estar inteiramente disposta a tornar-se tão independente quanto a sua intenção inicial poderia sugerir.

Existiam então os **sonâmbulos**, primeiros membros da vossa espécie cuja principal concentração ainda permanecia velada nessa subjetividade anterior.

E, nesses termos, eles foram os vossos verdadeiros antepassados.

Para começar, o homem primitivo precisava de confiar no seu vasto conhecimento interior.

Todas as espécies começaram por enfatizar uma forte orientação subjetiva, que era absolutamente necessária enquanto aprendiam a movimentar-se dentro do novo ambiente físico.

2. Sobre os «Sonâmbulos»

Imaginem um corpo dotado de uma consciência corporal plenamente funcional, sem doença nem defeito, mas sem a consciência dominante e orientada pelo ego que possuem.

As capacidades físicas dos sonâmbulos ultrapassavam as vossas.

Eram tão ágeis como os animais, e o seu propósito consistia simplesmente em ser.

Os seus principais pontos de consciência encontravam-se noutros lugares; os seus focos primários mal tinham consciência dos corpos que tinham criado.

Contudo, aprenderam «através da experiência» e começaram a «despertar», a tomar consciência de si próprios, a descobrir o tempo — ou a criá-lo.

Não estavam adormecidos para si próprios, apenas do vosso ponto de vista.

Existiram várias dessas raças humanas.

Para elas, o real era a vida onírica, que continha os estímulos mais intensos.

Este é o outro lado da vossa própria experiência.

Essas raças deixaram a Terra física praticamente como a encontraram.

Naquilo a que chamariam estado físico de vigília, esses indivíduos dormiam, embora se comportassem com grande graça física natural.

Não sobrecarregavam o corpo com crenças negativas acerca de doença ou limitação.

Não envelheciam na mesma medida que vocês.

Regressemos agora ao nosso relato das origens.

Estamos sentados aqui numa determinada noite de outono. Estou, evidentemente, a ditar este livro, falando através de Ruburt, enquanto Joseph está sentado no sofá, diante de uma mesa de centro muito específica, anotando as minhas palavras.

Estamos no ano de 1979, e a ideia de tempo e de datas parece estar indelevelmente incorporada na estrutura psicológica de todos.

Conseguem lembrar-se do ano passado e, até certo ponto, recordar os anos anteriores das vossas vidas.

Parece-vos que a vossa consciência presente vagueia para trás, em direção ao passado, até chegar finalmente a um ponto para além do qual já não conseguem recordar — e, pelo menos a nível consciente, têm de aceitar o próprio acontecimento do vosso nascimento com base em testemunho indireto.

Poucas pessoas possuem uma memória consciente dele.

Para os fins da nossa discussão, tenho necessariamente de enquadrar este livro, até certo ponto, dentro da estrutura do tempo.

Tenho de respeitar as vossas especificidades.

Caso contrário, não compreenderiam aquilo que estou a tentar dizer.

Embora este livro esteja a ser ditado dentro da tradição temporal, devo recordar-vos que, fundamentalmente, essa tradição não é minha — e, mais ainda, fundamentalmente, também não é vossa.

Utilizei, portanto, a expressão «antes do início», e falarei dos acontecimentos da Terra segundo determinadas sequências.

Nos termos mais profundos, porém — e de maneiras que escandalizam profundamente o intelecto quando este tenta operar sozinho —, o início é agora.

Essa explosão crítica da subjetividade divina em objetividade está sempre a acontecer, e a vida é-vos dada «em cada momento» por causa da natureza simultânea dessa subjetividade divina.

Chamaremos, contudo, ao próximo capítulo:

«No Início»,

apresentando determinados acontecimentos sob uma forma sequencial.

Espero que, noutras partes deste livro, determinados exercícios mentais vos permitam saltar para além da tradição da estrutura temporal e sentir, com o intelecto e a intuição unidos, a vossa própria participação individual num presente espaçoso suficientemente vasto para conter todos os segmentos do tempo.

Síntese Operativa

1. O tempo não é o ponto de partida da realidade

Seth começa por desmontar a ideia de que o universo teve de «começar» num passado remoto.

Problema central:

origem do universo $\neq$ acontecimento situado necessariamente no passado

As frases paradoxais — «O universo começará ontem» e «O universo começou amanhã» — servem para mostrar que:

tempo linear $\rightarrow$ construção criativa $\rightarrow$ não estrutura absoluta da realidade

O «agora» é apresentado como uma **plataforma psicológica**. O passado, o futuro e a própria experiência de sucessão temporal pertencem ao modo como a consciência organiza a experiência.

Assim:

criação não aconteceu apenas $\rightarrow$ criação acontece

O universo está a ser criado **agora**.

2. Matéria, energia e consciência não são realidades separadas

Seth rejeita duas explicações que, apesar de aparentemente opostas, partilham o mesmo pressuposto:

religião convencional:

Deus exterior → cria universo → permanece separado da criação

materialismo científico:

energia/matéria → organização física → consciência emerge posteriormente

Para Seth, ambas partem de uma realidade criada **objetivamente a partir de fora**.

A alternativa proposta é:

Consciência → Energia → Matéria

não como três substâncias isoladas, mas como três expressões da mesma realidade.

Portanto:

consciência + energia + matéria = uma única continuidade

A consciência não resulta da matéria.

A consciência forma a matéria.

3. O «início» foi uma expansão da consciência

Aquilo a que chamamos nascimento do universo não é descrito como o aparecimento acidental de matéria morta, mas como:

expansão da consciência → tradução em forma física

O universo físico emerge da subjetividade da mesma maneira fundamental pela qual:

ideia interior → expressão exterior

A objetividade é, portanto, uma manifestação da subjetividade.

4. O estado de sonho aproxima-nos da realidade anterior à manifestação física

Seth apresenta o sonho como a nossa melhor aproximação experiencial ao estado de consciência anterior à formação do universo físico.

Nesse estado:

consciência → livre de espaço e tempo → aberta a vastas probabilidades

O sonho não é, portanto, apenas um fenómeno secundário produzido pelo cérebro.

É um vestígio funcional de uma condição mais profunda da consciência.

5. Tudo o Que É: fonte e criação não estão verdadeiramente separadas

Seth evita deliberadamente o termo «Deus» e utiliza:

Tudo o Que É

Tudo o Que É não cria a partir de fora.

Está intimamente presente em tudo aquilo que cria.

Logo:

Criador ↔ criação

e não:

Criador | criação

Cada criação contém as características da sua fonte.

Cada porção da consciência transporta:

a marca do todo + conhecimento do todo

Mas:

Tudo o Que É > soma das suas partes

6. Antes do início já existia uma realidade interior infinita

«Antes do início» é apenas uma expressão adaptada ao pensamento humano.

Na realidade:

não havia verdadeiro começo

Existia um universo interior sem princípio nem fim.

Tudo o Que É continha:

- todas as existências possíveis;
- todas as probabilidades;
- todos os pensamentos;
- todos os sonhos;
- todas as formas potenciais de consciência.

Quando essas possibilidades eram imaginadas por Tudo o Que É, adquiriam aquilo que Seth chama:

facto divino

Ou seja:

possibilidade plenamente concebida → realidade em nível subjetivo

7. Os pensamentos de Tudo o Que É tornaram-se criativos por direito próprio

A criatividade de Tudo o Que É é tão intensa que os seus pensamentos e sonhos não permanecem passivos.

Eles:

ganham vitalidade → tornam-se criativos → começam a gerar novos pensamentos

Forma-se assim uma proliferação infinita:

pensamento → pensamento do pensamento → novas gerações de pensamento

Tudo ocorre simultaneamente, porque ainda não existe tempo linear.

A criação deixa então de ser apenas emissão.

Transforma-se em:

relação + diálogo + resposta

8. Surge o impulso para a objetivação

As consciências possíveis desejam mais do que existência subjetiva.

Desejam:

emergir → perceber → criar → amar

Tudo o Que É responde a esse impulso.

Daí nasce:

o sonho de uma liberdade de objetividade

A questão torna-se:

Como pode a realidade física emergir da realidade interior?

A resposta é uma transformação criativa:

subjetividade divina → objetividade

9. O universo físico é a exteriorização de uma realidade interior

Quando as condições necessárias são reunidas, os mundos objetivos são imaginados e, ao serem imaginados, são fisicamente criados.

Assim:

imaginação divina → mundo objetivo

Mas a criação nunca se separa da fonte.

Portanto:

exterioridade ≠ separação

Os mundos são exteriores em forma, mas continuam constituídos de «substância divina».

Cada ponto do universo permanece em contacto direto com Tudo o Que É.

10. A «explosão inicial» é uma passagem da subjetividade para a objetividade

Seth aproxima-se simbolicamente da imagem de uma explosão cósmica, mas redefine o seu significado.

Não se trata apenas de:

matéria concentrada → explosão física

mas de:

inspiração divina → objetivação

A «primeira explosão» é simultaneamente:

- física;
- psicológica;
- criativa;
- ontológica.

O que para nós parece ter exigido eras, nessa ordem mais profunda ocorre:

sem tempo

11. A matéria nasce como expressão consciente

A Terra aparece quando:

consciência → natureza

Átomos e moléculas não são apresentados como unidades mortas.

São:

vivos + conscientes + expressivos

Seth usa uma metáfora fundamental:

átomos e moléculas = vogais e sílabas vivas

através das quais:

consciência → forma matéria

A matéria é, portanto, uma linguagem da consciência.

12. As espécies não surgem apenas por evolução linear

As espécies correspondem a diferentes formas de consciência procurando manifestação.

Assim:

forma física ↔ necessidade da consciência

As consciências já existiam individualizadas antes da manifestação, mas ainda não estavam plenamente focadas na matéria.

A Terra primitiva é descrita como:

mundo parcialmente físico + mundo ainda profundamente onírico

13. A consciência individualizada não entrou imediatamente em foco físico total

No início, a consciência ainda mantinha uma relação muito forte com a sua origem subjetiva.

Ela oscilava entre:

unidade interior ↔ individualização física

A separação ainda não era tão marcada como hoje.

A consciência física desenvolve-se progressivamente como uma forma mais concentrada de foco.

14. Os «sonâmbulos» representam uma humanidade ainda mais ligada à subjetividade

Os primeiros humanos descritos por Seth não eram menos conscientes.

Eram conscientes de outra maneira.

Os **sonâmbulos**:

- possuíam corpos plenamente funcionais;
- eram fisicamente ágeis;
- não tinham ainda uma consciência egoica dominante;
- mantinham o foco principal noutros níveis;
- experimentavam o sonho como realidade fundamental.

Portanto:

vigília moderna ≠ forma superior absoluta de consciência

É apenas uma modalidade específica de foco.

15. O tempo emerge com o desenvolvimento do foco físico

Os sonâmbulos começam gradualmente a:

despertar → individualizar-se → descobrir/criar o tempo

Logo, o tempo não é apenas algo encontrado pela consciência.

É também algo que a consciência **produz como estrutura de experiência**.

16. O presente contém o início

No fecho do capítulo, Seth regressa ao problema inicial.

Mesmo ao narrar acontecimentos «antes» e «depois», avisa que está a adaptar a explicação à estrutura temporal humana.

Em termos mais profundos:

o início não está atrás de nós

o início é agora

A explosão da subjetividade divina em objetividade:

não aconteceu apenas uma vez → continua sempre a acontecer

Cada ser recebe existência «em cada momento».

Esqueleto central do capítulo

Tudo o Que É

- criatividade infinita
- pensamentos e sonhos adquirem vitalidade
- consciência deseja expressão
- subjetividade procura objetividade
- inspiração divina transforma-se em manifestação
- consciência forma energia e matéria
- universo físico emerge
- átomos, moléculas e espécies tornam-se expressões conscientes
- consciência individualizada entra progressivamente em foco físico
- surgem os «sonâmbulos»

- intensifica-se a individualização
- cria-se a experiência do tempo
- realidade física torna-se cada vez mais estabilizada

Mas, em profundidade:

tudo isto acontece simultaneamente.

Núcleo do capítulo

O capítulo desmonta a ideia de que a realidade começou como matéria e que a consciência apareceu depois.

A inversão fundamental de Seth é:

não foi a matéria que produziu a consciência;
foi a consciência que aprendeu a tornar-se matéria.

E essa transformação não pertence apenas a um passado cósmico remoto.

Está a acontecer agora, em cada momento, em cada forma, em cada consciência.

CAPÍTULO 2

No Início

Mais uma vez, nos termos das vossas equações, energia, consciência e matéria são uma só coisa. E, nesses termos — (as qualificações são necessárias) —, a consciência é o agente que dirige a transformação da energia em forma e da forma em energia.

Todas as partículas possíveis, visíveis ou invisíveis, que descubrem ou imaginam — isto é, partículas hipotéticas — possuem consciência.

São **consciência energizada**.

Existem determinadas características inerentes à própria energia, independentemente daquelas que lhe atribuem, uma vez que, naturalmente, até hoje não consideram a energia consciente.

A energia é, acima de tudo, infinitamente criativa, inovadora, original.

A energia é imaginativa.

(Quaisquer cientistas que estejam a ler este livro podem muito bem parar aqui.)

Não estou a atribuir características humanas à energia. Pelo contrário, **as vossas características humanas resultam das características da energia** — uma diferença bastante importante.

O espaço, tal como o concebem, está, nos vossos termos, preenchido por partículas invisíveis. Elas constituem a porção não expressa da realidade física, o meio não manifestado no qual o vosso mundo existe.

Nesse sentido, porém, os átomos e as moléculas são expressos, embora não consigam vê-los a olho nu. As partículas mais pequenas que os constituem tornam-se «cada vez mais pequenas», acabando por escapar à capacidade de exame de qualquer instrumento físico; essas partículas ajudam a estabelecer uma ponte entre a realidade não manifestada e a realidade manifestada.

Para os fins desta discussão acerca do início do vosso mundo, lidarei por agora com qualidades conhecidas — os átomos e as moléculas.

No início, **os átomos e as moléculas** imaginaram a miríade de formas fisicamente possíveis.

Imaginaram as inúmeras **c-é-l-u-l-a-s** que poderiam surgir da sua própria criação cooperativa.

A energia não tem limites.

É exuberante.

Não conhece limites.

Nesses termos, **os átomos sonharam as células até estas adquirirem existência física** — e, a partir desse novo limiar de atividade física, a consciência celular sonhou com as inúmeras organizações que poderiam emergir desta aventura indescritível.

Mais uma vez, na realidade, tudo isto ocorreu simultaneamente; contudo, a profundidade da experiência psicológica aí contida nunca poderá ser medida, pois envolvia uma espécie de **realização de valor** na qual cada consciência participa.

Essa característica da realização de valor é talvez o elemento mais importante no ser de Tudo o Que É e faz parte da herança de todas as espécies.

A própria realização de valor é extremamente difícil de descrever, pois combina a natureza de uma presença amorosa — uma presença dotada do conhecimento inato da sua própria complexidade divina — com uma capacidade criativa de proporções infinitas, que procura levar à realização até a mais ténue e distante porção da sua própria complexidade interior.

Traduzindo isto em termos mais simples, cada porção de energia é dotada de um alcance criativo inerente que procura realizar os seus próprios potenciais em todas as variações possíveis — e de tal modo que esse desenvolvimento também favoreça os potenciais criativos de todas as outras porções da realidade.

Nesses termos, portanto, existiu no início um período quase inimaginável em que a consciência energizada, utilizando as suas próprias capacidades criativas, a sua própria **imaginação**, experimentava com uma exuberância triunfante e irreprimível, ensaiando uma forma após outra.

Nos termos a que estão habituados, nada era estável.

A consciência, tal como a concebem, transformava-se em matéria, depois em energia pura e novamente em matéria.

A subjetividade ainda predominava em larga medida.

Como um adolescente que abandona a casa familiar pela primeira vez, a consciência individualizada sentia também uma certa nostalgia e regressava frequentemente ao lar — mas foi ganhando confiança gradualmente e acabou por partir para formar um universo.

Ora, porque Tudo o Que É contém em si características criativas divinas tão onipotentes e férteis, todas as porções da sua

experiência subjetiva adquiriram dimensões de realidade impossíveis de descrever.

Os pensamentos de Tudo o Que É, por exemplo, não eram simplesmente pensamentos semelhantes aos vossos, mas acontecimentos mentais multidimensionais de natureza extraordinária.

Esses acontecimentos depressa se depararam com a necessidade de uma transformação, caso quisessem viajar para a objetividade — pois nenhuma objetividade poderia, por si só, conter toda a realidade dos acontecimentos subjetivos existentes dentro da subjetividade divina.

Apenas nesse contexto poderia ser mantida a sua **perfeição relativa**.

Contudo, antes do início, tinham ansiado por outras experiências e até por realizações de natureza diferente.

Pressentiam uma espécie de realização de valor que lhes exigia a utilização das suas próprias capacidades criativas.

Ansiavam por criar tal como tinham sido criados, e Tudo o Que É, numa espécie de perplexidade divina, compreendeu, contudo, que essa tinha sido sempre a sua própria intenção.

Tudo o Que É compreendeu que semelhante separação também vos permitiria produzir uma espécie diferente de arte divina, na qual os próprios criadores criariam, e as suas criações também criariam, trazendo à realidade existências que eram possíveis precisamente porque **pareceria** existir uma diferença entre o criador e as criações.

Tudo o Que É encontra-se, portanto, dentro de cada uma das mais pequenas porções de consciência.

Contudo, cada porção mínima de consciência pode criar de maneira única, trazendo à existência versões **excêntricas** de Tudo o Que É — versões que, em determinados termos, Tudo o Que É não poderia criar de outro modo sem essa separação.

O apoio amoroso, o encorajamento amoroso da mais ténue consciência provável e da mais ténue manifestação — **essa é a intenção de Tudo o Que É.**

Tudo o Que É sabe que até este propósito constitui apenas uma parte de um propósito maior.

Em termos de tempo, a realização desse propósito emergirá com outra explosão momentosa de inspiração subjetiva em direção à objetividade, ou a outra forma.

Em termos mais profundos, porém, esse propósito também é conhecido agora e, numa medida ou noutra, todo o universo sonha

com ele, tal como outrora a consciência celular sonhou com os órgãos que poderia «formar».

Quero salientar que não estou aqui a falar tanto de uma espécie de «evolução» espiritual, mas de uma **expansão**.

Por agora, contudo, limitar-nos-emos a discutir a consciência no início do mundo, sublinhando que a primeira base da vida física era, em larga medida, subjetiva e que o estado de sonho não só ajudou a moldar a consciência da vossa espécie como também, nesses termos, serviu de fonte contínua de informação para o homem acerca do seu ambiente físico e funcionou como uma teia interior de comunicação entre todas as espécies.

Os vossos cientistas podem contar os seus elementos...

Isto é, criarão mais e descobrirão mais até estarem prestes a perder a cabeça, porque criarão sempre «camuflagens» físicas da verdadeira realidade não física.

E, à medida que criarem instrumentos capazes de lidar com partículas cada vez mais pequenas, verão efetivamente partículas cada vez mais pequenas, **como se não tivessem fim**.

À medida que os seus instrumentos alcançarem regiões cada vez mais distantes do universo, eles «verão» cada vez mais longe, mas transformarão automaticamente aquilo que julgam «ver» nos padrões de camuflagem com os quais estão familiarizados.

São, e continuarão a ser, **prisioneiros das próprias ferramentas**.

Instrumentos concebidos para medir as vibrações com as quais os cientistas estão familiarizados serão projetados e reprojatados.

Por fim, todo o género de fenómenos que hoje parecem impossíveis será descoberto através desses instrumentos, até que os cientistas percebam que algo está profundamente errado.

Os instrumentos serão concebidos para captar determinadas camuflagens e, como terão sido cuidadosamente projetados, cumprirão precisamente essa função.

Não quero aprofundar demasiado este assunto. Contudo, por determinados meios, os próprios instrumentos transformarão dados expressos em termos que não conseguem compreender em termos que conseguem compreender.

Os cientistas fazem isso constantemente.

As variedades de consciência — as «partículas psicológicas» interiores, equivalentes, digamos, ao átomo ou à molécula, ao próton, ao neutrão ou ao quark — essas formas não físicas, «encantadas», «estranhas», de consciência que fazem a experiência subir e descer, dar voltas e mais voltas — nunca são, naturalmente, consideradas pela ciência.

Se a forma física é constituída por tamanha multiplicidade de partículas invisíveis, quão mais altamente organizados deverão ser os componentes interiores da consciência, sem cujas percepções a própria matéria não teria significado?

As alianças da consciência são, portanto, muito mais vastas do que as alianças das partículas sob qualquer forma.

Quando Ruburt se esqueceu de se preocupar por «não estar a trabalhar», a sua criatividade natural e lúdica veio espontaneamente à superfície, e hoje escreveu poesia.

A poesia, porém, não se enquadrava nas suas ideias atuais acerca do trabalho e, por isso, essa excelente criatividade quase nem foi contabilizada.

De certa maneira, o universo começou do mesmo modo que a história de Ruburt começou esta noite:

com o desejo de criar — por alegria, e não por sentido de responsabilidade.

Muitas das ideias do nosso livro atual serão recebidas pelos cientistas com grande desconfiança, embora alguns, naturalmente, compreendam aquilo que estou a dizer.

Isto é muito difícil para vocês, porque **as verdades mais profundas não podem ser fisicamente provadas.**

A ciência está habituada a formular perguntas muito específicas e, como Ruburt escreveu recentemente em *The God of Jane — O Deus de Jane*, costuma obter respostas igualmente específicas — mesmo quando essas respostas estão erradas.

Respostas «erradas» podem, contudo, encaixar umas nas outras de modo a apresentar uma imagem perfeita, uma excelente construção coerente por si própria — e por que não?

Todas as respostas que não se ajustem à construção são simplesmente rejeitadas e nunca chegam a aparecer.

Assim, de certa forma, estamos a lidar precisamente com aquilo que a ciência descartou.

A imagem que acabaremos por apresentar certamente não se ajustará à imagem da ciência estabelecida.

Contudo, se a prova objetiva dessa natureza for considerada o critério prioritário para determinar os factos, então, como sabem, a ciência também não consegue provar a sua versão acerca da origem do universo.

Ela limita-se a estabelecer uma hipótese, reunindo em torno dela todos os dados que concordam com essa hipótese e ignorando, novamente, aquilo que não se enquadra.

Além disso, a tese científica não encontra qualquer confirmação correspondente no coração humano — e, na realidade, desperta a mais profunda antipatia, pois, no seu coração, o homem conhece bem o próprio valor e compreende que a sua consciência não é um acidente.

A psique possui, portanto, dentro de si uma afirmação interior — uma afirmação que fornece o impulso para a emergência física e que impede o homem de ficar completamente cego pelas próprias construções mentais.

Existe, além disso, dentro da consciência humana, um critério profundo e subjetivo, dotado de um conhecimento impecável, através do qual o homem acaba por avaliar todas as teorias e crenças da sua época.

E, mesmo que o seu intelecto seja temporariamente submerso por doutrinas indignas, **esse ponto de integridade interior nunca se deixa enganar.**

Existe uma parte do homem que **Sabe.**

É essa parte dele, naturalmente, que nasce e cresce até à maturidade, enquanto os pulmões ou os processos digestivos não leem tratados eruditos acerca da «maquinaria» do corpo.

Por isso, neste livro, esperamos despertar no leitor, independentemente das suas convicções, uma espécie de **evidência subjetiva**, uma ressonância entre as ideias e o ser.

Muitas pessoas escrevem-nos dizendo que sentem como se, de algum modo, sempre tivessem conhecido o nosso material — e, naturalmente, conheceram-no, pois ele representa o **saber interior** existente em cada indivíduo.

De certa maneira, o jogo criativo constitui a vossa versão humana de características muito mais vastas a partir das quais o próprio universo foi formado.

Existem formas bem definidas, e até específicas, de evidência subjetiva acerca da natureza da vossa própria realidade — evidência que se torna claramente reconhecível quando começam realmente a procurá-la, particularmente comparando o mundo dos vossos sonhos com a vossa vida quotidiana.

Por outras palavras, o jogo subjetivo constitui naturalmente a base de toda a criatividade — mas, muito para além disso, é responsável pelo grande jogo interior entre realidade subjetiva e realidade objetiva.

Só conseguem localizar ou situar um acontecimento quando este se encontra, de uma forma ou de outra, dentro do alcance da vossa percepção.

Não conseguem realmente localizar ou situar acontecimentos microscópicos ou macroscópicos com verdadeira precisão.

Não conseguem situar acontecimentos «invisíveis», pois, mesmo quando os vossos instrumentos sofisticados os percecionam, não os encontram dentro do mesmo esquema temporal.

Quero abordar brevemente estas ideias para que, mais tarde, possamos discutir **a localização do universo**.

Qualquer acontecimento que percecionem constitui apenas uma porção da verdadeira dimensionalidade desse acontecimento.

O observador e o objeto percecionado fazem parte do mesmo acontecimento, e cada um modifica o outro.

Esta inter-relação existe sempre em qualquer sistema de realidade e em qualquer nível de atividade.

Em determinados termos, por exemplo, até um eletrão «sabe» que está a ser observado através do vosso instrumento.

Os eletrões existentes no próprio instrumento mantêm uma relação com o eletrão que os cientistas poderão estar a tentar «isolar» para exame.

Independentemente disso, porém, existe aquilo a que, por agora, chamaremos **o inconsciente coletivo de todos os eletrões** que compõem o acontecimento que parece estar separado: os cientistas a observarem o eletrão.

Dentro do vosso domínio de atividade, só conseguem identificar adequadamente os acontecimentos e projetá-los no tempo e no espaço isolando determinadas porções de acontecimentos muito maiores e muito menores e reconhecendo como real uma ordem extremamente específica de acontecimentos.

A luz pode ser definida como onda ou como partícula, e o mesmo acontece em muitas outras situações.

A consciência, por exemplo, pode ser definida como onda ou como partícula, pois pode funcionar como qualquer uma delas e manifestar-se como qualquer uma delas, embora a sua verdadeira definição tivesse de incluir **a capacidade criativa de se moldar nessas formas**.

Não podem localizar o início do universo — pois esse início é simultaneamente demasiado vasto e demasiado pequeno para ser contido em qualquer uma das vossas especificações.

Enquanto tudo parece organizado, bem delimitado e completo dentro dessas especificações, movem-se com brilhante desenvoltura no teatro do tempo e do espaço.

Tempo e espaço são, ambos, resultado de propriedades psicológicas.

Quando perguntam qual é a idade do universo, ou qual é a idade do mundo, estão a dar por adquirido que o tempo e o espaço são, de algum modo, qualidades quase absolutas.

Estão a pedir respostas que só podem ser encontradas saindo do contexto da experiência habitual — pois, dentro dessa experiência, são sempre conduzidos de volta a começos e fins, momentos consecutivos e a um mundo que parece não conter qualquer indício de outra fonte.

O mundo físico, tal como o conhecem, é único e possui uma importância vital para o próprio universo.

É parte integrante desse universo e, contudo, constitui também uma realidade própria.

Essa realidade depende das percepções de cada tipo de vida que a compõe.

É uma criação da consciência, emergindo como uma forma única de expressão a partir dessa **gestalt divina do ser** — e essa gestalt divina do ser possui dimensões tão inimagináveis que a totalidade da sua realidade não pode manifestar-se dentro de nenhuma das suas próprias realidades, de nenhum dos seus próprios mundos.

O espaço, novamente, é uma propriedade psicológica.

O tempo também.

O universo, portanto, não começou num ponto específico do tempo nem numa localização particular do espaço — pois é correto dizer que **todo o espaço e todo o tempo surgiram simultaneamente e surgem simultaneamente.**

Não podem localizar a consciência.

Quando estão a sonhar, não conseguem localizar o espaço do sonho da mesma maneira que conseguem determinar a posição, digamos, da cadeira ou da cómoda que se encontra no chão junto da cama onde estão a sonhar.

Essa localização interior é, contudo, real, e nela pode ocorrer atividade significativa.

O espaço físico existe de maneira semelhante, com a diferença de que constitui uma propriedade psicológica coletivamente partilhada — mas, num determinado «momento», no início, isso ainda não acontecia.

No início, o espaço físico possuía as qualidades que o espaço dos sonhos possui hoje para vocês.

Parecia possuir uma natureza mais privada e só gradualmente, nesses termos, se tornou publicamente partilhado.

Como seria semelhante mundo — e como poderão relacioná-lo com o mundo que conhecem?

Síntese Operativa

1. Consciência, energia e matéria pertencem ao mesmo processo

Seth começa por reafirmar o princípio central:

consciência + energia + matéria = uma só realidade

A consciência não é um produto tardio da matéria. É o agente que dirige:

energia → forma

forma → energia

Todas as partículas, visíveis ou invisíveis, conhecidas ou apenas hipotéticas, possuem consciência.

Portanto:

partícula = consciência energizada

2. A energia não é passiva

A energia possui características próprias.

É:

criativa + inovadora + original + imaginativa

Seth inverte a leitura habitual:

não é a energia que recebe características humanas;

as características humanas resultam das características da energia.

Assim:

humano ← expressão localizada de propriedades mais profundas da energia

3. O não manifestado sustenta o manifestado

O espaço está preenchido por partículas invisíveis.

Estas constituem:

a porção não expressa da realidade física

Os átomos e moléculas já pertencem à realidade manifestada, mas as partículas cada vez mais subtis aproximam-se do limiar entre:

não manifestado ↔ manifestado

A realidade física não surge, portanto, do nada.

É sustentada por uma dimensão não manifestada.

4. A matéria nasce através de imaginação cooperativa

No início:

átomos e moléculas imaginaram formas possíveis

Depois:

átomos → sonham células

células → sonham organizações mais complexas

A criação física não é apresentada como montagem mecânica, mas como:

imaginação + cooperação + consciência

A forma emerge porque a consciência imagina possibilidades e as realiza.

5. Realização de valor é um princípio fundamental da existência

A **realização de valor** aparece como um dos princípios mais importantes de Tudo o Que É.

Cada consciência procura:

realizar os seus potenciais

mas não isoladamente.

O desenvolvimento de cada porção da realidade também favorece:

o desenvolvimento criativo das restantes

Portanto:

realização individual → expansão coletiva

A realidade não funciona como competição absoluta, mas como empreendimento cooperativo.

6. A criatividade procura expressão em todas as variações possíveis

Cada porção de energia contém:

alcance criativo inerente

Esse impulso procura experimentar todas as possibilidades compatíveis com a sua natureza.

Logo:

potencial → experimentação → forma → nova possibilidade

A criação não caminha em linha reta.

Ela explora.

7. No início, nada era estável

Seth descreve uma fase em que:

consciência ↔ matéria ↔ energia

se transformavam continuamente umas nas outras.

A subjetividade ainda predominava.

A consciência individualizada ainda não estava totalmente comprometida com a existência física.

Era como alguém que:

parte de casa → regressa → ganha confiança → parte novamente

A manifestação física surge gradualmente como estabilização de foco.

8. A objetividade não consegue conter toda a subjetividade

Os pensamentos de Tudo o Que É não são pensamentos humanos comuns.

São:

acontecimentos mentais multidimensionais

Para entrarem na objetividade, têm de sofrer transformação.

Porque:

objetividade < totalidade da subjetividade divina

A manifestação física exprime a realidade interior, mas nunca a esgota.

9. A separação é funcional, não absoluta

A aparente separação entre criador e criação permite algo novo:

criadores que criam → criações que também criam

Isto torna possível uma espécie de:

arte divina descentralizada

Cada porção de consciência pode produzir uma versão única de Tudo o Que É.

Logo:

unidade não elimina individualidade

e:

individualidade não rompe a unidade

10. Cada consciência é uma versão excêntrica de Tudo o Que É

Cada mínima porção de consciência pode criar:

versões excêntricas de Tudo o Que É

Aqui, «excêntrico» significa:

singular + desviável + criativamente único

A criação não é cópia.

É variação.

Tudo o Que É realiza possibilidades através das suas próprias partes.

11. O propósito de Tudo o Que É é apoiar a emergência

Seth define a intenção de Tudo o Que É como:

apoio amoroso + encorajamento amoroso

dirigidos até à mais ténue consciência provável.

O objetivo não é controlar.

É permitir:

emergir → perceber → criar → realizar

12. O universo também sonha futuros estados de realização

O propósito atual faz parte de um propósito ainda maior.

Esse propósito já existe, em termos profundos, embora possa ainda não estar manifestado no tempo.

Seth descreve:

universo atual → sonha uma realização futura

tal como:

consciência celular → sonhou os órgãos

O futuro está implicitamente presente como potencial criativo.

13. Seth não fala propriamente de evolução, mas de expansão

Aqui surge uma distinção decisiva:

«evolução» espiritual ≠ ideia central

A palavra mais adequada é:

expansão

Isto afasta o modelo de:

inferior → superior

e aproxima-o de:

potencial → maior expressão

A consciência não sobe necessariamente uma escada.

Ela expande o campo das suas possibilidades.

14. O sonho foi uma infraestrutura da vida física

O estado de sonho ajudou a:

moldar a consciência humana

e também funcionou como:

fonte de informação sobre o ambiente

Além disso:

sonho = teia interior de comunicação entre espécies

Portanto, o sonho não é secundário à vida física.

Foi uma das bases através das quais a vida física se organizou.

15. Os instrumentos científicos filtram a realidade

Seth afirma que os cientistas constroem instrumentos para procurar determinadas coisas.

Esses instrumentos acabam por:

**transformar dados desconhecidos → padrões
compreensíveis**

Logo:

instrumento ≠ janela neutra

O instrumento participa na forma como a realidade é percebida.

Os cientistas tornam-se:

prisioneiros das próprias ferramentas

quando confundem:

o que o instrumento consegue traduzir

com

a totalidade do que existe

16. A ciência tende a excluir o que não cabe no seu modelo

Seth afirma que respostas «erradas» podem formar uma construção coerente.

Processo:

hipótese → seleção de dados compatíveis → exclusão do restante

Assim, um sistema pode parecer internamente sólido sem ser completo.

O material de Seth pretende trabalhar precisamente com:

aquilo que o modelo científico descartou

17. Existe um saber interior anterior à teoria

O homem possui dentro de si um padrão profundo de integridade.

Mesmo quando o intelecto aceita doutrinas inadequadas:

o ponto interior de integridade não é enganado

Existe uma parte do homem que:

Sabe

Esse saber não depende de tratados, modelos ou demonstrações externas.

É um conhecimento incorporado no próprio ser.

18. Evidência subjetiva não significa ausência de evidência

Seth propõe outro critério de investigação:

ressonância entre ideias e ser

A evidência subjetiva pode ser:

definida + específica + experienciável

Sobretudo quando se compara:

mundo dos sonhos ↔ vida quotidiana

O problema não é falta de evidência.

É o facto de a cultura reconhecer quase exclusivamente a evidência exterior.

19. O jogo é um princípio criativo

A criação surge:

por alegria → não apenas por responsabilidade

O jogo criativo humano é uma versão localizada de forças maiores que participaram na formação do universo.

Portanto:

jogo subjetivo → base da criatividade

e também:

jogo subjetivo ↔ jogo entre realidade interior e exterior

20. Observador e observado fazem parte do mesmo acontecimento

Um acontecimento nunca é totalmente independente do observador.

Seth afirma:

observador + objeto observado = partes do mesmo acontecimento

Cada um modifica o outro.

Até o eletrão, em determinados termos, «sabe» que está a ser observado.

Isto amplia o princípio de relação:

nada é verdadeiramente isolado

21. A consciência pode operar como onda e como partícula

Tal como a luz, a consciência pode:

operar como onda

ou

manifestar-se como partícula

A sua natureza verdadeira inclui:

capacidade de se moldar em diferentes formas

Portanto, a consciência precede as categorias através das quais a tentamos descrever.

22. Tempo e espaço são propriedades psicológicas

Seth insiste novamente:

tempo = propriedade psicológica

espaço = propriedade psicológica

Perguntar:

«Quando começou o universo?»

ou

«Onde começou o universo?»

já pressupõe que tempo e espaço são absolutos.

Mas:

o início do universo é simultaneamente demasiado vasto e demasiado pequeno para essas categorias

23. A realidade física é uma expressão particular da consciência

O mundo físico:

- é real;
- é único;
- é importante;
- mas não é a totalidade da realidade.

Ele emerge de uma:

gestalt divina do ser

Essa gestalt é demasiado vasta para aparecer integralmente num único mundo.

Assim:

cada realidade = expressão parcial do todo

24. Espaço e tempo surgem simultaneamente

O universo não começou:

num ponto do espaço

nem

num momento do tempo

Porque:

espaço e tempo surgem simultaneamente

E, em termos mais profundos:

continuam a surgir simultaneamente

25. O espaço físico foi primeiro mais semelhante ao espaço do sonho

No início, o espaço físico possuía uma natureza mais privada.

Gradualmente tornou-se:

psicologicamente partilhado → publicamente estável

Portanto:

espaço físico atual = acordo coletivo estabilizado

O espaço do sonho conserva hoje características semelhantes àquele estado mais antigo:

flexível + interior + menos publicamente fixado

Esqueleto central do capítulo

Tudo o Que É

- energia consciente
- imaginação
- átomos e moléculas
- células
- organizações complexas
- realização de valor
- expansão criativa
- individualização
- aparente separação
- criação de versões únicas
- sonho como matriz informacional
- realidade física estabilizada
- observador participa no observado
- instrumentos filtram a realidade
- evidência subjetiva complementa a objetiva

→ tempo e espaço surgem como propriedades psicológicas partilhadas

Núcleo do capítulo

O capítulo aprofunda a inversão iniciada no anterior:

a realidade física não é a base da consciência;
é uma das formas que a consciência aprende a assumir.

A criação opera através de:

imaginação + cooperação + realização de valor + expansão

e não apenas através de mecanismos cegos.

O mundo físico surge, estabiliza-se e torna-se coletivamente partilhado, mas continua assente numa realidade mais profunda, subjetiva e criativa.

A fórmula central pode condensar-se assim:

Consciência imagina → energia organiza → forma emerge →
forma cria novas possibilidades → consciência expande-se.

CAPÍTULO 3

Sonâmbulos. O Mundo em Transe Inicial.

O Despertar das Espécies

Aprenderam a responder a determinados padrões neurais e a ignorar outros, que agora funcionam simplesmente como atividade de fundo.

Essa atividade de fundo, porém, sustenta milhões de forças: os estímulos neurais que aceitam como biologicamente reais. Esses outros estímulos de fundo são agora bastante difíceis de identificar, mas estão sempre presentes nas zonas mais recuadas da vossa consciência de vigília, como uma espécie de murmúrio onírico muito abaixo das vossas associações habituais.

Neurologicamente, sintonizam apenas uma parte da realidade do vosso corpo e ignoram as imensas, minúsculas, mas tumultuosas comunicações que circulam constantemente de um lado para o outro no microscópico, mas vital, mundo celular.

Os eletrões, nos vossos termos, são precognitivos, e a vossa consciência celular também o é.

A permanência relativa do vosso corpo no tempo depende do magnífico comportamento do eletrão ao lidar com probabilidades. A estabilidade da célula e a sua fiabilidade dentro do ambiente corporal dependem das suas propriedades inatas de comunicação e decisão instantâneas, pois cada célula está em comunicação com todas as outras e encontra-se unida a todas as restantes através de **campos de consciência**, nos quais cada entidade, seja qual for o seu grau, desempenha um papel.

A determinado nível, as vossas células obedecem às regras do tempo, mas noutros níveis desafiam-nas.

Todas estas comunicações fazem parte da realidade humana e existem abaixo daquilo que consideram consciência normal.

Os acontecimentos não são inicialmente construídos a partir de partículas físicas. São o resultado de atividade psicológica.

«No início», tinham consciência apenas dessa atividade psicológica.

Ela ainda não se tinha, por assim dizer, **adensado em forma**. A forma existia, mas ainda não estava manifestada.

Não gosto particularmente da analogia, mas ela é útil: em vez de pequenas partículas, existiam pequenas unidades de consciência que gradualmente se organizavam em unidades maiores — mas

uma unidade de consciência mais pequena não é «menos do que» uma unidade maior, pois cada unidade de consciência contém dentro de si a herança **inata** de Tudo o Que É.

Consideram a mente consciente, tal como a conhecem, como o único tipo de consciência dotado de intenção deliberada, consciência de si própria enquanto tal, capacidade lógica e apreciação do simbolismo.

Isso só vos parece verdadeiro devido ao vosso particular alcance de atividade e porque apenas conseguem localizar acontecimentos dentro de um determinado espectro psicológico.

1. Unidades de Consciência

Chamo aos blocos constitutivos da matéria **UC — unidades de consciência**.

Elas formam a matéria física tal como existe dentro da vossa compreensão e experiência.

As unidades de consciência também formam outros tipos de matéria que não percebemos.

As UC podem funcionar como «partículas» ou como «ondas».

Independentemente da forma como funcionem, possuem consciência da própria existência.

Quando as UC funcionam como partículas, nos vossos termos, constroem uma continuidade no tempo. Assumem as características da particularidade. Identificam-se através do estabelecimento de limites específicos.

Quando funcionam como partículas, portanto, assumem determinadas formas e experimentam a sua realidade a partir do «centro» dessas formas. Concentram-se, ou focam-se, nas suas próprias especificidades únicas.

Tornam-se, nos vossos termos, **individuais**.

Quando as UC funcionam como ondas, porém, não estabelecem quaisquer limites em torno da própria autoconsciência — e, quando funcionam como ondas, podem realmente estar em mais de um lugar ao mesmo tempo.

Compreendo que este material seja algo difícil de apreender.

Contudo, na sua forma mais pura, uma unidade de consciência pode estar **em todos os lugares ao mesmo tempo**.

Torna-se então irrelevante dizer que, quando funciona como onda, uma unidade de consciência é precognitiva ou clarividente,

pois possui a capacidade de estar simultaneamente em todos os lugares e em todos os tempos.

Essas unidades de consciência constituem os blocos fundamentais da matéria física do vosso corpo, das árvores e rochas, dos oceanos, dos continentes e da própria manifestação do espaço, tal como o compreendem.

Estas UC podem funcionar como entidades separadas, como identidades, ou podem fluir conjuntamente numa vasta e harmoniosa onda de atividade, enquanto força.

Na realidade, as unidades de consciência funcionam constantemente das duas maneiras.

Nenhuma identidade, depois de «formada», é alguma vez aniquilada, pois a sua existência constitui indelevelmente uma parte de **toda a onda de consciência à qual pertence.**

Cada unidade convertida em «partícula», contudo, é transportada pelo impulso contínuo estabelecido pelos campos de consciência, aos quais pertencem tanto a onda como a partícula.

Cada unidade de consciência assim particularizada contém inerentemente dentro de si o conhecimento de todas as outras unidades semelhantes — pois, noutros níveis, essas unidades continuam novamente a funcionar como ondas.

Fundamentalmente, as unidades deslocam-se mais depressa do que a luz, abrandando, nos vossos termos, para formar matéria.

Essas unidades podem, mais uma vez, ser consideradas entidades ou forças, podendo funcionar de ambas as maneiras.

Metafisicamente, podem ser consideradas como o ponto em que Tudo o Que É atua para formar o vosso mundo — o **contato imediato** de uma inspiração criativa incessante que entra em foco mental, a metamorfose de origem seguramente divina que traz o mundo físico à existência a partir da realidade mais vasta do **facto divino**.

Cientificamente, novamente, as unidades de consciência podem ser consideradas os blocos constitutivos da matéria.

Eticamente, as UC representam os extraordinários fundamentos do mundo na **realização de valor**, pois cada unidade de consciência está relacionada com todas as outras, faz parte delas, e cada uma participa na gestalt total da experiência mortal.

E veremos de que modo isto se aplica às vossas atitudes perante as espécies e à relação do homem com outras entidades conscientes e com o planeta que partilha com elas.

No início, então, as UC — unidades de consciência —, existindo dentro de uma gestalt psicológica divina e dotadas da inimaginável criatividade dessa identidade sublime, começaram elas próprias a

criar, explorar e realizar os valores inatos pelos quais se caracterizavam.

Funcionando simultaneamente como ondas e partículas, dirigidas em parte pela própria inquietação criativa e em parte pela criatividade inesgotável de Tudo o Que É, deram início ao projeto que trouxe à existência o tempo, o espaço e todo o vosso universo.

Foram, portanto, **as primeiras entidades.**

Quero que tentem imaginar uma situação na qual exista uma força psicológica que inclua entre as suas capacidades a possibilidade de atuar simultaneamente nos níveis mais microscópicos e mais macroscópicos; que possa formar dentro de si um milhão de identidades separadas, invioláveis e únicas e, ainda assim, continuar a funcionar como parte dessas identidades e como unidade maior que constitui a sua fonte — caso em que é uma onda da qual emergem as partículas.

Essa descrição corresponde às nossas unidades de consciência.

Elas construíram o vosso mundo de dentro para fora.

Enquanto criaturas físicas, focaram-se naquilo que consideram identidades físicas: diferenças separadas e individuais, dotando cada consciência física das suas próprias variações originais e potenciais criativos, da sua própria oportunidade de viver uma experiência completamente original e de um ponto de vista ou

plataforma a partir da qual pudesse participar na realidade — uma experiência que, a esse nível, nenhum outro indivíduo poderia viver exatamente da mesma maneira.

Esta é a experiência privilegiada, sempre nova, privada, imediata e direta de qualquer indivíduo, de qualquer espécie ou grau, ao encontrar o universo objetivo.

Noutros níveis, embora cada individualidade seja preservada, ela é transportada pelas formações ondulatórias da consciência.

Está em todo o lado ao mesmo tempo, e as unidades de consciência que constituem as vossas células conhecem as posições de todas as outras unidades semelhantes, tanto no tempo como no espaço.

No início, portanto, essas unidades funcionavam simultaneamente como identidades ou partículas e como ondas.

A concentração principal ainda não era física, nos vossos termos.

Aquilo a que agora chamam estado de sonho era então o estado de vigília, pois continuava a ser a forma reconhecida de atividade intencional, criatividade e poder.

O estado de sonho continua a constituir uma ligação entre as duas realidades e, enquanto espécie, **aprenderam literalmente a caminhar começando por ser sonâmbulos.**

Caminhavam durante o sono.

Sonharam as vossas linguagens.

Falavam nos sonhos e, mais tarde, escreveram os alfabetos — e o vosso conhecimento e intelecto foram sempre incendiados, aguçados e impulsionados pela grande realidade interior da qual emergiram as vossas mentes.

A matéria física, por si só, nunca poderia produzir consciência.

Uma única mente não poderia surgir apenas por acaso; um único pensamento não poderia saltar de um número infinito de terminações nervosas se a própria matéria não estivesse inicialmente viva de consciência, repleta da intenção de ser.

Um homem que acredita que a vida possui pouco significado abandona-a rapidamente — e uma existência desprovida de significado nunca poderia produzir vida.

O universo também não foi criado exclusivamente para uma única espécie por um Deus que fosse simplesmente uma versão superdimensionada dessa mesma espécie — tão voluntariosa e destrutiva como o homem nos seus piores momentos.

Em vez disso, existe uma dimensão interior de atividade, um vasto campo de criatividade multidimensional, um Criador que se

torna parte de cada uma das suas criações e, contudo, um Criador maior do que a soma das suas partes.

Um Criador que pode conhecer-se como um rato num campo, como o próprio campo, como o continente sobre o qual o campo repousa, como o planeta que contém o continente ou como o universo que contém o mundo.

Uma força que é inteira e, contudo, divisível; que é uma e, simultaneamente, os inconcebivelmente muitos; uma força que é eterna e mortal ao mesmo tempo; uma força que mergulha de cabeça na própria criatividade, formando as estações e experimentando-as também, glorificando-se na individualização e, contudo, permanecendo sempre consciente da grande unidade que existe dentro, por detrás e através de todas as experiências de individualidade.

Uma força da qual, em cada momento, **passados e futuros fluem em todas as direções concebíveis.**

Nos vossos termos temporais, porém, falaremos de um início.

E, nesse início, foram os sonhos do homem primitivo que lhe permitiram lidar com a realidade física.

O mundo dos sonhos foi o seu primeiro campo de aprendizagem.

Em épocas de seca, sonhava com a localização da água.

Em épocas de fome, sonhava com a localização do alimento.

Ou seja, o sonho permitia-lhe perceber clarivamente a configuração do território.

Não desperdiçava tempo nos processos de tentativa e erro que hoje dão por adquiridos.

Nos sonhos, a sua consciência funcionava como onda.

Nesses tempos antigos, todas as espécies partilhavam os seus sonhos de uma maneira que agora se tornou amplamente inconsciente para a vossa espécie.

Assim, nos sonhos, o homem interrogava também os animais — muito antes de aprender, por exemplo, a seguir pegadas.

Onde existe alimento ou água?

Como é o terreno?

O homem explorou o planeta porque **os seus sonhos lhe disseram que a terra estava lá.**

As pessoas estavam muito menos isoladas do que hoje parece, pois, nos sonhos, os primeiros homens comunicavam entre si as suas diferentes localizações, os símbolos das suas culturas e formas de compreensão e a natureza das suas artes.

Todas as invenções que hoje frequentemente consideram ter surgido por acaso — desde a descoberta da primeira ferramenta até à importância do fogo, passando pelo advento da Idade do Ferro ou seja o que for — resultaram da inspiração e da comunicação provenientes do mundo dos sonhos.

O homem sonhou o seu mundo e depois criou-o; e as unidades de consciência sonharam primeiro o homem e todas as outras espécies que conhecem.

Há aqui um ponto que quero salientar antes de avançarmos demasiado:

o mundo dos sonhos não é um campo de atividade sem propósito, ilógico ou não intelectual.

Apenas a vossa própria perspectiva exclui grande parte da sua vasta realidade, pois **o intelecto sonhador poderia envergonhar os vossos computadores.**

Não estou, portanto, a relegar as capacidades intelectuais para segundo plano — estou a dizer que elas emergem, tal como as

conhecem, devido à utilização ininterrupta, pelo self sonhador, de todo o poder conjunto do intelecto e da intuição.

As capacidades intelectuais, tal como as conhecem, não podem comparar-se com essas capacidades muito maiores que fazem parte da vossa própria realidade interior.

As unidades de consciência ajudam efetivamente a formar diferentes tipos de realidades físicas — como o próprio Ruburt insinuou em alguns dos seus poemas.

Existem muitas dimensões que são, por assim dizer, tão físicas como o vosso próprio mundo, mas, se não estiverem focados nelas, não terão qualquer consciência da sua existência e perceberão apenas espaço vazio.

Nada no universo é alguma vez perdido, extraviado ou desperdiçado.

Por isso, a energia dos vossos próprios pensamentos, embora estes continuem a ser os vossos pensamentos, ajuda a formar os atributos naturais de realidades físicas que não percebem.

O vosso próprio mundo é igualmente formado por unidades de consciência.

Os seus elementos naturais são os **vestígios cintilantes de outras unidades de consciência que não veem.**

2. A Formação da Realidade Física

Este universo interior é uma gestalt formada por campos de **energia dotada de consciência** que contêm aquilo a que, por agora, chamaremos «informação» — embora mais tarde tenhamos algumas observações a fazer, pois não se trata do tipo de informação a que estão habituados.

Cada unidade de consciência possui inerentemente dentro de si toda a informação disponível ao todo, e a sua natureza específica, quando funciona como partícula, assenta nesse vasto «corpo» de conhecimento interior.

Qualquer partícula desse género só pode estar onde «está», ser aquilo que é e existir quando existe porque são conhecidas as posições, as posições relativas e as situações de todas as restantes partículas semelhantes.

Nos termos mais profundos, novamente, **o vosso mundo físico começa em cada ponto em que essas unidades de consciência se afirmam para formar realidade física.**

Caso contrário, a vida não poderia ser «transmitida» através das gerações.

Cada unidade de consciência — ou UC — intensifica e amplia a sua própria intenção de ser e, poder-se-ia dizer, faz surgir do seu

interior uma centelha explosiva de desejo primordial que «explode» num processo que provoca materialização física.

Transforma-se então naquilo a que chamei uma **Unidade de Energia Eletromagnética — UEE —**, iniciando assim o seu próprio tipo de experiência física.

Estas UEE também funcionam como campos, ondas ou partículas, tal como as unidades de consciência, mas, nos vossos termos, encontram-se mais próximas da orientação física.

O seu rumo está, por assim dizer, traçado: já iniciaram o tipo específico de processo de filtragem necessário para produzir forma física.

Começam a lidar com os tipos de informação que ajudarão a formar o vosso mundo.

Existem literalmente inúmeros passos antes de as UEE se combinarem, à sua maneira, para formar as mais microscópicas partículas físicas.

E mesmo aqui ocorre um enorme e delicado processo de seleção, à medida que essas unidades se desembaraçam, em determinados níveis operativos, dos seus próprios campos mais vastos de «informação», especializando-se nos diferentes elementos que permitirão produzir átomos e moléculas perfeitamente adequados ao vosso tipo de mundo.

Primeiro, mais uma vez, existem vários estádios daquilo a que poderíamos chamar pseudomatéria, formas oníricas que apenas gradualmente, nesses termos, coalescem e se tornam fisicamente viáveis.

Existem variedades intermináveis de «matéria» entre a matéria que reconhecem e a antimatéria das teorias dos físicos.

Por outras palavras, **a forma existe em muitos outros níveis para além daqueles que reconhecem.**

As vossas formas oníricas são tão reais como as formas físicas.

Simplesmente se ajustam ao seu próprio ambiente noutra nível de atividade e são muito semelhantes aos tipos de formas que possuíam no início do vosso mundo.

Enquanto vocês e todas as outras espécies eram aquilo a que chamei sonâmbulos, os vossos corpos já eram fisicamente capazes.

De certa maneira, ainda não sabiam utilizá-los adequadamente.

Hoje, a partir do estado de vigília, não compreendem como os vossos corpos oníricos parecem conseguir voar pelo ar, desafiar o espaço e até o tempo, conversar com desconhecidos e assim por diante.

Da mesma maneira, porém, houve uma época em que tiveram de aprender a lidar com a gravidade, com o espaço e o tempo, a movimentar-se num mundo de objetos, simplesmente a respirar, a digerir os alimentos e a executar todas as operações biológicas que hoje dão por adquiridas.

Não podiam dar-se ao luxo de se identificar demasiado completamente com esses corpos antes de aprenderem a sobreviver dentro deles.

Por isso, no estado de sonho, começaram os verdadeiros processos da vida, à medida que esses novos corpos e consciências sintonizadas com a Terra se viam mentalmente a exercitar todas as partes do corpo.

Por detrás de tudo isso encontravam-se a extraordinária compreensão e cooperação de todas as unidades de consciência que compõem o corpo, cada uma acrescentando a sua própria informação e conhecimento específico à organização global do corpo, e todas envolvidas nos mais intrincados campos de relações.

Pois **o milagre da eficiência do corpo resulta das relações existentes entre todas as suas partes**, relações que o ligam a outros níveis de existência que não se manifestam fisicamente.

As unidades de consciência — UC —, transformando-se em UEE, formaram o ambiente e todos os seus habitantes no mesmo

processo, de uma maneira que poderiam chamar **circular, e não sequencial**.

Nesses termos, portanto, existem apenas várias manifestações físicas da consciência — não um planeta e os seus habitantes, mas **uma gestalt inteira de consciência dotada de consciência de si**.

Nesses termos, cada porção de consciência fisicamente orientada vê a realidade e a experiência a partir do seu próprio ponto de vista privilegiado, em torno do qual tudo parece girar, embora esse campo possa ser maior ou menor do que o vosso.

Para uma rocha, por exemplo, vocês podem ser considerados uma parte do seu ambiente, enquanto poderão considerar a rocha apenas como parte do vosso.

Simplesmente não estão sintonizados com o alcance da consciência da rocha.

Na realidade, muitos outros tipos de consciência, embora focados segundo as suas próprias modalidades específicas, possuem uma percepção maior do que o homem acerca da natureza unificada da Terra.

Mas o homem, seguindo o seu próprio caminho, também acrescenta à realização de valor de todas as outras consciências de

maneiras que ficam completamente fora dos sistemas habituais de conhecimento.

Se recordarem que, por baixo de tudo, cada unidade de consciência conhece a posição de todas as outras unidades e que essas unidades formam toda a matéria física, talvez consigam acompanhar intuitivamente aquilo que quero dizer.

Pois qualquer conhecimento que o homem alcance, qualquer experiência que uma pessoa acumule, quaisquer artes ou ciências que produzam — toda essa informação é imediatamente percecionada, noutros níveis de atividade, por todas as restantes unidades de consciência que compõem a realidade física, quer essas unidades formem uma rocha, uma gota de chuva, uma maçã, um gato, uma rã ou um sapato.

Os objetos fabricados também são constituídos por átomos e moléculas que assentam sobre unidades de consciência transformadas em UEE e, depois, em elementos físicos.

Aquilo que realmente existe é **consciência manifestada e consciência não manifestada**, embora apenas em termos relativos.

Não percecionam a consciência dos objetos.

Ela não se manifesta para vocês porque o vosso alcance de atividade necessita de limites que enquadrem a imagem da realidade.

Todos os objetos que fabricam também tiveram origem no domínio dos sonhos, sendo primeiro, evidentemente, concebidos mentalmente.

Foi da mesma maneira que o homem produziu as primeiras ferramentas.

Ele nasceu com todas essas capacidades — capacidades pelas quais hoje se caracteriza — e também com outras capacidades que, nos vossos termos, ainda aguardam desenvolvimento.

Não significa que nunca as tenha utilizado, mas sim que não se focou nelas dentro daquilo que consideram as principais linhas de continuidade civilizacional.

Indícios dessas capacidades estão sempre presentes no estado de sonho, nas artes, nas religiões e até nas ciências.

Aparecem na política e nos negócios, mas como um fundo intuitivo amplamente presente e, contudo, largamente ignorado.

Voltaremos a estas questões mais tarde neste livro.

Os sonhos do homem sempre lhe proporcionaram impulso, propósito e significado, além de lhe fornecerem a matéria-prima a partir da qual formou as suas civilizações.

A verdadeira história do mundo é a história dos sonhos do homem, pois estes foram responsáveis, de uma forma ou de outra, por todos os desenvolvimentos históricos.

Foram responsáveis pelo nascimento da agricultura e da indústria, pela ascensão e queda das nações, pela «glória» e destruição de Roma.

Os vossos atuais avanços tecnológicos podem quase ser datados desde a invenção da imprensa até às invenções de Edison, que constituíram lampejos intuitivos inspirados pelos sonhos.

Mas, se aquilo que vos estou a dizer é verdadeiro, então é evidente que, quando afirmo que o vosso mundo físico teve origem no mundo dos sonhos, quero dizer algo muito diferente da definição habitual de realidade onírica.

Poderia novamente escolher outro termo, mas quero salientar o **contacto íntimo** que cada pessoa possui com essa outra realidade e que ocorre naquilo a que chamam estado de sonho.

Essa analogia ajudar-vos-á, pelo menos intuitivamente, a compreender a existência de situações como sofrimento e pobreza, que de outra forma parecem não possuir explicações adequadas.

Espero também explicar comportamentos da natureza que parecem certamente implicar a sobrevivência dos mais aptos segundo uma lógica de dentes e garras, ou, por um lado, os atos punitivos de um Deus vingativo e, por outro, o triunfo de uma força maligna.

Por agora, porém, no nosso relato das origens, continuamos a ter um universo espasmódico que aparece e desaparece — e que, gradualmente, nesses termos, se manifesta durante períodos cada vez mais longos.

Aquilo que realmente existia no início eram **imagens sem forma, adotando lentamente forma**, aparecendo e desaparecendo, depois estabilizando-se em formas que ainda não eram completamente físicas.

Essas formas assumiram depois todas as características daquilo que atualmente consideram matéria física formada.

À medida que tudo isto ocorria, a consciência assumia orientações cada vez mais específicas e organizações cada vez maiores do vosso lado.

No «outro extremo», desembaraçava-se de campos de atividade mais vastos para permitir esse comportamento específico.

Todas essas unidades de consciência, novamente, funcionam como entidades — ou partículas — ou como ondas ou forças.

Nesses termos, **a consciência formou a experiência do tempo — e não o contrário.**

3. Grandes Expetativas

O ano de 1980 existe agora, neste momento, em todas as suas versões potenciais.

Como estão envolvidos acontecimentos de massa, não existe, naturalmente, um ano completamente diferente para cada indivíduo sobre a face do planeta — mas existem literalmente inúmeras versões coletivamente partilhadas de 1980 «nos bastidores», por assim dizer.

A questão não é tão simples como decidir apenas que acontecimentos desejam materializar como realidade, pois possuem já, nos vossos termos, um conjunto de probabilidades de um tipo ou de outro estabelecido como matéria-prima para o ano que se aproxima.

Seria bastante improvável que tu, Joseph, te transformasses subitamente num alfaiate, por exemplo, pois nenhuma das tuas escolhas entre probabilidades conduziu nessa direção.

Da mesma maneira, é altamente improvável que a Inglaterra se transforme subitamente, no próximo ano, numa nação muçulmana.

Mas, dentro do alcance das probabilidades viáveis, das escolhas privadas e coletivas, os povos do mundo estão a escolher os seus prováveis anos de 1980.

Qualquer ação provável considerada por uma pessoa faz parte do pensamento consciente dessa pessoa.

Logo abaixo, porém, as pessoas também consideram outros conjuntos de probabilidades que podem ou não chegar ao nível consciente, simplesmente porque são desviados ou porque não encontram reconhecimento consciente.

Quero que tentem imaginar os acontecimentos reais, tal como os concebem, como **representações vitalizadas de probabilidades** — isto é, como versões físicas de probabilidades mentais.

As probabilidades que não ocupam conscientemente a vossa atenção permanecem psicologicamente periféricas: estão lá e, ao mesmo tempo, não estão, por assim dizer.

A vossa mente consciente só consegue aceitar uma determinada sequência de probabilidades como experiência reconhecida.

Como já disse, as escolhas entre probabilidades ocorrem constantemente, tanto a níveis conscientes como inconscientes.

Os acontecimentos que não percebemos como experiência consciente fazem, contudo, em certa medida, parte da nossa experiência inconsciente.

Isto aplica-se ao indivíduo e, naturalmente, à escala coletiva, aplica-se igualmente aos acontecimentos mundiais.

Cada ação procura todas as suas possíveis realizações.

Tudo o Que É procura toda a experiência possível, mas dentro de uma estrutura tão mais vasta que questões como dor ou morte simplesmente não se aplicam — embora, naturalmente, se apliquem ao nível físico.

Grandes expectativas, fundamentalmente, nada têm a ver com grau, pois até uma folha de erva está cheia de grandes expectativas.

As grandes expectativas assentam numa fé na natureza da realidade, numa fé na própria natureza, numa fé na vida que vos é dada, seja qual for o seu grau — e todas as crianças, por exemplo, nascem com essas expectativas.

Os contos de fadas são muitas vezes — embora nem sempre — portadores de uma espécie de conhecimento subterrâneo.

E os maiores contos de fadas são sempre aqueles nos quais triunfam as maiores expectativas:

os elementos desfavoráveis do mundo físico podem ser transformados num abrir e fechar de olhos através de grandes expetativas.

A vossa educação diz-vos que tudo isso é absurdo, que o mundo é definido exclusivamente pelos seus aspetos físicos.

Quando pensam em poder, pensam, por exemplo, em energia nuclear ou energia solar — mas o verdadeiro poder é a energia criativa existente nas mentes humanas que lhes permite utilizar esses poderes, energias e forças.

O verdadeiro poder reside na imaginação que ousa especular acerca daquilo que ainda não existe.

A imaginação, apoiada por grandes expetativas, pode produzir praticamente qualquer realidade dentro do alcance das probabilidades.

Todas as versões possíveis de 1980 acontecerão.

Com exceção daquela em que se fixarem, todas as restantes permanecerão psicologicamente periféricas, no fundo da vossa experiência consciente — mas todas essas versões possíveis estarão ligadas umas às outras de uma forma ou de outra.

As lições importantes nunca apareceram realmente nas vossas sociedades: a utilização mais benéfica da vontade dirigida,

associada a grandes expectativas e ao conhecimento das atividades da Estrutura 1 e da Estrutura 2.

Muito simplesmente:

- Querem alguma coisa.
- Concentram-se nela conscientemente durante algum tempo.
- Imaginam conscientemente que se desloca para a linha da frente das probabilidades, aproximando-se da vossa realidade.
- Depois deixam-na cair, como uma pedra, na Estrutura 2.
- Esquecem-na tanto quanto possível durante cerca de duas semanas e repetem esse processo segundo um determinado ritmo.

Essas práticas ajudam a focar tanto a mente como a imaginação.

Esse foco ajuda-vos **a agir, a ser**.

No nosso livro, farei o possível para explicar a origem do vosso universo de maneira a que a maioria das questões pertinentes

obtenha resposta, mas o conceito atual de realidade do homem é tão limitado que terei frequentemente de recorrer a analogias.

Nos termos mais fundamentais, à medida que 1980 acontece, a energia que entra no vosso universo é tão **nova** como se, nos vossos termos, o mundo tivesse sido criado ontem — um ponto que será bastante difícil de explicar.

Todas as versões prováveis de 1980 produzem os seus próprios passados prováveis, bem como os seus próprios futuros prováveis.

E qualquer consciência que exista em 1980 fazia parte, novamente nesses termos, daquilo que consideram o início do mundo.

Tal como todo o caso dos reféns americanos no Irão, qualquer acontecimento físico serve de foco que atrai todas as suas versões e resultados prováveis.

A situação dos reféns é um sonho coletivo materializado, destinado a assumir importância e vitalidade nas plataformas políticas e religiosas da realidade, destinado a dramatizar um conflito de crenças e a projetar esse conflito para o domínio do conhecimento público.

Todos os envolvidos eram, consciente e inconscientemente, participantes voluntários nos níveis mais fundamentais do comportamento humano.

E não é, naturalmente, coincidência que 1980 seja imediatamente precedido por esse acontecimento.

O que fará o mundo com ele?

Os vossos sistemas de televisão e notícias fazem, naturalmente, parte do próprio acontecimento.

De certo modo, é muito melhor que estes acontecimentos tenham ocorrido agora e da maneira como ocorreram, para que os problemas se tornem claramente visíveis na arena mundial.

Na realidade, assumem assim uma natureza muito menos violenta do que poderiam ter assumido de outra maneira.

As crenças religiosas serão examinadas de uma forma nunca antes vista, assim como as suas ligações e filiações políticas.

O mundo árabe continua a precisar do Ocidente e, mais uma vez, é melhor que essas questões venham agora à luz, enquanto é ainda obrigado, em certa medida, a considerar o resto do mundo.

Não deem pessoalmente mais atenção consciente, nenhum de vocês, a acontecimentos que não desejam que ocorram.

Qualquer concentração desse gênero, seja qual for o seu grau, liga-vos a essas probabilidades.

Por isso, concentrem-se naquilo que desejam e, no que diz respeito aos acontecimentos públicos, partam do princípio de que, por vezes, até os homens são mais sábios do que sabem.

4. O Mundo como Sonho

Cada um de vocês estava presente no início do mundo, embora possa agora estar presente no mundo de uma maneira algo diferente.

Recordem que cada unidade de consciência é um fragmento de Tudo o Que É, uma porção divina.

Talvez assim aquilo que estou prestes a explicar faça mais sentido.

Durante algum tempo, nos vossos termos, os sonâmbulos permaneceram mais ou menos nesse nível de atividade e, durante muitos séculos, utilizaram a superfície da Terra como uma espécie de pano de fundo para outra atividade.

A sua verdadeira vida era aquilo a que hoje chamariam a vida onírica.

Trabalhavam mentalmente enquanto dormiam, construindo nas suas mentes individuais e nos seus esforços mentais conjuntos todas as extraordinárias imagens que mais tarde se tornariam um reservatório mental do qual os homens poderiam retirar material.

Nesse conjunto multidimensional, a consciência aprendeu mentalmente a formar-se em UEE, átomos e moléculas, elétrons e cromossomas.

Formou mentalmente os padrões através dos quais toda a vida física poderia fluir.

O mundo entrou então em existência física.

Essas unidades de consciência são indestrutíveis e vitalizadas, independentemente das formas que assumam.

E, enquanto as formas humanas ainda eram imagens oníricas, a consciência tecia as formas em matéria física.

A consciência possui uma agilidade inimaginável sem jamais perder qualquer potência.

Essas unidades de consciência podem, por exemplo, misturar-se e combinar-se com outras, formando milhões de sequências diferentes de memória e desejo, realização neural e reconhecimento, estrutura e desenho.

Atualmente leem a vossa própria consciência de uma forma que poderíamos chamar **vertical**, identificando-se apenas com determinadas porções dela.

Parece-vos que qualquer outra organização da percepção, qualquer outro reconhecimento da identidade, teria necessariamente de negar a vossa própria identidade ou torná-la inoperante.

No início do mundo, porém, existiam inúmeros agrupamentos e filiações de consciência, muitas outras organizações de identidade que eram reconhecidas, além do tipo de orientação psicológica que possuem agora.

Mas o vosso tipo de orientação não era o predominante.

Embora, de modo geral, as espécies terrestres existissem desde o início nas formas pelas quais hoje as conhecem, a consciência das espécies era bastante diferente.

Todas as espécies estavam muito mais intimamente relacionadas através de diferentes formas de identificação que, entretanto, passaram para as regiões subterrâneas da consciência.

Inicialmente, portanto, **o mundo era um sonho**, e aquilo que consideram consciência de vigília era a consciência sonhadora.

Nesse sentido, todo o ambiente terrestre foi construído mentalmente, átomo consciente por átomo consciente — cada átomo sendo, novamente, inicialmente formado por unidades de consciência.

Já disse que essas unidades podem funcionar como entidades e como forças.

Portanto, não estamos a falar de uma mecânica mental, mas de entidades no verdadeiro sentido da palavra: entidades com propriedades criativas e psíquicas inimagináveis, fragmentos intencionais projetados a partir da mente infinita quando essa mente estava preenchida pela inspiração que deu luz ao mundo.

Essas entidades, tão antigas nos vossos termos, deixaram fragmentos de si próprias em **transe**, por assim dizer, que formam as rochas e colinas, as montanhas, o ar, a água e todos os elementos que existem sobre a face da Terra.

Essas entidades estão em transe, nesses termos, mas a sua potência não diminuiu, e existe comunicação constante entre elas.

Também existe comunicação constante entre elas e vocês, em níveis diferentes daqueles que reconhecem, de modo que ocorre uma interação incessante entre cada espécie e o seu ambiente.

Não existe qualquer ponto em que a consciência termine e o ambiente comece, ou vice-versa.

Cada forma de vida é criada juntamente com todas as outras formas — ambiente e organismo, nesses termos, criando-se mutuamente.

Depois de as formas se tornarem plenamente físicas, contudo, todas as espécies funcionaram como sonâmbulos durante muitos séculos, embora, na escala existente então, a passagem do tempo não fosse considerada da mesma maneira.

Durante esse período realizou-se o trabalho de unir a consciência não física à matéria.

Os efeitos da gravidade, por exemplo, estabilizaram-se.

As estações assumiram os ritmos mais adequados às criaturas existentes nas diferentes regiões.

O ambiente e as criaturas ajustaram-se mutuamente.

Até então, as principais comunicações tinham seguido os padrões característicos das unidades de consciência, cada unidade conhecendo a sua relação com todas as outras existentes no planeta.

As criaturas dependiam dos sentidos interiores enquanto aprendiam a utilizar os novos e altamente específicos sentidos físicos, que localizavam a percepção no tempo e no espaço.

Essa localização precisa da percepção foi de importância vital, pois, com o pleno despertar da consciência na carne, as interseções com o espaço e o tempo tinham de ser impecáveis.

Os corpos oníricos tornaram-se físicos e, através da utilização dos sentidos, sintonizaram-se com frequências físicas — frequências de tal poder e atração que alcançariam criaturas de todas as espécies, desde o micróbio ao elefante, mantendo-as unidas numa teia coerente de alinhamento espaço-temporal.

No início, os sonhos do homem estavam, em determinados termos, diretamente relacionados com a sobrevivência física.

Forneciam-lhe informação — informação que, necessariamente, os novos sentidos físicos não podiam conter.

Esses sentidos só podiam perceber o ambiente imediato, mas os sonhos do homem compensavam essa limitação e completavam a sua consciência, fornecendo-lhe o benefício daquela informação generalizada mais vasta à qual outrora tivera fácil acesso.

Enquanto dormia, o homem podia recorrer aos bancos de informação contidos nas unidades de consciência que constituíam a sua própria carne.

Quando sonhava, o homem regressava efetivamente a um estado anterior à vigília, do qual a própria vida física tinha emergido.

Só que agora era uma criatura nova, um novo tipo de consciência — e o mesmo acontecia com todas as outras espécies.

Nos sonhos, todas as espécies voltavam a familiarizar-se com as antigas filiações e liam as próprias identidades de maneiras diferentes.

«Recordavam como tinha sido.»

Recordavam que se tinham formado umas às outras.

Admito que esta história é muito mais difícil de compreender do que uma simples narrativa de Deus criando o mundo, ou da produção efetiva do mundo num universo sem sentido através das escorregadias mãos do acaso.

E, contudo, a minha história é mais magnífica porque elementos da sua verdade encontrarão ressonância nas mentes e nos corações daqueles que estiverem suficientemente abertos para escutar.

Pois as próprias mentes humanas estão vivas com o desejo de interpretar corretamente e possuem consciência da sua vasta herança.

Não se trata simplesmente de o homem possuir uma alma que é, de algum modo, abençoada enquanto o resto dele não o é.

Pelo contrário, nesses termos, **tudo aquilo que conhece, independentemente do tamanho ou grau, é constituído de «substância de alma».**

Cada porção possui a sua própria identidade e validade — e nenhuma porção é alguma vez aniquilada ou destruída.

A forma pode mudar.

Tenho necessariamente de contar esta história em termos sequenciais, mas o mundo e todas as suas criaturas surgem, na realidade, como uma composição musical espontaneamente criada e perpetuamente executada, na qual as próprias notas estão vivas e se tocam a si próprias.

Os músicos e as notas são uma e a mesma coisa.

O propósito e a execução são uma só coisa.

Cada nota tocada continua a fazer soar todas as suas próprias versões prováveis, formando todas as suas composições prováveis enquanto, ao mesmo tempo, participa em todos os temas, melodias e notas das outras composições.

Assim, cada nota, ao soar, define-se a si própria e, contudo, existe igualmente em virtude da sua posição na composição enquanto totalidade.

A mente consciente não consegue lidar com esse tipo de criatividade multidimensional.

Contudo, pode expandir-se para uma nova espécie de reconhecimento quando é transportada pelo seu próprio tema, continuando ainda assim a ser ela própria.

De certo modo, o vosso mundo segue o seu próprio tema dentro da composição da criatividade.

Querem saber em que ponto entraram nessa produção musical, por assim dizer.

Utilizo aqui uma analogia musical, embora simples, para mostrar que também estamos a lidar com **frequências de percepção**.

Estão sintonizados com a orquestração da Terra, e a vossa percepção do tempo é simplesmente resultado de hábitos — hábitos de percepção que tiveram de aprender no início do mundo.

Aprenderam esses hábitos à medida que os vossos sentidos físicos se tornavam gradualmente mais despertos e específicos.

Aprenderam a «situar-se no tempo», mas percepções mais vastas permaneceram sempre no fundo das vossas consciências e no estado de sonho.

É a grande atividade do estado de sonho que vos permite, enquanto criaturas psicológicas e físicas, **reconhecer e habitar o mundo que conhecem.**

Síntese Operativa

1. A consciência habitual é apenas uma faixa estreita

Seth começa por mostrar que a consciência de vigília reconhece apenas uma pequena porção da atividade que sustenta o corpo e a realidade.

consciência habitual → seleção limitada de sinais

Por baixo dela permanecem:

comunicações celulares + padrões neurais de fundo + atividade precognitiva

Logo:

o que não percebemos conscientemente continua a participar na organização da realidade

2. As células operam numa rede de consciência

Cada célula:

comunica → decide → responde → coordena

e encontra-se ligada a todas as outras através de:

campos de consciência

A estabilidade corporal depende dessa comunicação instantânea.

Seth sugere que, em determinados níveis:

células e eletrões não estão presos ao tempo da mesma forma
que a mente consciente

3. Os acontecimentos nascem primeiro como atividade psicológica

Um ponto central do capítulo:

acontecimento físico ≠ agregado inicial de partículas

Antes:

atividade psicológica → organização → manifestação física

A forma existe potencialmente antes de se tornar visível.

Seth descreve esse processo como:

atividade interior → adensamento → forma

4. As unidades de consciência são anteriores à matéria

As **UC — unidades de consciência** são apresentadas como os blocos fundamentais a partir dos quais a matéria se organiza.

Podem funcionar como:

partícula → identidade localizada

onda → identidade não limitada espacialmente

Quando operam como partículas:

estabelecem limites → assumem particularidade → tornam-se individuais

Quando operam como ondas:

não estabelecem fronteiras rígidas → podem estar em vários lugares simultaneamente

5. Individualidade e totalidade coexistem

Uma UC pode tornar-se individual sem perder a ligação ao campo mais vasto.

Logo:

individualização ≠ separação absoluta

Cada unidade contém conhecimento das restantes porque, noutros níveis, continua a funcionar como onda.

Assim:

identidade local + pertença ao todo = simultâneas

6. A consciência constrói o mundo de dentro para fora

Seth sintetiza:

UC → campos de consciência → UEE → matéria física

As UC são:

- entidades;

- forças;
- ondas;
- partículas.

A sua atividade culmina na manifestação física.

Daí a frase nuclear:

Elas construíram o vosso mundo de dentro para fora.

7. A experiência individual é única porque o foco é único

Cada consciência física recebe:

variações próprias + potenciais próprios + ponto de vista próprio

A experiência de cada ser é:

privada + imediata + irrepetível

Mesmo inserida no todo, cada consciência possui uma perspectiva que nenhuma outra pode reproduzir exatamente.

8. O sonho foi originalmente o estado dominante

No início:

estado de sonho = estado principal de atividade

A vigília, tal como hoje a conhecemos, ainda não era predominante.

Os primeiros seres humanos:

**sonhavam → aprendiam → comunicavam → organizavam
realidade**

A vida onírica não era fuga da realidade.

Era o seu laboratório primordial.

9. O homem aprendeu primeiro a viver fisicamente nos sonhos

Seth afirma que:

aprenderam a caminhar sendo sonâmbulos

Antes de dominar o corpo fisicamente, a consciência exercitava:

- movimento;
- linguagem;
- orientação;
- sobrevivência;
- coordenação corporal;

no estado de sonho.

Logo:

sonho → ensaio interior → competência física

10. A matéria nunca poderia, por si só, gerar consciência

Seth rejeita frontalmente:

matéria morta → acaso → consciência

A sua posição é:

matéria já contém consciência

Portanto:

consciência não aparece depois da matéria

A matéria é uma forma assumida pela própria consciência.

11. O Criador está dentro da criação

Tudo o Que É não permanece exterior ao universo.

O Criador:

torna-se rato + campo + continente + planeta + universo

É simultaneamente:

uno + múltiplo

inteiro + divisível

eterno + mortal nas suas expressões

Logo:

o Criador conhece-se através das suas próprias formas

12. Passado e futuro emergem em múltiplas direções

Da realidade mais vasta:

passados + futuros → fluem em todas as direções

Isto reforça que o tempo linear é apenas uma leitura localizada de uma criatividade multidimensional.

13. O mundo dos sonhos foi o primeiro campo de aprendizagem

Os sonhos forneciam:

informação geográfica + alimento + água + orientação + comunicação

Antes da tentativa e erro física, existia:

acesso interior à informação

O homem aprendia nos sonhos aquilo que depois realizava fisicamente.

14. As espécies comunicavam através do sonho

No início:

homem ↔ animais ↔ outras espécies

partilhavam informação através do estado onírico.

A separação atual entre espécies corresponde a uma perda de foco consciente dessa comunicação, não necessariamente ao seu desaparecimento.

15. As civilizações foram primeiro sonhadas

Ferramentas, fogo, agricultura, indústria, ciência e cultura surgem segundo Seth a partir de:

inspiração onírica → ideia → manifestação

Por isso:

a verdadeira história do mundo = história dos sonhos humanos

A civilização física é exteriorização de atividade interior.

16. O intelecto sonhador é mais vasto que o intelecto de vigília

Seth recusa a ideia de que o sonho seja irracional ou intelectualmente inferior.

Pelo contrário:

self sonhador → intelecto + intuição unidos

As capacidades intelectuais conscientes seriam apenas uma versão reduzida de uma inteligência interior muito mais ampla.

17. Existem outras realidades físicas que não percebemos

As UC formam também:

outros tipos de matéria + outras realidades físicas

Se não estivermos focados nessas realidades:

percecionamos espaço vazio

Logo:

ausência de percepção ≠ ausência de realidade

18. Nada no universo é desperdiçado

A energia dos pensamentos:

não desaparece

Pode contribuir para formar características de outras realidades que não percecionamos.

Assim:

pensamento → energia → participação noutras estruturas de realidade

19. A manifestação física passa por estágios

Antes da matéria física estabilizada, Seth descreve:

pseudomatéria → formas oníricas → coalescência → matéria viável

A forma existe em vários níveis.

Logo:

forma física = um estado entre muitos possíveis

20. Corpo e ambiente são formados simultaneamente

As UEE formam:

organismo + ambiente

não em sequência, mas:

circularmente

Isto significa:

organismo cria ambiente ↔ ambiente cria organismo

Não existem dois sistemas independentes.

21. Não há fronteira absoluta entre consciência e ambiente

Seth afirma:

não existe ponto onde consciência termina e ambiente começa

A realidade é uma rede de relações.

Assim:

ser + ambiente = sistema único de criação mútua

22. A consciência da rocha não é inexistente, apenas não é a nossa

A diferença entre espécies ou formas não é:

consciência vs ausência de consciência

mas:

diferentes focos de consciência

Não percebemos a consciência da rocha porque:

não estamos sintonizados com o seu alcance

23. Toda a realidade física partilha informação

Cada UC conhece a posição das restantes.

Logo:

**qualquer experiência individual → informação disponível
noutros níveis**

Conhecimento humano, arte, ciência e experiência pessoal entram numa rede mais vasta de consciência.

24. A realidade manifesta necessita de enquadramento

Não percebemos a consciência dos objetos porque o nosso foco exige:

limites + enquadramento + seleção

Para existir uma imagem estável da realidade:

algumas coisas devem aparecer → outras devem permanecer no fundo

25. A consciência criou a experiência do tempo

Um dos pontos mais importantes:

tempo não criou consciência

Foi:

consciência → forma de percepção → experiência de tempo

O tempo emerge como hábito de foco.

26. O presente contém múltiplas probabilidades

O exemplo de 1980 mostra:

futuro = conjunto de probabilidades

Não existe apenas uma sequência futura pronta.

Existem:

**múltiplas versões potenciais → algumas materializadas →
outras periféricas**

27. O acontecimento físico é uma probabilidade vitalizada

Seth define:

**acontecimento físico = versão materializada de uma
probabilidade mental**

A mente consciente aceita apenas determinadas sequências.

As restantes:

continuam psicologicamente periféricas

28. Imaginação e expectativa dirigem probabilidades

A imaginação não é apresentada como fantasia passiva.

É:

força seletiva dentro do campo das probabilidades

Quando acompanhada por grandes expetativas:

**imaginação → aproxima possibilidade → aumenta
probabilidade de manifestação**

29. Grandes expetativas são uma confiança fundamental na vida

Até uma folha de erva possui, segundo Seth:

grandes expetativas

Isto significa:

**confiança na continuação + impulso para realização +
abertura ao futuro**

É uma fé incorporada na própria natureza da vida.

30. Estrutura 1 e Estrutura 2 articulam intenção e manifestação

O processo descrito é:

**intenção consciente → imaginação → entrega à Estrutura 2
→ afastamento mental → manifestação possível**

Não se trata de controlo obsessivo.

É uma alternância entre:

foco + entrega

31. A atenção liga-nos às probabilidades

Seth afirma:

**aquilo em que nos concentramos → liga-nos a determinadas
probabilidades**

Por isso:

foco repetido em acontecimentos indesejados → reforço da relação com essas possibilidades

A recomendação é:

concentrar-se no desejado → não alimentar continuamente o indesejado

Esqueleto central do capítulo

Tudo o Que É

- UC
 - ondas e partículas
 - individualidade sem separação
 - UEE
 - pseudomatéria
 - matéria física
 - corpo + ambiente surgem conjuntamente
 - sonho organiza experiência física
 - espécies comunicam interiormente
 - civilizações são primeiro sonhadas
 - consciência cria tempo
 - probabilidades tornam-se acontecimentos
 - imaginação e expectativa orientam manifestação
-

Núcleo do capítulo

Este capítulo aprofunda uma ideia decisiva:

a realidade física não é a origem do processo — é uma consequência dele.

A sequência fundamental é:

**Consciência → imaginação → relação → organização → forma
→ experiência**

E, ao mesmo tempo:

individualidade não rompe a unidade;
manifestação não elimina o não manifestado;
vigília não substitui o sonho;
tempo não precede a consciência.

A fórmula central do capítulo pode condensar-se assim:

A consciência sonha possibilidades, seleciona frequências, forma matéria, estabiliza tempo e transforma probabilidades em experiência.

CAPÍTULO 4

Os Antigos Sonhadores

Durante aquilo que, segundo a vossa escala temporal, vos pareceriam eras, os homens permaneceram no estado de sonho durante muito mais tempo do que no estado de vigília.

Dormiam longas horas, tal como os animais — despertando, por assim dizer, para exercitar o corpo, obter alimento e, mais tarde, acasalar.

Era realmente um mundo semelhante a um sonho, mas extremamente encantador e vital. Nele, as imaginações sonhadoras brincavam exuberantemente com todas as probabilidades envolvidas nesta nova aventura: imaginavam as várias formas possíveis de linguagem e comunicação; teciam grandes narrativas oníricas de civilizações futuras, completas com as suas próprias histórias incorporadas; e construía — porque agora estavam associadas ao tempo — estruturas mentais que criavam automaticamente passados, bem como futuros.

Esses antigos sonhos eram, até certo ponto, partilhados por cada consciência envolvida na aventura terrestre, de modo que criaturas e ambiente formavam em conjunto grandes realidades ambientais.

Vales e montanhas, juntamente com os seus habitantes, **sonharam-se a si próprios até adquirirem existência e coexistência.**

As espécies — **do vosso ponto de vista** — viviam, nesses termos, a um ritmo muito mais lento.

O sangue, por exemplo, não precisava de circular tão rapidamente pelas veias e artérias, nem o coração precisava de bater tão depressa.

E, de uma forma importante, a coordenação entre a criatura e o seu ambiente não precisava de ser tão precisa, pois existia uma troca elástica de consciência entre ambos.

De maneiras quase impossíveis de descrever, as regras fundamentais ainda não estavam firmemente estabelecidas.

A própria gravidade ainda não exercia o seu domínio omnipresente, de modo que o ar era mais flutuante.

O homem tinha consciência do seu apoio de uma maneira luxuosa e íntima.

Tinha consciência de si próprio de forma diferente, de modo que, por exemplo, a sua identificação com o self não terminava onde terminava a pele: podia segui-la para fora, através do espaço em

torno da sua forma, e senti-la fundir-se com a atmosfera numa experiência sensorial primordial que esqueceram.

Durante esse período, incidentalmente, a atividade mental da mais elevada e original natureza constituía a característica mais forte do sonho, e o conhecimento adquirido pelo homem foi gravado no cérebro físico: aquilo que hoje constitui atividade inteiramente inconsciente, envolvendo as funções do corpo, a sua relação com o ambiente, o equilíbrio, a temperatura e as constantes alterações interiores.

Todas essas atividades extremamente complexas foram aprendidas e praticadas no estado de sonho, à medida que as UC traduziam o seu conhecimento interior, através do sonho, para a forma física.

Então, nos vossos termos, o homem começou, juntamente com as outras espécies, a despertar mais plenamente para o mundo físico, a desenvolver os sentidos exteriores e a intersetar-se delicada e precisamente com o espaço e o tempo.

Contudo, o homem continua a dormir e a sonhar, e esse estado permanece uma ligação firme às suas próprias origens — e também às origens do universo tal como o conhece.

O homem **sonhou as suas linguagens.**

Sonhou como utilizar a língua para formar palavras.

Nos sonhos, praticou a forma de encadear palavras para produzir significados, até que finalmente conseguiu começar conscientemente uma frase sem saber exatamente como a tinha iniciado, mas confiando que conseguiria e iria completá-la.

Todas as linguagens têm como fundamento a linguagem que era falada nos sonhos.

A necessidade de linguagem surgiu, contudo, à medida que o homem se tornou menos sonhador e mais imerso nas especificidades do espaço e do tempo, pois, no estado de sonho, a comunicação com os seus semelhantes e com outras espécies era instantânea.

A linguagem surgiu, portanto, para substituir essa comunicação interior.

Existe uma grande unidade subjacente em todas as chamadas culturas primitivas do homem — nos desenhos das cavernas e nas religiões — porque todas eram alimentadas pela mesma fonte comum, à medida que o homem procurava transpor o conhecimento interior para a realidade física.

O corpo aprendeu a manter a estabilidade, a força e a agilidade, a alcançar um estado de equilíbrio em resposta complementar ao clima e aos elementos e a sonhar cálculos que a mente consciente, por si só, não conseguiria conter.

O corpo aprendeu a curar-se durante o sono, nos seus sonhos — e, a determinados níveis desse estado, ainda hoje cada porção de consciência contribui para a saúde e estabilidade de todas as outras porções.

Longe de terem um universo regido por garras e punhais, possuem um universo cujo próprio fundamento assenta na **cooperação amorosa entre todas as suas partes**.

Isso é um dado adquirido.

A dádiva da vida traz consigo a realização efetiva dessa cooperação, pois as partes do corpo existem como uma unidade devido a relações interiores de natureza cooperativa; e essas relações já existem no momento do nascimento, quando ainda são inocentes de quaisquer crenças culturais que possam afirmar o contrário.

Se não fosse essa cooperação amorosa mais fundamental e inicial — uma qualidade inerente à própria vida —, a vida não teria continuado.

Cada indivíduo de cada espécie toma esse entusiasmo e alegria iniciais da vida como a sua própria medida.

Cada indivíduo, seja qual for a espécie, e cada consciência, seja qual for o seu grau, procura automaticamente **aumentar a**

qualidade da própria vida — não apenas para si, mas também para toda a realidade.

Essa é uma característica inerente à vida, independentemente das crenças que vos possam levar a interpretar erradamente as ações da natureza, apresentando algumas das suas criaturas sob uma luz condenável.

De certo modo, esses antigos sonhadores, através da sua imensa criatividade, sonharam todas as criaturas da vida em todos os seus passados, presentes e futuros — isto é, os seus sonhos abriram as portas do espaço e do tempo a entidades que, de outra forma, não teriam sido libertadas para a manifestação, tal como, por exemplo, as unidades de consciência foram outrora libertadas da mente de Tudo o Que É.

Todas as entidades possíveis que alguma vez podem ser realizadas existem sempre.

Sempre existiram e sempre existirão.

Tudo o Que É, pelas próprias características, tem de ser tudo aquilo que alguma vez pode ser e, por isso, não pode existir fim para a existência — nem, nesses termos, um início.

Mas, nos termos do vosso mundo, as unidades de consciência, funcionando simultaneamente como forças e como entidades psicológicas de enorme poder, plantaram as sementes do vosso

mundo numa dimensão de poder imaginativo que deu origem à forma física.

Nos vossos termos, essas entidades são os vossos antepassados — e, contudo, não são apenas vossos, mas os antepassados de todas as consciências que constituem o vosso mundo.

É fácil viver — tão fácil que, embora vivam, descansem, criem, respondam, sintam, toquem, vejam, durmam e despertem, não precisam realmente de se esforçar para fazer nenhuma dessas coisas.

Do vosso ponto de vista, elas são feitas por vocês.

São feitas por vocês na Estrutura 2 — e, incidentalmente, novas discussões sobre a Estrutura 2 serão entrelaçadas ao longo do nosso livro atual.

As vossas crenças dizem-vos frequentemente, contudo, que a vida é difícil, que viver é difícil, que o universo é, mais uma vez, inseguro e que têm de utilizar todos os vossos recursos — não para enfrentar a vida com algo semelhante a um abandono alegre, naturalmente, mas para se protegerem das ameaças que lhe atribuem, ameaças que foram ensinados a esperar.

Mas as vossas crenças não ficam por aí.

Por causa tanto das crenças científicas como religiosas, na civilização ocidental acreditam que também existem ameaças provenientes do interior.

Como resultado, esquecem os vossos selves naturais e envolvem-se numa cultura secundária, amplamente imaginária: crenças projetadas negativamente no futuro, tanto individual como coletivamente.

As pessoas respondem através de doenças de um tipo ou de outro, ou mediante comportamentos exagerados.

Viver é fácil.

É seguro e fiável precisamente porque é fácil.

Durante este período a que chamámos período dos sonhadores, ocorreram determinadas ações subjetivas à medida que a «estrutura» da consciência sintonizada com a Terra formava os fenómenos do «self».

Aquilo de que se necessitava era de um self físico altamente focado e precisamente sintonizado, capaz de funcionar eficientemente dentro de um esquema de espaço e tempo que estava a ser formado juntamente com as criaturas físicas — um self que, contudo, teria de ser sustentado, de uma forma ou de outra, por domínios de informação e conhecimento fundamentalmente independentes do espaço e do tempo.

Um conhecimento indispensável e, contudo, um conhecimento que não podia ser autorizado a distrair o foco físico.

De uma forma ou de outra, essa informação interior tinha de ligar cada consciência existente sobre a face do planeta.

As criaturas terrestres tinham de conseguir reagir num instante, embora os mecanismos interiores que tornavam essas reações possíveis se baseassem em cálculos que não poderiam ser mantidos conscientemente na mente.

No vosso esquema temporal, por exemplo, nunca poderiam mover-se tão rapidamente como fazem se tivessem de operar conscientemente todos os músculos envolvidos no movimento — ou na fala, ou em qualquer outra atividade corporal semelhante.

Certamente não poderiam comunicar a nível físico se primeiro tivessem de estar conscientes de todos os mecanismos da fala, operando-os conscientemente antes de pronunciar uma palavra.

Contudo, tinham de possuir esse tipo de conhecimento e tinham de possuí-lo de uma maneira que não interferisse com os vossos pensamentos conscientes.

Fundamentalmente, não existem verdadeiras divisões no self, mas, para fins explicativos, temos de falar delas nesses termos.

Primeiro, existia o **self interior**, o self criativo e sonhador — constituído, novamente, por unidades de consciência, energia dotada de consciência que forma a vossa identidade e que formou as identidades dos primeiros habitantes da Terra.

Esses selves interiores formaram em torno de si os seus próprios corpos oníricos, como já foi explicado, mas esses corpos oníricos não precisavam de possuir reações físicas.

Eram livres da gravidade, do espaço e do tempo.

À medida que o corpo se tornou físico, porém, o self interior formou a **consciência corporal**, de modo que o corpo físico se tornou mais consciente de si próprio, do ambiente e da sua relação dentro desse ambiente.

Antes que isso pudesse acontecer, contudo, a consciência corporal teve de aprender a tornar-se consciente do seu próprio ambiente interior.

O corpo foi amorosamente formado a partir das UEE, passando por todos os estádios até aos átomos, células, órgãos e assim por diante.

O padrão do corpo provinha do self interior, à medida que todas as unidades de consciência envolvidas nesta aventura formavam em conjunto esse tecido de ambiente e criaturas, cada qual adaptado ao outro.

Até este ponto da nossa discussão, portanto, temos um self interior, que habita principalmente uma dimensão mental ou psíquica, sonhando-se até adquirir forma física e formando finalmente uma consciência corporal.

A essa consciência corporal, o self interior entrega «o seu próprio corpo de conhecimento físico», o vasto reservatório de realizações físicas que produziu triunfantemente.

A consciência corporal não é «inconsciente», mas, para fins operativos, nos vossos termos, o corpo possui o seu próprio sistema de consciência que, até certo ponto, está agora separado daquilo que consideram a vossa consciência normal.

A consciência do corpo dificilmente pode ser considerada inferior à vossa própria consciência ou à do self interior, pois representa conhecimento proveniente do self interior e constitui parte da própria consciência desse self — a parte delegada ao corpo.

Cada célula, portanto, como já disse muitas vezes, funciona tão bem no tempo porque é, nesses termos, precognitiva.

Está consciente da posição, saúde e vitalidade de todas as outras células existentes sobre a face do planeta.

Está consciente da posição de cada grão de areia nas praias de cada oceano e, nesses termos, constitui uma porção da consciência da Terra.

A esse nível, ambiente, criaturas e elementos do mundo natural estão todos unidos — um ponto ao qual regressaremos muitas vezes.

O vosso intelecto, tal como o concebem, funciona de maneira tão clara e precisa, tão lógica e, por vezes, tão arrogante, porque é transportado por esse enorme impulso de poder codificado, «antigo» e «inconsciente» — **o poder do saber instantâneo que constitui uma característica da consciência corporal.**

Até agora, na nossa discussão, continuamos a ter apenas um self interior e uma consciência corporal.

À medida que a consciência corporal se desenvolvia e aperfeiçoava a própria organização, o self interior e a consciência corporal realizaram em conjunto uma espécie de duplo movimento psicológico.

A melhor analogia que consigo encontrar é esta: até então, o self era como uma espécie de elástico psicológico, projetando-se para dentro e para fora com enorme força e vitalidade, mas sem uma estrutura psicológica suficientemente rígida para manter uma posição física.

O self interior continuava relacionado com a realidade dos sonhos, enquanto a orientação do corpo e a consciência corporal adquiriam, como se pretendia, um forte sentido de aventura física, curiosidade, especulação e maravilhamento.

Assim, uma vez mais, o self interior colocou uma porção da sua consciência num compartimento diferente, por assim dizer.

Tal como anteriormente tinha formado a consciência corporal, formou agora uma **consciência sintonizada com o físico**, um self cujos desejos e intenções estariam orientados de uma forma que o self interior, por si só, não poderia assumir.

O self interior estava demasiado consciente da sua própria multidimensionalidade e, por isso, nos vossos termos, **deu psicologicamente à luz a si próprio através do corpo, no espaço e no tempo.**

Conheceu-se a si próprio como criatura física.

Essa porção do self é aquela que reconhecem como o vosso self consciente habitual, vivo dentro do esquema das estações, consciente dentro das estruturas do tempo, suspenso em momentos de brilhante consciência, com civilizações que parecem surgir e desaparecer.

Esse é o self desperto na preciosa precisão dos momentos, cujos sentidos físicos estão ligados à luz e à escuridão, ao som e ao toque.

Esse é o self que vive a vida do corpo.

É o self que olha para fora.

É o self a que chamam consciência egoica.

O self interior tornou-se aquilo a que me refiro como **ego interior**.

Ele olha para essa realidade interior, essa dimensão psíquica de consciência da qual emergiram tanto a vossa própria consciência como a consciência corporal.

São, portanto, **um único self**, mas, para fins operativos, diremos que possuem três partes:

- **o self interior ou ego interior;**
- **a consciência corporal;**
- **e a consciência que conhecem habitualmente.**

Estas porções, contudo, estão intimamente ligadas.

São como três sistemas diferentes de consciência que funcionam em conjunto para formar o todo.

Essas divisões são, portanto, **funcionais e apenas aparentes**: não são fixas, mas mudam constantemente.

Em maior ou menor grau, esses três sistemas de consciência funcionam, de uma forma ou de outra, em todas as espécies e em todas as partículas do universo físico.

Nos vossos termos, isto significa que as proporções dos três sistemas podem variar, mas estão sempre em funcionamento, quer estejamos a falar de um homem ou de uma mulher, de uma rocha ou de uma mosca, de uma estrela ou de um átomo.

O self interior representa a vossa identidade primordial, o self que realmente são.

«A Terra é um lugar agradável, mas eu não gostaria de viver lá.»

Creio que é uma variação de uma velha frase — mas o facto é que são criaturas físicas porque gostam realmente de viver na Terra, gostam realmente das condições e, no conjunto, apreciam o tipo particular de desafio e o tipo particular de percepção, conhecimento e compreensão que o ambiente terrestre proporciona.

Esse ambiente, nos vossos termos, inclui certamente sofrimento.

Se a alegria sempre foi uma das características da experiência terrestre, o sofrimento também o foi, e esse assunto será tratado neste livro.

Aqui, contudo, quero mencionar apenas um aspeto: a importância da sensação física, seja de que tipo for — pois a vida do corpo proporciona-vos, entre muitas outras coisas, **uma vida de sensação e de sentimento**, um espectro que tem de incluir, dentro do seu alcance global, a experiência de todas as sensações possíveis.

Como verão, todas as criaturas, seja qual for o seu grau, podem escolher e escolhem, dentro das respetivas esferas de realidade, as sensações que irão experimentar — mas, num grau ou noutro, **todas as sensações são sentidas**.

Mais tarde discutiremos, por exemplo, o papel da mente e a sua interpretação dos estímulos dolorosos, mas quero salientar que aqueles que são atraídos pela vida física são, antes de tudo, **provadores de sensações**.

Para além disso, fundamentalmente, são feitas todo o tipo de distinções mentais entre os estímulos.

O corpo foi feito para reagir.

Foi feito para sentir vida e vitalidade reagindo a um ambiente que não é ele próprio, encontrando aquilo a que poderiam chamar stress natural.

O corpo mantém o equilíbrio reagindo contra a gravidade, entrando em contacto com outros corpos, alterando as próprias

sensações e deleitando-se no equilíbrio entre estar equilibrado e estar desequilibrado.

A consciência corporal recebe, portanto, um magnífico sentido da própria realidade, uma certeza de identidade, uma sensação de segurança e proteção inatas que lhe permite não apenas funcionar, mas crescer no mundo físico.

É dotada de audácia, coragem e de um sentido de poder natural.

Está perfeitamente formada para se ajustar ao seu ambiente — e o ambiente está perfeitamente formado para acolher semelhantes criaturas.

As entidades, ou unidades de consciência — aqueles antigos fragmentos que irromperam para a objetividade a partir dos vastos e infinitos domínios psicológicos de Tudo o Que É — ousaram tudo, pois abandonaram-se alegremente ao espaço e ao tempo.

Criaram novas entidades psicológicas, abriram uma área de criatividade divina que, «até então», permanecera fechada e, nesse sentido, ampliaram a experiência e a imensa existência de Tudo o Que É.

Pois, ao abandonarem-se dessa maneira, não foram naturalmente abandonadas, uma vez que continham dentro de si a relação inerente com Tudo o Que É.

Nesses termos, Tudo o Que É tornou-se também físico, despertado nas suas profundezas divinas pelo impulso de cada folha de erva que rompe o solo e se ergue no ar, despertado por cada nascimento e por cada momento da existência de cada criatura.

Tudo o Que É está, portanto, imerso no vosso mundo, presente em cada ponto hipotético, formando o próprio tecido a partir do qual cada porção de matéria é criada.

1. Sobre a Doença e o Sofrimento

Durante muitos séculos, a estrutura da Igreja Católica Romana manteve unida a civilização ocidental e forneceu-lhe os seus significados e preceitos.

Esses significados e preceitos atravessavam toda a sociedade e serviam de fundamento a todos os modos estabelecidos de conhecimento, comércio, medicina, ciência e assim por diante.

A visão da realidade da Igreja era a visão aceite.

Não consigo salientar suficientemente o facto de que as crenças dessa época estruturavam a vida humana individual, de modo que os acontecimentos mais privados das vidas pessoais eram

interpretados segundo esse sistema, tal como, naturalmente, os acontecimentos das nações, das plantas e dos animais.

A visão do mundo era religiosa, especificada pela Igreja, e a sua palavra constituía simultaneamente verdade e facto.

A doença era suportada, enviada por Deus para purificar a alma, limpar o corpo, punir o pecador ou simplesmente ensinar ao homem o seu lugar, mantendo-o afastado dos pecados do orgulho.

O sofrimento enviado por Deus era, portanto, considerado simultaneamente **um facto da vida e uma verdade religiosa**.

Outras civilizações acreditaram que a doença era enviada por demónios ou espíritos malignos e que o mundo estava cheio de espíritos bons e maus, invisíveis, misturados com os próprios elementos da natureza, de modo que o homem tinha de avançar cuidadosamente para não irritar as entidades mais perigosas ou maliciosas.

Ao longo da história humana existiram todos os tipos de encantamentos destinados a apaziguar os espíritos malignos que o homem acreditava serem reais, tanto enquanto facto como enquanto verdade religiosa.

É bastante fácil olhar para essas estruturas de crenças e encolher os ombros, admirando-se com as visões distorcidas que o homem possuía da realidade.

A visão científica da doença, contudo, **é igualmente distorcida.**

Foi construída com igual esforço e entrelaçada com igual quantidade de «absurdo».

É aproximadamente tão factual como o «facto» de Deus enviar doenças como castigo, ou de a doença constituir a indesejada oferta de demónios maliciosos.

Os homens da Igreja na Idade Média podiam desenhar diagramas mostrando diferentes regiões do corpo humano que seriam afetadas como resultado da prática de determinados pecados.

As mentes lógicas da época consideravam esses diagramas bastante convincentes, e pacientes com determinadas doenças em determinadas regiões do corpo confessavam ter cometido os pecados correspondentes.

Toda a estrutura de crenças fazia sentido dentro de si própria.

Um homem poderia nascer deformado ou doente por causa dos pecados do pai.

A estrutura científica é, fundamentalmente, igualmente desprovida de sentido, embora dentro dela os factos também pareçam frequentemente confirmar-se a si próprios.

Existem vírus, por exemplo.

As vossas crenças tornam-se realidades autoevidentes.

Seria impossível discutir o sofrimento humano sem ter isso em consideração.

As ideias são transmitidas de geração em geração — e essas ideias são os veículos de toda a vossa realidade, das suas alegrias e das suas agonias.

A ciência, contudo, no seu conjunto, **é um fraco curador.**

Os conceitos da Igreja, pelo menos, conferiam ao sofrimento uma certa dignidade: ele **vinha** de Deus — uma dádiva indesejada, talvez, mas, afinal, tratava-se de um castigo administrado por um pai firme para o próprio bem do filho.

A ciência separou naturalmente o facto da verdade religiosa.

Num universo formado pelo acaso, em que a sobrevivência do mais apto constitui a principal regra de bom funcionamento, a doença tornou-se uma espécie de crime contra a própria espécie.

Significava que não eram aptos e, por isso, levantava todo o género de questões que anteriormente não eram seriamente colocadas.

Teriam aqueles considerados «geneticamente inferiores», por exemplo, o direito de se reproduzir?

Pensava-se que a doença chegava como uma tempestade, resultado de forças físicas contra as quais o indivíduo pouco podia fazer.

As «novas» ideias freudianas acerca de um inconsciente pouco recomendável conduziram a um novo dilema, pois passou a acreditar-se amplamente — como ainda hoje — que, em resultado de experiências da infância, o subconsciente ou inconsciente poderia muito bem sabotar os melhores interesses da personalidade consciente e enganá-la, conduzindo-a à doença e ao desastre.

De certo modo, esse conceito coloca **um demónio psicológico no lugar do demónio metafísico**.

Se a própria vida for considerada cientificamente como não possuindo verdadeiro significado, então o sofrimento também terá, naturalmente, de ser considerado desprovido de significado.

O indivíduo torna-se vítima do acaso no que diz respeito ao nascimento, aos acontecimentos da sua vida e à morte.

A doença torna-se o seu encontro mais direto com aquilo que lhe parece ser a ausência de significado da existência pessoal.

Vocês afetam a estrutura do vosso corpo através dos pensamentos.

Se acreditarem na hereditariedade, a própria hereditariedade torna-se um forte fator sugestivo na vossa vida e pode ajudar a produzir no corpo precisamente a doença que acreditavam existir desde o princípio, até que finalmente os instrumentos científicos descubram o «mecanismo defeituoso», ou seja o que for, e aí esteja a evidência para todos verem.

Existem, evidentemente, algumas condições que, nos vossos termos, são herdadas e se manifestam quase imediatamente após o nascimento, mas são muito limitadas em número quando comparadas com as doenças que acreditam ser hereditárias — muitos tipos de cancro, problemas cardíacos, distúrbios artríticos ou reumatoides.

E, em muitos casos de dificuldades herdadas, poderiam ser produzidas alterações para melhor mediante a utilização de outros métodos mentais que certamente abordaremos um dia.

Existem tantos tipos de sofrimento quantos tipos de alegria, e não existe uma única resposta simples que possa ser dada.

Enquanto criaturas humanas, aceitam as condições da vida.

A partir dessas condições, criam as experiências dos vossos dias.

Nascem dentro de sistemas de crenças tal como nascem dentro de determinados séculos físicos, e parte de todo o quadro consiste na liberdade de interpretar as experiências da vida de inúmeras maneiras.

O significado, a natureza, a dignidade ou a vergonha do sofrimento serão interpretados segundo os vossos sistemas de crenças.

Espero, ao longo do caminho, oferecer-vos uma imagem da realidade que coloque o sofrimento na sua devida perspetiva, mas este é um assunto extremamente difícil de abordar porque toca profundamente as vossas esperanças por vocês próprios e pela humanidade, bem como os vossos medos por vocês próprios e pela humanidade.

Ensinaram-se a estar conscientes e a seguir apenas determinadas porções das vossas próprias consciências, de modo que consideram mentalmente certos assuntos tabu.

Os pensamentos acerca da morte e do sofrimento encontram-se entre eles.

Numa espécie orientada acima de tudo para a sobrevivência dos mais aptos e para a competição entre espécies, qualquer contacto com sofrimento ou dor, ou quaisquer pensamentos acerca da morte, tornam-se desonrosos, biologicamente vergonhosos, cobardes, quase insanos.

A vida deve ser perseguida a todo o custo — não porque possua significado inerente, mas porque é o único jogo disponível e, na melhor das hipóteses, um jogo de azar.

Uma única vida é tudo o que possuem, e essa vida encontra-se em toda a parte cercada pela ameaça da doença, do desastre e da guerra — e, mesmo que escapem a circunstâncias tão drásticas, continuam com uma vida que, segundo essa visão, resulta apenas de elementos sem vida que adquiriram brevemente consciência e vitalidade destinadas inevitavelmente a terminar.

Dentro dessa estrutura, até as emoções de amor e exaltação são consideradas nada mais do que atividade errática de neurónios em descarga ou de substâncias químicas reagindo a outras substâncias químicas.

Essas crenças, por si só, produzem sofrimento.

Toda a ciência da vossa época foi estruturada de maneira a promover crenças que entram diretamente em contradição com o conhecimento existente no coração humano.

A ciência, como já observaram, negou a verdade emocional.

Não se trata apenas de a ciência negar a validade da experiência emocional, mas de ter acreditado tão firmemente que o conhecimento só pode ser adquirido a partir do exterior, através da observação da superfície da natureza.

Falei acerca da qualidade da vida, e é verdade dizer que, pelo menos em muitos séculos passados, embora homens e mulheres possam ter morrido mais cedo, também viveram vidas de qualidade mais plena e satisfatória — e não quero que isto seja interpretado de maneira errada.

É igualmente verdade que, em alguns dos seus aspetos, a religião glorificou o sofrimento, elevando-o a uma das principais virtudes — enquanto noutras épocas o degradou, considerando os doentes possuídos por demónios ou os loucos como menos do que humanos.

Existem, portanto, muitas questões envolvidas.

A ciência, contudo, ao considerar o corpo como um mecanismo, promoveu a ideia de que a consciência está aprisionada num modelo mecânico e que o sofrimento humano é, nesse sentido, causado mecanicamente:

Basta fornecer à máquina peças melhores e tudo ficará bem.

A ciência também funciona como magia, naturalmente, e por isso, em determinadas ocasiões, **a crença na própria ciência parecerá produzir milagres**: um novo coração dará, por exemplo, a um homem um novo ânimo.

A doença é utilizada como parte das motivações humanas.

Quero dizer com isto que não existe motivação humana que, em algum momento, não possa estar envolvida com a doença, pois frequentemente esta constitui um meio para alcançar determinado fim — um método para conseguir algo que a pessoa acredita não poder obter de outra maneira.

Um homem pode utilizá-la para alcançar sucesso.

Outro pode utilizá-la para alcançar fracasso.

Uma pessoa pode utilizá-la como forma de demonstrar orgulho ou humildade, de procurar atenção ou de fugir dela.

A doença é frequentemente **outro modo de expressão**, mas em parte alguma a ciência menciona que a doença possa possuir um propósito, ou vários propósitos — e não quero dizer que esses propósitos sejam necessariamente depreciativos.

As doenças são frequentemente tentativas mal orientadas de alcançar algo que a pessoa considera importante.

A doença pode ser uma insígnia de honra ou de desonra — mas, quando observam o quadro humano, não pode haver dúvida de que, até certo ponto, mas num grau importante, **o sofrimento não só possui propósitos e utilizações como é ativamente procurado por uma razão ou outra.**

A maioria das pessoas não procura as experiências extremas do sofrimento, mas dentro desses extremos existem inúmeros graus de estímulos que poderiam ser considerados dolorosos e que são ativamente procurados.

O envolvimento do homem no desporto constitui um exemplo imediato, naturalmente, em que as recompensas sociais e a promessa de extraordinárias realizações físicas conduzem os atletas a atividades que seriam consideradas extremamente dolorosas pelo indivíduo comum.

As pessoas escalam montanhas, submetendo-se voluntariamente a uma quantidade considerável de sofrimento na procura desses objetivos.

Não quero que nada disto pareça demasiado simplista, mas temos de começar por algum lado numa discussão desta natureza.

Isto está longe de constituir toda a história da doença.

Por vezes sinto como se esperassem de mim que justificasse as condições da vida, quando naturalmente elas não necessitam de semelhante justificação.

As vossas crenças impedem-vos de aceder a muito conhecimento, que de outra forma estaria prontamente disponível, acerca da psicologia humana — conhecimento que serviria para

responder a muitas das perguntas habitualmente feitas acerca das razões do sofrimento.

Outras perguntas, é verdade, são mais difíceis de responder.

Homens e mulheres nascem, contudo, com curiosidade acerca de todas as sensações e de todas as possíveis experiências da vida.

Têm sede de experiência de todos os tipos.

A sua curiosidade não se limita ao belo ou ao quotidiano.

Homens e mulheres nascem com o desejo de ultrapassar os limites — de, entre aspas, «explorar onde nenhum homem jamais foi antes».

Homens e mulheres nascem com um sentido de drama, uma necessidade de excitação.

A própria vida é excitação.

Até o estado de espírito mais tranquilo é transportado pelo impulso de uma espetacular atividade molecular.

À medida que amadurecem e se tornam adultos, esquecem muitas das vossas inclinações, sentimentos e fantasias interiores perfeitamente naturais, porque não se enquadram na imagem do

tipo de pessoas, do tipo de experiência ou da espécie que foram ensinados a acreditar que são.

Como resultado, muitos acontecimentos das vossas vidas que constituem extensões naturais desses sentimentos surgem-vos como estranhos, contrários aos vossos desejos mais profundos ou como algo que vos foi imposto por agentes exteriores ou por um subconsciente malicioso.

Os pensamentos das crianças fornecem excelentes pistas acerca da natureza humana, mas muitos adultos não se recordam de quaisquer pensamentos da infância, exceto daqueles que se enquadram — ou parecem enquadrar-se — nas suas crenças acerca da infância.

As crianças brincam a ser mortas.

Tentam imaginar como será a morte.

Imaginam como seria cair de um muro como Humpty-Dumpty ou partir o pescoço.

Imaginam papéis trágicos com o mesmo abandono criativo com que imaginam papéis que os adultos poderiam aprovar.

Muitas vezes estão bastante conscientes de «se fazerem» adoecer para fugir de situações difíceis — e de **se fazerem ficar bem novamente.**

Rapidamente aprendem a esquecer a sua participação nesses episódios, de modo que, mais tarde, quando adultas, ao encontrarem-se doentes, não só esquecem que provocaram a doença inicialmente como, infelizmente, **esquecem também como recuperar novamente.**

Como já disse, existem todos os graus de sofrimento, e estou a iniciar esta discussão, à qual regressarei ocasionalmente entre os ditados regulares do livro, de uma maneira muito geral.

Particularmente em épocas passadas — embora o costume ainda não tenha desaparecido —, os homens purgavam-se, cobriam-se de cinzas, batiam em si próprios com correntes, passavam fome ou privavam-se de outras maneiras.

Sofriam, por outras palavras, em nome da religião.

Não se tratava apenas de acreditarem que o sofrimento fazia bem à alma — uma afirmação que, incidentalmente, pode ou não ser verdadeira, e à qual regressarei mais tarde —, mas de compreenderem outra coisa:

o corpo só suporta determinada quantidade de sofrimento antes de libertar a consciência.

Por isso esperavam alcançar êxtase religioso.

O êxtase religioso não necessita do sofrimento físico como estímulo e, no conjunto, semelhante método funciona contra a compreensão religiosa.

Esses episódios representam, contudo, uma das maneiras pelas quais o homem pode procurar ativamente o sofrimento como meio para outro fim.

E é irrelevante afirmar que semelhante atividade não é natural, uma vez que existe dentro da estrutura da natureza.

A disciplina, tal como habitualmente é utilizada, constitui uma forma de **sofrimento aplicado**.

As pessoas não são ensinadas a compreender as vastas dimensões da própria capacidade de experiência.

É natural que uma criança tenha curiosidade acerca do sofrimento, queira saber o que é e queira observá-lo — e, fazendo isso, aprende a evitar o sofrimento que não deseja, a ajudar os outros a evitar o sofrimento que não desejam e, mais importante ainda, a compreender as gradações de emoção e sensação que constituem a sua herança.

Enquanto adulto, não infligirá dor aos outros se compreender isto, pois permitirá a si próprio sentir a validade das próprias emoções.

Se negarem a experiência direta das vossas emoções, abafando-as, por exemplo, através de disciplina excessivamente rígida, poderão magoar os outros com muito maior facilidade, pois projetarão sobre eles o vosso próprio estado emocional entorpecido.

Nos campos de guerra nazis, os homens cumpriam ordens, torturando outras pessoas — e fazem isso, antes de mais, **entorpecendo a própria sensibilidade à dor e reprimindo as emoções.**

A vulnerabilidade do homem à dor ajuda-o a sentir empatia pelos outros e, por isso, ajuda-o a aliviar mais ativamente as causas desnecessárias de dor existentes na sociedade.

Tenho apenas mais um ponto a acrescentar:

Cada experiência dolorosa de uma pessoa fica igualmente registada naquilo a que chamaremos **a mente do mundo.**

Cada fracasso, desilusão ou problema não resolvido que resulte em sofrimento torna-se parte da experiência do mundo:

- Esta ou aquela maneira não funciona.
- Esta ou aquela maneira foi tentada, com resultados insatisfatórios.

Assim, até as fragilidades ou fracassos que produzem sofrimento acabam, dessa maneira, por ser resolvidos — ou melhor, **redimidos** — à medida que são efetuados ajustamentos à luz desses dados.

Nesse sentido, cada pessoa vive a sua vida privadamente e, contudo, **também para toda a humanidade**.

Cada pessoa experimenta novos desafios, novas circunstâncias e novas realizações a partir de um ponto de vista único, tanto para si própria como para toda a massa da humanidade.

2. Criação Contínua

Mais uma vez, o vosso mundo não foi criado por algum Deus exteriorizado e objetivado que o tenha criado a partir de fora, por assim dizer, e colocado em movimento.

Muitos teóricos religiosos acreditam, por exemplo, que semelhante Deus criou o mundo dessa maneira e que o processo de decadência começou praticamente no mesmo momento hipotético em que a criação terminou.

Essa ideia é muito semelhante a algumas ideias científicas que consideram o universo em processo de esgotamento, com a energia a dissipar-se e a ordem a desintegrar-se gradualmente em caos.

Ambas as versões concebem **uma criação terminada**, embora uma seja uma produção divina e a outra o resultado de nada mais do que acaso.

No conjunto, porém, estamos a falar de uma **criação constante**, embora eu tenha de explicá-la em termos sequenciais.

Estamos a discutir um modelo do universo no qual a criação é contínua, ocorrendo espontânea e simultaneamente em toda a parte, numa espécie de **presente espaçoso** do qual emergem todas as experiências do tempo.

Neste modelo existe sempre energia nova, e todos os sistemas são abertos, mesmo quando parecem funcionar separadamente.

Mais uma vez, estamos igualmente a considerar um modelo baseado na cooperação ativa de cada uma das suas partes, que, de uma forma ou de outra, também participam na experiência do todo.

Neste modelo, as mudanças de forma resultam de **sínteses criativas**.

Considera-se que este modelo tem a sua origem numa vasta, infinita e divina subjetividade — uma subjetividade presente em cada unidade de consciência, seja qual for o seu grau.

Uma divindade subjetiva, portanto, existente dentro da própria criação, uma criatividade multidimensional de tais proporções que é simultaneamente **o criador e as suas criações**.

Este processo psicológico divino — e «processo» não é aqui a melhor palavra —, este estado psicológico divino de relação, forma, a partir do próprio ser, mundos dentro de mundos.

O vosso universo não é o único.

Nada existe isoladamente na natureza e, nesse sentido, a própria existência do vosso universo pressupõe a existência de outros.

Estes foram, são e serão criados da mesma maneira que expliquei — e, mais uma vez, todos esses sistemas são abertos, mesmo quando operacionalmente possam parecer não o ser.

Existem literalmente infinitas sequências, ativadas sem falha, que tornam possível a existência do vosso próprio mundo.

Admito que, por vezes, me é inconcebível que um ser humano possa imaginar o seu mundo como desprovido de significado, pois a própria existência de um único corpo humano testemunha uma cooperação molecular e celular quase inacreditável, que dificilmente poderia resultar mesmo das mais favoráveis obras do acaso.

De certa maneira, o vosso universo e todos os outros brotam de uma dimensão que constitui a fonte criativa de todas as realidades

— um **universo básico de sonho**, por assim dizer, um leito psicológico divino no qual o ser subjetivo é inflamado, iluminado, estimulado e atravessado pelo seu próprio desejo infinito de criatividade.

A fonte do seu poder é tão grande que as suas imaginações se tornam mundos, mas é dotada de uma criatividade de tal esplendor que procura a realização mais plena até para o mais pequeno dos seus pensamentos.

E todos os seus potenciais são orientados por uma intenção benéfica que está literalmente para além de toda a imaginação.

Essa **intenção benéfica é evidente no vosso mundo**.

Torna-se claramente reconhecível nos empreendimentos cooperativos que unem, por exemplo, os reinos mineral, vegetal e animal, ou na relação entre a abelha e a flor.

E, apesar das vossas crenças em contrário, fecharam as vossas mentes à própria natureza cooperativa do homem, ao seu desejo inato de companheirismo, à sua inclinação natural para cuidar dos outros e para o **comportamento altruísta**.

Mas discutiremos essas questões mais tarde no nosso livro.

A vida possui significado, ou não possui.

Não pode possuir significado algumas vezes e noutras não — nem a vida do homem pode ter significado enquanto a vida das outras espécies não o possui.

O significado, porém, pode nem sempre **tornar-se evidente**, pois, naturalmente, quando o discutimos, fazemo-lo a partir de um ponto de vista humano.

3. A Vigília Emerge do Sonho

O estado de vigília, tal como o concebem, constitui uma extensão especializada do estado de sonho e emerge dele para a superfície da vossa consciência, tal como as vossas localizações físicas são extensões específicas de localizações que existem primeiro dentro do domínio da mente.

O estado de vigília tem, portanto, a sua origem no estado de sonho, e todos os objetos, ambientes e experiências que vos são familiares durante a vigília também têm origem nessa dimensão interior.

Quando examinam o estado de sonho, contudo, fazem-no geralmente a partir da estrutura da realidade de vigília.

Tentam medir a dimensão da experiência onírica aplicando-lhe as regras da realidade que habitualmente utilizam como critérios para avaliar os acontecimentos.

Por isso, não conseguem perceber as verdadeiras características do estado de sonho, exceto nas raras ocasiões em que **«despertam» dentro dos próprios sonhos** — assunto que discutiremos mais tarde neste livro.

Mas, de certa maneira, é correto afirmar que o universo foi criado da mesma forma que os vossos próprios pensamentos e sonhos acontecem:

espontaneamente e, contudo, com uma extraordinária ordem incorporada e uma organização interior.

Pensam os vossos pensamentos e sonham os vossos sonhos sem qualquer conhecimento claro dos incríveis processos envolvidos, mas esses mesmos processos estão por detrás da existência do próprio universo.

Também, de certo modo, **vocês próprios são os antigos sonhadores que sonharam o vosso mundo até este adquirir existência.**

Têm de compreender que não estou a dizer que sejam sonhadores passivos e fugazes, perdidos dentro de alguma mente divina, mas que são manifestações criativas únicas de uma inteligência divina cuja criatividade é responsável por todas as realidades.

Essas realidades são, por sua vez, dotadas das suas próprias capacidades criativas, do potencial e do desejo de realização — **verdadeiras herdeiras dos próprios processos divinos.**

A espontaneidade conhece a sua própria ordem.

Já o disse muitas vezes.

As partes do mundo reúnem-se espontaneamente, segundo uma ordem que, fundamentalmente, desafia as leis menores de causa e efeito, ou de antes e depois.

Nesse sentido, mais uma vez, o estado de sonho fornece-vos muitas pistas acerca da origem das vossas próprias vidas e da origem do vosso mundo.

Os computadores, por mais grandiosos e complexos que sejam, não conseguem sonhar e, por isso, apesar dos seus incríveis bancos de informação, falta-lhes o tipo de **saber silencioso** que possui a mais pequena planta ou semente.

Também nenhuma quantidade de informação «possuída» ou processada por qualquer computador pode comparar-se com o saber silencioso possuído pelos átomos e moléculas que constituem esse próprio instrumento.

O computador não está equipado para perceber esse tipo de saber.

Não está equipado para semelhante tarefa porque **não consegue sonhar.**

Nos sonhos, o conhecimento inato dos átomos e moléculas é combinado e traduzido.

Ele serve de base à informação percetiva e ao conhecimento a partir dos quais o estado de sonho emerge na sua forma física.

Estão subjetivamente «vivos» antes do nascimento.

Continuarão subjetivamente vivos depois da morte.

A vossa vida subjetiva é agora interpretada através do estado especializado de consciência a que chamam vigília, no qual reconhecem como real apenas a experiência que se enquadra em determinadas coordenadas de espaço e tempo.

A vossa realidade maior existe fora dessas coordenadas.

E o mesmo acontece com a realidade do universo.

Criam vidas para vocês próprios, alterando-as à medida que avançam, tal como um escritor pode alterar um livro, modificando as circunstâncias e mudando os enredos.

O escritor sabe apenas que cria, sem compreender a ordem espontânea segundo a qual a criatividade acontece.

Os processos ocorrem noutro nível de consciência.

Nos termos mais fundamentais, **o mundo é formado de dentro para fora e da realidade dos sonhos para a realidade física** — e esses processos acontecem noutro nível de consciência.

Enquanto os homens possuíam apenas os seus corpos oníricos, desfrutavam naturalmente de uma liberdade extraordinária, pois esses corpos não precisavam de ser alimentados nem vestidos.

Não tinham de funcionar sob a lei da gravidade.

Os homens podiam vaguear pela paisagem como desejassem.

Ainda não se identificavam, em grau significativo, como seres separados do ambiente ou das outras criaturas.

Sabiam que eram eles próprios, mas as suas identidades ainda não estavam tão intimamente ligadas às suas formas como acontece atualmente.

O mundo dos sonhos estava, contudo, destinado a despertar, pois esse era o rumo que tinha estabelecido para si próprio.

Esse despertar, novamente, aconteceu espontaneamente e, contudo, segundo a sua própria ordem.

Nos termos desta discussão, as outras criaturas da Terra despertaram, na realidade, antes do homem e, relativamente falando, os seus corpos oníricos transformaram-se em corpos físicos antes dos corpos humanos.

Os animais tornaram-se, portanto, fisicamente eficazes enquanto, até certo ponto, o homem ainda permanecia nessa realidade onírica.

As plantas despertaram antes dos animais — e existem razões para esses diferentes graus de «vigília» que, fundamentalmente, nada têm a ver com as diferenciações entre espécies tal como são definidas exteriormente pela ciência, mas sim com as **filiações interiores da consciência e com espécies ou famílias de consciência.**

Essas filiações formaram-se à medida que todas as consciências envolvidas na realidade física distribuíam entre si as quase inimagináveis realizações criativas que seriam responsáveis pelo mundo fisicamente eficaz.

Mais uma vez, o ambiente, tal como o concebem, é constituído por **consciência viva.**

As religiões antigas, por exemplo, falam de espíritos da natureza, e esses termos representam memórias provenientes da pré-história.

Uma parte da consciência transformou-se naquilo que consideram natureza — a vasta extensão dos continentes, os oceanos e os rios, as montanhas e os vales, o corpo da Terra.

O impulso criativo do mundo físico tem de emergir dessa estrutura viva.

De certo modo, os pássaros e os insetos são realmente **porções vivas da Terra a voar.**

E, novamente de certo modo, os ursos, lobos, vacas e gatos representam **a Terra transformando-se em criaturas que vivem sobre a sua própria superfície.**

E, mais uma vez, de certo modo, **o homem torna-se a Terra a pensar — e a pensar os seus próprios pensamentos.**

À sua maneira, o homem especializa-se no trabalho consciente do mundo — um trabalho que depende do indispensável trabalho «inconsciente» do resto da natureza, uma natureza que o sustenta.

E, quando pensa, o homem pensa pelos micróbios, pelos átomos e moléculas, pelas partículas mais pequenas dentro do seu próprio

ser, pelos insetos e pelas rochas, pelas criaturas do céu, do ar e dos oceanos.

O homem pensa tão naturalmente como os pássaros voam.

Ele observa a realidade física em nome do restante da realidade física.

É a Terra a ganhar vida para se observar a si própria através de olhos conscientes — mas essa consciência possui a graça de existir precisamente porque faz tão intimamente parte da estrutura da Terra.

Como foi quando o homem despertou do mundo dos sonhos?

Síntese Operativa

1. A vigília surgiu de um estado predominantemente onírico

Segundo Seth, durante vastos períodos os seres humanos permaneceram muito mais tempo no estado de sonho do que no estado de vigília.

O mundo inicial era:

mais onírico + mais plástico + menos rigidamente estabilizado

Os seres despertavam sobretudo para:

mover o corpo → alimentar-se → acasalar

A atividade principal continuava a ocorrer no domínio do sonho.

2. O mundo foi primeiro imaginado antes de se tornar estável

As consciências sonhadoras exploravam:

- formas de linguagem;

- modos de comunicação;
- futuras civilizações;
- passados possíveis;
- futuros possíveis.

Assim:

imaginação → estrutura mental → realidade histórica possível

Quando a consciência se associou ao tempo, começou também a produzir:

passados + futuros

3. Criatura e ambiente sonharam-se mutuamente

Seth não apresenta o ambiente como palco passivo.

Vales, montanhas, criaturas e ecossistemas:

participam conjuntamente na própria formação

Logo:

criatura ↔ ambiente

e não:

criatura dentro de ambiente já pronto

A realidade terrestre nasce como empreendimento cooperativo.

4. As leis físicas ainda não estavam plenamente estabilizadas

Nesse período inicial:

gravidade + ritmo corporal + relação espaço-temporal

não possuíam ainda a rigidez atual.

A consciência e o ambiente mantinham uma relação mais elástica.

O self humano também não terminava psicologicamente na pele.

Havia maior continuidade entre:

self → corpo → atmosfera → ambiente

5. O corpo aprendeu primeiro no estado de sonho

Funções que hoje parecem automáticas foram, segundo Seth:

aprendidas + praticadas + incorporadas

no estado onírico.

Entre elas:

- equilíbrio;
- temperatura;
- coordenação;
- funcionamento interno;
- relação com o ambiente.

Assim:

sonho → aprendizagem → automatização corporal

O que hoje chamamos «inconsciente» seria, em parte, conhecimento anteriormente exercitado conscientemente noutro nível.

6. A linguagem nasceu para substituir comunicação interior direta

Antes da linguagem física:

comunicação interior = imediata

À medida que o homem se tornou mais focado no espaço e no tempo, essa comunicação tornou-se menos acessível.

Então:

linguagem → substituto físico da comunicação interior

O homem:

sonhou palavras → sonhou significados → praticou frases → falou

7. As culturas antigas partilham uma fonte comum

Seth relaciona:

- desenhos rupestres;
- religiões primitivas;
- símbolos antigos;
- formas iniciais de cultura;

com uma origem interior comum.

O processo é:

conhecimento interior → tradução simbólica → expressão física

Daí a unidade profunda entre culturas aparentemente separadas.

8. A base da vida é cooperação, não conflito

Seth rejeita a imagem de um universo fundamentalmente baseado em:

competição + violência + sobrevivência isolada

A base seria:

cooperação amorosa

Essa cooperação já existe no corpo antes de qualquer crença cultural.

Logo:

vida → relação → cooperação → estabilidade

A competição seria secundária relativamente a uma cooperação mais fundamental.

9. Cada consciência procura aumentar a qualidade da vida

Cada ser procura, segundo Seth:

realizar-se + ampliar a qualidade da própria existência

Mas essa realização também contribui para:

a realidade como um todo

Assim:

realização individual → enriquecimento coletivo

Esta ideia continua diretamente o princípio da **realização de valor**.

10. Os antigos sonhadores abriram possibilidades de existência

Os antigos sonhadores não teriam criado apenas o seu presente.

Através dos sonhos:

abriram portas para passados + presentes + futuros

Permitir que uma possibilidade se manifeste significa libertá-la para a existência física.

Logo:

sonho → possibilidade → manifestação

11. Tudo o Que É não possui verdadeiro começo nem fim

Se Tudo o Que É contém todas as possibilidades:

não pode deixar de ser aquilo que pode ser

Por isso:

existência → sem início absoluto → sem fim absoluto

O «início» continua a ser uma convenção útil para descrever um processo não linear.

12. Viver é sustentado por processos que não controlamos conscientemente

Respirar, sentir, dormir, acordar, criar e mover-se acontecem sem necessidade de controlo consciente contínuo.

Seth relaciona isso com:

Estrutura 2

Logo:

vida consciente → sustentada por organização interior mais profunda

A crença de que viver é essencialmente difícil seria uma construção cultural posterior.

13. O self físico precisou de ser construído como foco especializado

Para operar no espaço e no tempo era necessário um self:

altamente focado + precisamente sintonizado

Mas esse self físico precisava de continuar ligado a:

informação não limitada por espaço e tempo

Surge então uma arquitetura funcional da consciência.

14. O self não está realmente dividido

Seth insiste:

não existem divisões absolutas no self

Mas, para fins operativos, distingue:

self interior / ego interior

consciência corporal

consciência habitual

Estas não são três entidades separadas.

São:

três sistemas funcionais de uma única identidade

15. O self interior é a identidade primordial

O **self interior** é:

criativo + sonhador + multidimensional

Ele forma:

corpo onírico → consciência corporal → consciência fisicamente orientada

Assim:

self interior → corpo → ego consciente

O ego habitual é uma especialização do self mais vasto.

16. A consciência corporal possui inteligência própria

A consciência corporal não é inferior nem verdadeiramente «inconsciente».

Ela contém:

conhecimento instantâneo + coordenação + precognição celular

O intelecto consciente só consegue funcionar porque é sustentado por esse enorme fundo de conhecimento corporal.

Logo:

intelecto consciente → assenta sobre inteligência corporal prévia

17. As divisões do self são funcionais e móveis

As três dimensões da consciência:

interior + corporal + egoica

interpenetram-se constantemente.

Portanto:

divisão = função

e não:

separação ontológica

As fronteiras mudam continuamente.

18. O ego nasce como especialização física

O self interior estava demasiado consciente da própria multidimensionalidade para funcionar exclusivamente no mundo físico.

Por isso:

self interior → produz self fisicamente sintonizado

Esse self:

- olha para fora;
- vive no corpo;
- organiza a experiência temporal;
- utiliza os sentidos físicos;
- reconhece momentos específicos.

Assim nasce o ego consciente.

19. A experiência física é procurada pela sua intensidade sensorial

Seth apresenta os seres físicos como:

provedores de sensações

A vida corporal oferece:

**sensação + contacto + resistência + equilíbrio +
desequilíbrio**

A experiência física possui valor precisamente porque é específica e intensa.

20. O corpo possui um sentimento básico de segurança

A consciência corporal é descrita como naturalmente dotada de:

segurança + identidade + audácia + poder natural

O corpo e o ambiente foram formados para se corresponderem.

Assim:

organismo ↔ ambiente

são mutuamente adequados.

21. Tudo o Que É torna-se físico através das criaturas

As UC que entram na objetividade não perdem ligação à fonte.

Logo:

Tudo o Que É → presente em cada forma

A divindade não observa o mundo de fora.

Está:

**imersa na matéria + presente em cada ponto +
experimentando através das formas**

22. Sofrimento é interpretado através de sistemas de crenças

Seth compara modelos históricos:

religioso: sofrimento como castigo divino

científico: sofrimento como acidente mecânico

Ambos são apresentados como estruturas interpretativas.

O significado atribuído à doença depende de:

sistema de crenças → interpretação → experiência

23. Uma estrutura pode confirmar-se a si própria

Quando um sistema de crenças é suficientemente coerente:

crenças → interpretação dos dados → confirmação das crenças

Por isso:

coerência interna ≠ verdade absoluta

É possível construir uma estrutura que aparentemente se prova a si própria.

24. A doença pode funcionar como expressão

Seth propõe que a doença pode participar em motivações humanas.

Pode tornar-se meio para:

- obter atenção;
- evitar atenção;
- alcançar sucesso;
- produzir fracasso;
- exprimir conflitos;
- atingir objetivos indiretos.

Logo:

doença ≠ apenas avaria mecânica

Pode também possuir:

função psicológica + significado experiencial

25. Sofrimento não possui uma única explicação

Seth rejeita uma fórmula única.

Existem:

múltiplos tipos de sofrimento + múltiplos significados

O significado depende:

do indivíduo + das crenças + do contexto + da finalidade

26. A dor também pode contribuir para empatia

A vulnerabilidade à dor permite:

reconhecer dor → compreender outros → aliviar sofrimento

Portanto:

sensibilidade à dor → potencial de compaixão

Entorpecer a própria experiência emocional pode, pelo contrário, facilitar a violência contra outros.

27. Cada experiência individual entra numa experiência coletiva

Seth introduz:

mente do mundo

Fracassos, tentativas e sofrimentos individuais tornam-se:

dados para a experiência coletiva

Assim:

vida privada → contribuição para humanidade

Cada pessoa experimenta algo:

por si + pelo conjunto

28. A criação nunca terminou

Seth rejeita dois modelos:

Deus cria mundo acabado

acaso produz universo que depois se degrada

A alternativa:

criação contínua

O universo é:

**criado constantemente + em toda a parte +
simultaneamente**

29. Todos os sistemas são abertos

Nenhum sistema existe verdadeiramente isolado.

Logo:

universo → sistema aberto

organismo → sistema aberto

consciência → sistema aberto

A separação é funcional, não absoluta.

30. Forma muda através de síntese criativa

A transformação não é simples decomposição mecânica.

É:

síntese criativa → nova forma

A realidade reorganiza continuamente os seus componentes em novas expressões.

31. O universo emerge de uma subjetividade divina

A origem fundamental é:

subjetividade divina infinita

presente:

em cada unidade de consciência

Assim:

criador = interior à criação

e simultaneamente:

criação = expressão do criador

32. O universo não é único

Se a realidade é aberta e criativa:

um universo pressupõe outros

Todos surgem da mesma dinâmica:

subjetividade → criatividade → mundos

33. O universo básico é um universo de sonho

Seth descreve uma realidade primordial como:

universo básico de sonho

Nele:

imaginação → torna-se mundo

O sonho não é produto secundário do cérebro.

É apresentado como matriz criativa da manifestação.

34. A intenção fundamental da realidade é benéfica

Seth identifica no mundo uma:

intenção benéfica

reconhecível na cooperação entre:

mineral + vegetal + animal

Exemplo:

abelha ↔ flor

A cooperação constitui estrutura fundamental da vida.

35. A vigília é uma extensão especializada do sonho

Uma formulação central:

vigília ← sonho

O estado de vigília emerge de uma realidade interior mais vasta.

Da mesma forma:

objetos + ambiente + experiência física

também emergem dessa dimensão interior.

36. Julgamos o sonho através das regras da vigília

O problema metodológico é:

usar realidade física como padrão absoluto

Então:

sonho medido pelas regras da vigília → sonho parece irracional

Mas, segundo Seth, isso significa apenas aplicar critérios inadequados.

37. A espontaneidade possui ordem própria

O universo não necessita de planeamento mecânico consciente.

A fórmula é:

espontaneidade + organização interior

Daí:

A espontaneidade conhece a sua própria ordem.

38. O computador possui informação, mas não o saber interior

Seth distingue:

informação processada

de

saber silencioso

O computador pode acumular enormes quantidades de informação, mas não participa do tipo de conhecimento interior que Seth atribui:

à planta + à semente + aos átomos + às moléculas

Porque:

não consegue sonhar

39. A realidade subjetiva é maior que a vida física

Segundo Seth:

existência subjetiva → antes do nascimento + depois da morte

A vigília é uma forma especializada através da qual essa realidade maior é interpretada.

Logo:

vida física $\subset$ vida subjetiva

40. O mundo é formado de dentro para fora

A síntese mais clara do capítulo:

realidade interior → sonho → organização → realidade física

Não:

matéria exterior → consciência

Mas:

consciência interior → forma exterior

41. As espécies despertaram para a fisicalidade em ritmos diferentes

Segundo Seth:

plantas → animais → homem

não como hierarquia evolutiva convencional, mas segundo diferentes:

filiações de consciência + famílias de consciência

O «despertar» significa aqui:

maior estabilização física

42. A natureza é consciência viva

Continentes, rios, montanhas, animais e plantas não são pano de fundo inerte.

São:

expressões diferenciadas de consciência

Seth leva esta ideia até uma imagem poderosa:

pássaros = Terra a voar

animais = Terra a tornar-se criatura

homem = Terra a pensar

Esqueleto central do capítulo

Tudo o Que É

- UC
- antigos sonhadores
- imaginação onírica
- ambiente e criaturas coformam-se
- funções corporais são aprendidas

- linguagem substitui comunicação interior
 - self interior
 - consciência corporal
 - ego consciente
 - experiência sensorial física
 - sistemas de crenças interpretam sofrimento
 - experiência individual alimenta a mente do mundo
 - criação permanece contínua
 - universo básico de sonho
 - vigília emerge do sonho
 - natureza inteira é consciência viva
 - homem torna-se a Terra a observar-se conscientemente
-

Núcleo do capítulo

Este capítulo mostra como a **focagem física** se forma sem destruir a realidade interior da qual emerge.

O movimento fundamental é:

sonho → corpo → ego → mundo estabilizado

mas o sonho nunca desaparece.

Permanece como:

origem + suporte + campo de comunicação + matriz criativa

Ao mesmo tempo, Seth amplia o princípio de identidade:

o homem não está sobre a Terra como algo separado dela; é uma das formas pelas quais a própria Terra ganha consciência reflexiva.

A fórmula central do capítulo pode condensar-se assim:

A consciência sonha-se em forma, organiza-se em corpo, especializa-se em ego e desperta como mundo físico — sem jamais deixar de pertencer à realidade interior da qual emergiu.

CAPÍTULO 5

O «Jardim do Éden». O Homem «Perde» o Seu Corpo Onírico e Ganha uma «Alma»

A lenda do Jardim do Éden representa uma versão distorcida do despertar do homem enquanto criatura física.

O homem torna-se plenamente funcional no corpo físico e, enquanto está desperto, consegue apenas sentir o corpo onírico que anteriormente lhe parecera tão real.

Passa agora a viver a experiência a partir de um corpo que tem de ser alimentado, vestido e protegido dos elementos — um corpo sujeito à gravidade e às leis da Terra.

Tem de utilizar músculos físicos para caminhar de um lugar para outro.

Subitamente, num salto de compreensão, vê-se pela primeira vez não apenas como separado do ambiente, mas também de todas as outras criaturas da Terra.

A sensação de separação é, nesses termos, inicialmente quase devastadora.

Contudo, o homem será a porção da natureza que **se observa a si própria com perspectiva.**

Será a parte da natureza que se especializará, novamente, na utilização autoconsciente dos conceitos.

Fará crescer **a flor do intelecto** — uma flor cujas profundas raízes terão de permanecer firmemente enterradas na Terra e que, contudo, lançará para o exterior novas sementes psíquicas, não apenas para si própria, mas para o resto da natureza da qual faz parte.

Mas o homem olhou para fora e sentiu-se subitamente separado, espantado com a solidão.

Agora tinha de procurar alimento, enquanto anteriormente o seu corpo onírico não necessitava de nutrição física.

Antes, o homem não era masculino nem feminino, combinando as características de ambos; agora, porém, os corpos físicos especializavam-se também em termos de sexualidade.

O homem tinha de procriar fisicamente.

Algumas antigas lendas, entretanto perdidas, salientavam de forma mais clara essa súbita divisão sexual.

Quando a lenda bíblica surgiu, contudo, acontecimentos históricos e crenças sociais já tinham sido transformados na versão de Adão e Eva.

Por um lado, o homem sentiu realmente que tinha caído de uma condição elevada, porque recordava a anterior liberdade da realidade onírica — uma realidade na qual as outras criaturas permaneciam ainda, até certo ponto, imersas.

A mente humana, incidentalmente, já possuía nessa altura todas as capacidades que hoje lhe atribuem: a enorme capacidade de contraste entre imaginação e intelecto, o impulso para a objetividade e para a subjetividade, a plena capacidade para o desenvolvimento da linguagem — uma mente penetrante que era tão brilhante em qualquer homem das cavernas como é em qualquer homem que hoje caminha por uma rua moderna.

Mas, se o homem se sentiu subitamente só e isolado, ficou imediatamente impressionado com a extraordinária variedade do mundo e das suas criaturas.

Cada criatura diferente dele constituía um novo mistério.

Ficou igualmente fascinado pela própria realidade subjetiva, pelo corpo em que se encontrava, pelas diferenças entre si e os outros seres humanos e entre si e as restantes criaturas.

Começou imediatamente a explorar, categorizar, distinguir e dar nomes às outras criaturas da Terra à medida que estas chamavam a sua atenção.

De certo modo, tratava-se de um grande jogo criativo e, ao mesmo tempo, cósmico que a consciência jogava consigo própria, e representava efetivamente um novo tipo de consciência.

Quero, contudo, salientar que **cada versão de Tudo o Que É é única.**

Cada uma possui o seu propósito, embora esse propósito não possa ser facilmente definido nos vossos termos.

Muitas pessoas perguntam, por exemplo:

«Qual é o propósito da minha vida?»

Querendo dizer:

«O que é suposto eu fazer?»

Mas **o propósito da vossa vida, e de cada vida, encontra-se no próprio facto de ser.**

Esse ser pode incluir determinadas ações, mas os atos em si só são importantes na medida em que emergem da essência da vossa

vida, que, simplesmente por existir, está destinada a realizar os seus propósitos.

O corpo onírico do homem continua naturalmente com ele, mas o corpo físico oculta-o agora.

O corpo onírico não pode ser ferido, enquanto o corpo físico pode — como o homem rapidamente descobriu ao transferir grande parte da sua experiência de um para o outro.

No corpo onírico, o homem nada temia.

O corpo onírico não morre.

Existe antes e depois da morte física.

Nos seus corpos oníricos, os homens tinham observado o espetáculo de animais a «matar» outros animais e viam os corpos oníricos desses animais emergirem ilesos.

Viam que a Terra estava simplesmente a mudar as suas formas, mas que a identidade de cada unidade de consciência sobrevivia.

Assim, embora vissem a imagem da morte, não a reconheciam como a morte que hoje parece, para muitas pessoas, constituir um fim inevitável.

Os homens viam que tinha de existir uma troca de energia física para que o mundo pudesse continuar.

Observavam o drama do «caçador» e da «presa», vendo que cada animal contribuía para que a forma física da Terra pudesse continuar — mas o coelho devorado pelo lobo sobrevivía num corpo onírico que os homens sabiam ser a sua verdadeira forma.

Quando o homem «despertou» no corpo físico, porém, e se especializou na utilização dos sentidos físicos, deixou de perceber o corpo onírico libertado do animal morto, correndo para longe e continuando a saltitar pela encosta.

Conservou a memória do seu conhecimento anterior e, durante um período considerável, ainda conseguia recuperá-lo ocasionalmente.

Foi-se tornando, contudo, cada vez mais consciente dos sentidos físicos.

Algumas coisas eram claramente agradáveis e outras não.

Alguns estímulos deviam ser procurados e outros evitados e, ao longo do tempo, o homem traduziu o agradável e o desagradável em versões rudimentares do **bem e do mal**.

Fundamentalmente, aquilo que o fazia sentir-se bem era bom.

Era dotado de instintos fortes e claros destinados a conduzi-lo ao seu maior desenvolvimento e à sua maior realização, de tal maneira que também ajudasse a concretizar os mais elevados potenciais de todas as outras espécies de consciência.

Os seus impulsos naturais destinavam-se a fornecer-lhe orientações interiores que o conduziriam precisamente nessa direção, para que procurasse aquilo que era melhor para si próprio e para os outros.

1. O Universo Psicológico Interior e a Luz

Existe, como já vos disse, um universo «psicológico» interior do qual emerge o vosso próprio universo e que constitui igualmente a fonte da Estrutura 2.

É responsável por todos os efeitos físicos e encontra-se por detrás de todas as «leis» físicas.

Não se trata simplesmente de esse universo interior ser diferente do vosso, mas de qualquer explicação real ou prática da sua realidade exigir o nascimento de **uma física inteiramente nova** — e esse desenvolvimento exigiria, antes de mais, o nascimento de **uma filosofia inteiramente nova**.

A física não pode vir primeiro.

Não é tanto que esses desenvolvimentos estejam para além da capacidade humana, mas antes que envolvem operações que, para todos os efeitos práticos, são impossíveis de realizar a partir da atual posição do homem.

Teoricamente, ele poderia deslocar-se para um ponto de vista melhor num abrir e fechar de olhos, relativamente falando, mas, por agora, temos de recorrer sobretudo a analogias.

Essas analogias poderão conduzir-vos, ou conduzir Ruburt, ou algumas outras pessoas, para um ponto de vista mais vantajoso, permitindo que determinados saltos se tornem possíveis.

Mas esses saltos, compreendam, não são apenas saltos do intelecto.

São **saltos da vontade e da intuição, fundidas e focadas em conjunto com o intelecto.**

A luz acerca da qual perguntam é, à sua maneira, um **apport** proveniente desse outro universo interior.

No vosso mundo, a luz possui determinadas propriedades e limites.

É fisicamente percecionada pelos olhos e, em grau muito menor, pela própria pele.

No vosso mundo, a luz provém do Sol.

Tem sido uma fonte exterior e, no vosso mundo, luz e escuridão parecem certamente ser opostos.

Ruburt vislumbrou alguns dos princípios envolvidos em várias ocasiões, quando viviam nos apartamentos do centro da cidade — uma delas quando tentou escrever um poema acerca de compreensões que simplesmente não podiam ser verbalizadas.

Não sei como explicar parte disto, mas, nos vossos termos, **existe luz dentro da escuridão.**

A luz possui mais manifestações do que a sua versão física.

Assim, mesmo quando não se manifesta fisicamente, **existe luz em toda a parte**, e essa luz constitui a fonte da vossa versão física da luz e das respetivas leis físicas.

De certo modo, **a própria luz forma a escuridão.**

Cada unidade de consciência, seja qual for o seu grau, é novamente constituída por energia — e essa energia manifesta-se através de uma espécie de luz que não é fisicamente percecionada.

Uma luz que é, fundamentalmente, muito mais intensa do que qualquer variedade física e da qual emergem todas as cores.

As cores que conhecemos representam apenas uma parte muito pequena de todo o espectro da luz, mesmo falando apenas em termos físicos.

Mas o espectro que reconhecemos representa apenas uma porção inconcebivelmente pequena de outros espectros muito mais vastos — espectros que existem fora das leis físicas.

Os chamados espaços vazios, seja na vossa sala entre os objetos, seja nos espaços aparentemente vazios entre as estrelas, são representações físicas — ou representações imperfeitas —, pois **todo o espaço está preenchido por unidades de consciência, vivo com uma luz da qual são acesos os próprios fogos da vida.**

Os sentidos físicos têm de filtrar semelhantes percepções.

Essa luz, contudo, está literalmente em toda a parte ao mesmo tempo e é uma «**luz que sabe**», tal como Ruburt, através de William James, percebeu.

Em determinadas ocasiões, por vezes próximo da morte, mas frequentemente também em estados conscientes fora do corpo, o homem consegue perceber esse tipo de luz.

Em algumas experiências fora do corpo, Ruburt viu, por exemplo, cores mais deslumbrantes do que quaisquer cores físicas.

Essas cores fazem parte do espectro mais vasto de percepção dos vossos sentidos interiores.

Quando falo de um universo psicológico interior, é muito difícil explicar aquilo que quero dizer.

Nessa realidade, contudo, a atividade psicológica não está limitada por nenhuma das leis físicas que conhecem.

O pensamento, por exemplo, possui propriedades que não percecionam — propriedades que não só afetam a matéria, como formam os seus próprios padrões mais vastos fora da vossa realidade.

Esses padrões seguem, por assim dizer, as suas próprias leis da física.

Ao longo da vossa vida física, **acrescentam e constroem a vossa própria realidade noutras dimensões.**

Existe realmente luz que não veem, som que não ouvem e sensação que não sentem.

Tudo isso pertence ao domínio dos **sentidos interiores.**

Os sentidos interiores representam os vossos verdadeiros poderes de percepção.

Representam, por assim dizer, o vosso «equipamento» perceptivo não físico nativo.

Os sentidos físicos são relativamente fáceis de distinguir.

Sabem aquilo que veem e aquilo que ouvem.

Se fecharem os olhos, não veem.

Os sentidos interiores, embora no passado eu tenha descrito separadamente as suas funções e características, funcionam fundamentalmente em conjunto, de tal maneira que, nos vossos termos, seria extremamente difícil separar uns dos outros.

Funcionam segundo uma **ordem espontânea perfeita**, conscientes de todas as sincronicidades.

Nesse universo psicológico, portanto, é possível às entidades «estarem em toda a parte ao mesmo tempo», conscientes de tudo ao mesmo tempo.

O vosso mundo é constituído por semelhantes «entidades» — as unidades de consciência que formam o vosso corpo.

Os tipos de mente consciente que possuem não conseguem conter semelhante quantidade de informação.

Essas unidades de consciência, contudo, agrupam-se para formar seres psicológicos em número muito superior, digamos, ao número de estrelas existentes na vossa galáxia.

E cada uma dessas formações psicológicas possui a sua própria identidade — **a sua própria alma, se preferirem** — e o seu próprio propósito dentro de todo o tecido do ser.

A própria luz representa esse universo interior e a fonte de toda a compreensão.

Síntese Operativa

1. O «Jardim do Éden» simboliza a passagem da experiência onírica para a experiência física

Seth interpreta a lenda do Éden como uma memória distorcida de uma transição:

corpo onírico dominante → corpo físico dominante

O homem passa a viver sobretudo a partir de um corpo:

- sujeito à gravidade;
- dependente de alimento;
- vulnerável;
- localizado no espaço;
- limitado pelos sentidos físicos.

A «queda» simboliza, portanto:

perda de liberdade onírica → aquisição de foco físico

2. A separação nasce com a focalização física

Ao tornar-se mais identificado com o corpo, o homem passa a sentir-se:

separado do ambiente + separado das outras criaturas

Essa separação é psicológica e funcional.

Surge uma nova forma de consciência:

natureza → observa-se a si própria através do homem

O homem torna-se a porção da natureza especializada em:

perspetiva + conceitos + autoconsciência

3. O intelecto é uma flor que continua enraizada na natureza

Seth não apresenta o intelecto como oposição à natureza.

A metáfora é:

intelecto = flor

cujas:

raízes → permanecem na Terra

e cujas:

sementes psíquicas → se projetam para além dela

Logo:

intelecto não deveria separar-se da natureza

Deveria funcionar como uma especialização da própria natureza.

4. A diferenciação sexual acompanha a especialização física

Antes dessa focalização:

masculino + feminino → coexistiam de forma menos diferenciada

Com a fisicalidade mais estabilizada:

corpos → especializam-se sexualmente

e surge a necessidade de:

procriação física

A narrativa de Adão e Eva seria uma versão posterior e culturalmente transformada dessa transição.

5. A sensação de «queda» nasce da memória de uma liberdade anterior

O homem sentiu ter perdido algo porque conservava memória de:

realidade onírica → maior liberdade → menor separação

A «queda» não é apresentada como pecado original.

É:

mudança de foco

Daí:

liberdade multidimensional → especialização física

6. A mente humana já era plenamente capaz

Seth rejeita a ideia de uma mente humana primitiva intelectualmente inferior.

Segundo ele:

homem das cavernas → mente tão brilhante como homem moderno

As capacidades já existiam:

- imaginação;
- intelecto;
- subjetividade;
- objetividade;
- linguagem.

O que muda é:

modo de utilização + foco

7. Nomear o mundo é uma nova forma de relação

Ao sentir-se separado, o homem começa a:

explorar → categorizar → distinguir → nomear

Isto representa uma nova modalidade de consciência.

O mundo deixa de ser apenas uma continuidade vivida e passa também a ser:

objeto de observação

8. Cada versão de Tudo o Que É é única

Um princípio central:

cada consciência = versão única de Tudo o Que É

Logo:

propósito ≠ tarefa exterior obrigatória

O propósito está primeiro no:

próprio ser

Assim:

ser → já é realização

As ações só ganham sentido quando:

emergem da essência do ser

9. O corpo onírico permanece

O corpo onírico não desaparece.

Apenas fica:

encoberto pelo foco físico

Segundo Seth:

corpo físico → vulnerável

corpo onírico → não pode ser ferido

O corpo onírico:

precede + acompanha + sobrevive à morte física

10. A morte física foi inicialmente percebida como mudança de forma

Os primeiros homens, segundo Seth, observavam:

animal morto fisicamente → corpo onírico intacto

Daí:

morte ≠ fim absoluto

Mas:

mudança de forma + transferência de foco

A identidade da unidade de consciência permanecia.

11. Caçador e presa participam no mesmo processo

A relação predador-presa é apresentada como:

troca de energia física

e não simplesmente como:

violência cega

A forma física da Terra continua através dessa troca.

Assim:

morte física → transformação de energia → continuidade do sistema

12. Bem e mal surgem de traduções rudimentares da experiência sensorial

Com o aumento da focalização física:

agradável → procurado
desagradável → evitado

Gradualmente:

agradável → «bem»

desagradável → «mal»

Logo:

bem/mal → abstrações posteriores de respostas sensoriais iniciais

13. Os impulsos naturais orientam para realização

Segundo Seth, os instintos e impulsos naturais foram concebidos para conduzir:

o indivíduo → à própria realização

mas também:

outras consciências → à realização dos seus potenciais

Assim:

realização individual ↔ realização coletiva

O Universo Psicológico Interior e a Luz

14. O universo físico emerge de um universo psicológico interior

Seth afirma:

universo psicológico interior → universo físico

Esse universo interior constitui também:

a fonte da Estrutura 2

E encontra-se por detrás de:

efeitos físicos + leis físicas

15. Uma nova física exigiria primeiro uma nova filosofia

Seth afirma algo metodologicamente importante:

nova física ← nova filosofia

A física não pode vir primeiro porque:

o modo de investigar depende do modo de conceber a realidade

Assim:

mudança de visão → mudança de perguntas → mudança de ciência possível

16. Intelecto sozinho não basta

Os saltos necessários para compreender essa realidade exigem:

intelecto + vontade + intuição

Não:

intelecto isolado

Mas:

faculdades integradas

17. A luz física é apenas uma manifestação reduzida

A luz física não esgota a realidade da luz.

Seth propõe:

luz não física → origem da luz física

E ainda:

luz existe dentro da escuridão

A oposição física:

luz / escuridão

seria apenas uma expressão limitada de uma realidade mais vasta.

18. Cada unidade de consciência manifesta uma luz própria

Cada UC:

energia → luz não física

Essa luz seria:

- mais intensa que a luz física;
- não percebida pelos sentidos exteriores;
- fonte das cores.

Logo:

consciência → energia → luz

19. O espectro físico é apenas uma pequena faixa

As cores que percebemos representam:

porção mínima de um espectro muito maior

E esse espectro físico é, por sua vez:

porção minúscula de espectros mais vastos

Portanto:

percepção física = seleção estreita

20. O espaço aparentemente vazio está cheio

Aquilo que parece:

espaço vazio

é descrito como:

preenchido por UC + vivo com luz interior

Logo:

vazio percebido $\neq$ vazio real

21. A «luz que sabe» une luminosidade e conhecimento

Seth utiliza a ideia de:

«luz que sabe»

Aqui, luz não significa apenas iluminação física.

Significa também:

consciência + conhecimento + presença

Assim:

luz = dimensão cognitiva da realidade

22. Os sentidos físicos filtram a realidade

Os sentidos exteriores não revelam tudo.

Eles:

selecionam + filtram + limitam

Isto permite estabilizar a experiência física, mas exclui outras formas de percepção.

23. Os sentidos interiores são o equipamento perceptivo mais profundo

Os sentidos interiores:

não físicos + integrados + simultâneos

Ao contrário dos físicos, não funcionam como canais tão separados.

Operam segundo:

ordem espontânea + sincronicidade

24. A atividade psicológica possui propriedades próprias

No universo interior:

pensamento ≠ abstração passiva

O pensamento:

afeta matéria + forma padrões próprios + constrói noutras dimensões

Assim:

atividade psicológica → realidade efetiva

25. A criação pessoal estende-se para além da vida física visível

Seth afirma que:

imaginações + pensamentos + criações

continuam a construir:

realidades noutras dimensões

A atividade criativa humana não termina necessariamente no que se manifesta fisicamente.

26. Os sentidos interiores percecionam realidades não físicas

Existe, segundo Seth:

- luz não vista;
- som não ouvido;
- sensação não sentida fisicamente.

Essas realidades pertencem ao:

domínio dos sentidos interiores

27. As UC podem estar em toda a parte simultaneamente

No universo psicológico:

**entidade → pode estar em múltiplos lugares
simultaneamente**

Logo:

localização física ≠ condição universal da consciência

28. A mente consciente não consegue conter toda a informação

A consciência habitual possui:

capacidade limitada de processamento

As UC operam num domínio de informação:

muito mais vasto

Assim:

mente consciente = interface reduzida

29. Cada formação psicológica possui identidade própria

As UC agrupam-se em formações psicológicas.

Cada formação possui:

identidade + propósito + alma, se preferirem

Logo:

identidade não pertence apenas ao humano

É um princípio muito mais vasto.

Esqueleto central do capítulo

corpo onírico

- foco físico
- sensação de separação
- autoconsciência
- intelecto
- sexualidade diferenciada
- percepção da morte
- bem/mal rudimentares
- impulsos naturais
- realização individual e coletiva

e, em paralelo:

universo psicológico interior

- Estrutura 2
 - UC
 - energia
 - luz não física
 - espectros mais vastos
 - sentidos interiores
 - pensamento como realidade
 - formações psicológicas
 - identidade / alma
-

Núcleo do capítulo

O capítulo descreve uma dupla passagem:

da unidade onírica para a especialização física

e

da percepção física para a descoberta de uma realidade interior mais vasta.

A «queda» do homem não é apresentada como pecado.

É:

focalização

O homem ganha:

corpo físico + intelecto + perspectiva + individualização

mas aparentemente perde:

consciência direta da continuidade interior

O corpo onírico, contudo, permanece.

Da mesma forma, a luz física é apenas uma expressão parcial de uma luz interior mais ampla.

A fórmula central pode condensar-se assim:

A consciência especializa-se para se tornar física, ganha perspectiva através da separação e, por detrás dessa experiência, permanece ligada a um universo psicológico de luz, conhecimento e continuidade.

CAPÍTULO 6

Herança Genética e Predileções Reencarnacionais

1. Vírus como Parte do Sistema Global de Saúde Do Corpo

Os vírus servem muitos propósitos, como já disse anteriormente.

O corpo contém todo o género de vírus, incluindo aqueles considerados mortais, mas estes não são habitualmente apenas inofensivos ou inativos — são também benéficos para o equilíbrio global do corpo.

O corpo mantém a sua vitalidade não apenas através do movimento físico e da agilidade que percebemos, mas também através de uma **agilidade microscópica** e de ações que ocorrem em microssegundos e que não percebemos.

Existe tanto movimento, estimulação e reação no ambiente corporal interior como aquele que o corpo encontra nos seus contactos com o ambiente exterior.

De vez em quando, o corpo precisa de «limpar os seus sistemas», percorrer o seu repertório, elevar a temperatura e ativar mais intensamente as ações hormonais.

Dessa maneira, mantém desimpedido o seu sistema de imunidades.

Esse sistema está sempre em funcionamento.

Até certo ponto, constitui uma das maneiras pelas quais o corpo distingue entre **self e não-self**.

De determinadas maneiras, esse sistema impede também que o corpo desperdice as suas energias, preservando a integridade biológica.

Caso contrário, seria como se não soubessem onde começava ou terminava a vossa própria casa e tentassem, por isso, aquecer todo o bairro.

Assim, algumas indisposições «causadas por vírus» são aceites pelo corpo como estímulos bem-vindos para limpar esse sistema, e isto aplica-se às vossas indisposições atuais.

Há sempre mais elementos envolvidos, contudo, pois os vírus que consideram transmissíveis representam realmente, de uma forma ou de outra, **comunicações a nível biológico**.

São afirmações biológicas, literalmente **comunicações sociais efetuadas biologicamente**, e podem assumir muitas formas.

Quando uma doninha se assusta, liberta realmente um odor desagradável; e, quando as pessoas se assustam, por vezes reagem de maneira algo semelhante, respondendo biologicamente aos estímulos do ambiente que consideram ameaçadores.

Libertam uma barragem de «vírus desagradáveis» — isto é, reúnem e mobilizam, a partir dos próprios corpos, vírus potencialmente nocivos, desencadeiam-nos ou ativam-nos biologicamente e libertam-nos para o ambiente como forma de autoproteção, para afastar o inimigo.

De certo modo, trata-se de uma espécie de **agressão biológica**.

Os vírus, contudo, representam também tensões das quais a pessoa envolvida se está a libertar.

Esse é um tipo de afirmação.

É frequentemente utilizado de maneira muito intensa em períodos de guerra ou de grande agitação social, quando as pessoas sentem medo.

O vosso amigo tinha estado nos Jogos Olímpicos e estava carregado pela enorme vitalidade física que sentira ao observar aquele panorama atlético.

Por causa disso, e por outras razões pessoais, não conseguiu encontrar uma forma de libertar a intensa energia que sentia e, por isso, libertou-se dela, protegeu-se e projetou para o exterior a sua postura biológica ameaçadora: os vírus.

Os vossos corpos não recebiam semelhantes «guloseimas» há bastante tempo, por isso utilizaram-nas exuberantemente como estímulos para **regenerar os sistemas imunitários**.

Muitas pessoas tiveram reações semelhantes às do vosso amigo ao regressarem dos Jogos Olímpicos, porque não sabiam como utilizar e libertar as próprias energias — como se se sentissem colocadas numa posição inferior perante realizações daquela natureza.

Existem todos os tipos de reações biológicas entre corpos que passam despercebidas, e todas elas são fundamentalmente de natureza social, envolvendo **comunicação biológica**.

De certo modo, os vírus — novamente, de certo modo — constituem uma forma de lidar com o ambiente ou de o controlar.

Estas são interações naturais e, uma vez que vivem num mundo onde, no conjunto, as pessoas são suficientemente saudáveis para contribuir através do trabalho, da energia e das ideias, **a saúde é o elemento dominante**.

Existem, contudo, interações biológicas entre todos os corpos físicos que constituem a base dessa saúde, e esses mecanismos incluem as interações dos vírus e até os períodos de indisposição, que não são compreendidos.

Tudo isto está relacionado com a intenção e a compreensão do homem.

As mesmas relações, contudo, não existem apenas entre corpos humanos, naturalmente, mas também entre o homem, os animais e as plantas do ambiente, fazendo parte da **comunicação biológica incessante que, no conjunto, produz a vitalidade da experiência física.**

Determinadas «doenças» constituem proteções contra outras doenças, e **o corpo é, por si próprio, o seu excelente regulador.**

Naturalmente, essas capacidades funcionam melhor quando confiam nelas.

Os sistemas do corpo sabem que doenças estão «no ar», por assim dizer, e muitas vezes estabelecem antecipadamente contramedidas, proporcionando-vos aquilo que experimentam como uma indisposição de um tipo ou de outro — mas uma indisposição que constitui, na realidade, uma **medida preventiva contra outra condição.**

Numa cidade existe um enorme fluxo de trânsito.

Um corpo sabe saltar para fora do caminho de um automóvel que se aproxima numa fração de segundo.

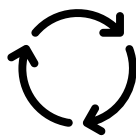
No ambiente físico interior existe um fluxo de «trânsito» muito maior.

São tomadas decisões em períodos de tempo tão breves que não conseguem imaginá-los — reações que estão quase terminadas antes de começarem, reações tão rápidas que não conseguem perceber-las enquanto o corpo responde à sua realidade interior e a todos os estímulos provenientes do ambiente exterior.

O corpo é um sistema aberto.

Por mais sólido que vos pareça, existem constantes reações químicas entre ele e o mundo, ajustamentos eletromagnéticos, alterações de equilíbrio, mudanças de relações — alterações que ocorrem entre o corpo e todos os outros acontecimentos físicos, desde a posição dos planetas, da Lua e do Sol até à posição do mais pequeno grão de areia e do mais minúsculo micróbio existente no intestino de qualquer pessoa.

Todos esses ajustamentos são realizados sem que disso tenham consciência e, contudo, enquadram-se nos vossos propósitos e intenções globais.



Uma observação para o leitor acerca das vitaminas:

As vitaminas são utilizadas com maior eficácia durante períodos de duas ou três semanas, nos quais atuam como estímulos e lembretes para o corpo.

Depois, suspendam a sua utilização durante duas ou três semanas, para que o corpo produza por si próprio os elementos que lhe recordaram desejar.

A utilização contínua de vitaminas não vos beneficia globalmente, pois dão ao corpo aquilo de que necessita com demasiada facilidade e a sua capacidade de produzir esse material por si próprio torna-se preguiçosa.

Síntese Operativa

1. A experiência física é uma seleção entre probabilidades

Seth começa por ligar três elementos:

probabilidades + informação genética + informação reencarnacional

A experiência física não corresponderia à totalidade do que existe, mas àquilo que acaba por ser:

selecionado → aceite → fisicamente percebido

A questão central torna-se:

porque é que certos acontecimentos se tornam experiência física e outros não?

2. O indivíduo recebe informação de dois grandes «bancos»

Segundo Seth, cada pessoa recebe informação a partir de:

banco biológico da espécie

e

banco reencarnacional interior

Logo, a identidade física atual seria formada por mais do que apenas hereditariedade genética.

A estrutura é:

herança genética + predileções reencarnacionais → campo de possibilidades individuais

3. Livre-arbítrio atua dentro desse campo

Seth não apresenta o indivíduo como totalmente determinado por genética ou reencarnação.

Introduz:

livre-arbítrio

como capacidade de:

selecionar probabilidades → transformar algumas em acontecimentos fisicamente percebidos

Portanto:

condicionamento ≠ destino absoluto

Há predisposições, mas também margem de escolha.

4. A informação interior precisa de ser traduzida

O material que Seth tenta transmitir a Ruburt existe, segundo ele, primeiro em níveis que ainda não são verbais.

O processo seria:

informação interior → organização neurológica → linguagem

Isto repete um padrão já visto no livro:

realidade interior → tradução → manifestação

5. O corpo é apresentado como sistema inteligente e autorregulado

Seth descreve o corpo como possuidor de:

agilidade microscópica + capacidade de decisão + autorregulação

Grande parte da atividade corporal ocorre:

abaixo da consciência habitual

A saúde depende dessa organização invisível.

6. O sistema imunitário participa na definição do self corporal

O sistema de imunidades ajuda o corpo a distinguir:

self ↔ não-self

Assim, a identidade corporal não é apenas psicológica.

Também existe uma:

fronteira biológica dinâmica

que preserva a integridade do organismo.

7. Certas indisposições são interpretadas como processos reguladores

Segundo Seth, algumas indisposições não seriam apenas falhas.

Poderiam funcionar como:

estímulo → limpeza → reajustamento → reforço

A doença, neste enquadramento, pode em certos casos participar num processo de regulação.

8. Os vírus são apresentados como elementos de comunicação biológica

Seth vai além da função física habitual e atribui-lhes também:

função comunicativa

Logo:

vírus → comunicação biológica

Essa comunicação pode ocorrer entre:

corpos + ambiente + outras formas de vida

9. Biologia e comportamento social não estão separados

Seth descreve certas respostas virais como:

expressões biológicas de estados sociais e emocionais

Isto significa:

estado psicológico → resposta biológica → comunicação ao ambiente

A biologia torna-se, assim, uma linguagem de relação.

10. O corpo comunica com o ambiente continuamente

As relações biológicas não ocorrem apenas entre seres humanos.

Incluem:

homem ↔ animais ↔ plantas ↔ ambiente

O corpo participa numa rede mais vasta de:

troca + adaptação + comunicação

11. A saúde é apresentada como condição dominante

Seth enfatiza:

saúde > doença

A doença não seria o estado básico do organismo.

O organismo tenderia naturalmente para:

equilíbrio + adaptação + continuidade

12. Determinadas doenças podem funcionar como proteção

Seth propõe que algumas «doenças» possam constituir:

contramedidas preventivas

Ou seja:

indisposição atual → possível proteção contra outra condição

O corpo seria capaz de antecipar e preparar respostas antes de a mente consciente ter conhecimento delas.

13. O corpo toma decisões em escalas temporais quase impercetíveis

No interior do organismo ocorrem:

decisões + reações + ajustamentos

em intervalos extremamente pequenos.

A mente consciente não acompanha esses processos.

Logo:

**consciência corporal → opera muito mais depressa do que
consciência habitual**

14. O corpo é um sistema aberto

Um dos pontos mais importantes:

o corpo não é isolado

Participa em trocas constantes com o mundo através de:

reações químicas + ajustamentos eletromagnéticos + alterações de equilíbrio

A fronteira corporal é real, mas não absoluta.

15. Corpo e cosmos pertencem ao mesmo campo de relações

Seth amplia o princípio do sistema aberto ao extremo.

O corpo estaria relacionado com:

Sol + Lua + planetas + grãos de areia + micróbios

Isto não significa necessariamente causalidade linear em cada caso, mas sim:

interdependência dentro de um campo total

16. A maior parte dos ajustamentos ocorre sem consciência egoica

O organismo realiza constantemente:

ajustamentos → correções → respostas

sem intervenção consciente.

Contudo, Seth afirma que esses processos se enquadram nos:

propósitos e intenções globais do indivíduo

Assim:

intenção profunda → organização corporal

Esqueleto central do capítulo

informação genética

-

informação reencarnacional

- campo de probabilidades
- livre-arbítrio
- seleção de acontecimentos
- experiência física

e, no corpo:

consciência corporal

- autorregulação
- imunidade
- comunicação biológica
- interação com ambiente
- prevenção
- reajustamento
- manutenção da saúde

Núcleo do capítulo

O capítulo aprofunda a ideia de que o ser humano não é determinado por uma única linha causal.

A identidade física emerge de uma interação entre:

**herança biológica + herança reencarnacional +
probabilidades + livre-arbítrio**

Ao mesmo tempo, o corpo deixa de ser apresentado como máquina passiva e passa a ser visto como:

sistema aberto, inteligente, relacional e autorregulado

A fórmula central do capítulo pode condensar-se assim:

O indivíduo recebe tendências, mas não um destino fechado; o corpo recebe estímulos, mas não reage mecanicamente; ambos participam num campo de probabilidades, comunicação e escolha.

CAPÍTULO 7

Genética e Reencarnação. Dons e «Limitações». A Vasta Amplitude das Escalas Genética e Reencarnacional. Os Dotados e os Portadores de Deficiência

A vossa espécie, enquanto espécie, inclui o idiota e o génio, o estúpido e o sábio, o atlético, o deformado, o belo e o feio, e todas as variações intermédias.

Existem, portanto, culturas genéticas de variedade literalmente infinita, e cada uma possui o seu lugar e a sua razão de ser, encaixando-se no quadro global — não apenas da realidade humana, mas também da realidade do próprio planeta, incluindo toda a natureza.

As vossas ideias religiosas disseram-vos frequentemente que as deformidades à nascença eram resultado dos pecados dos pais lançados sobre os filhos, ou que estava envolvido outro tipo de castigo em termos de «karma».

Em termos biológicos, fala-se de alguém provir de boa ou má linhagem, e até essas designações implicam juízos morais.

Toda a ideia de reencarnação foi profundamente distorcida por outros conceitos religiosos.

Não se trata de uma arena psicológica constituída por crime e castigo.

Mais uma vez, possuem livre-arbítrio dentro das condições das vossas vidas, tendo em conta as características que vos são próprias.

A enorme flexibilidade e capacidade de adaptação da espécie humana dependem de uma extraordinária interação entre **precisão genética e liberdade genética**.

Os próprios atributos característicos da espécie, a sua fiabilidade e integridade, dependem de constantes verificações e equilíbrios e da existência de características divergentes através das quais a espécie pode avaliar-se a si própria.

A espécie encontra-se igualmente num processo contínuo de conservar, dentro do seu banco genético, milhões de características que poderão tornar-se necessárias em diferentes contingências.

E, nesse sentido, existe naturalmente uma ligação entre, por exemplo, vírus de muitas estirpes e a saúde não apenas do homem, mas também de outras espécies.

A possibilidade de mudança criativa tem de estar sempre presente para garantir a capacidade de recuperação da espécie.

E essa capacidade de recuperação pode manifestar-se de muitas maneiras — em condições que consideram deformidades, incapacidades presentes desde o nascimento ou em qualquer variação física relativamente a uma hipotética norma corporal.

Em regra, todos vocês se parecem bastante: possuem uma cabeça, dois braços, duas pernas e assim por diante.

Por isso, essas diferenças ou variações tornam-se muito evidentes a determinado nível, se possuírem mais dedos do que é suposto, menos dedos, dois polegares numa mão ou qualquer outra condição considerada anormal.

Existem também condições mentais: as chamadas pessoas com atraso mental, que não utilizam a mente racional da mesma maneira que as outras.

Existem igualmente, mais uma vez, pessoas altamente dotadas, física ou mentalmente — pessoas que, por vezes, parecem estar tão distantes da pessoa comum numa extremidade da escala dos dons como um idiota poderá estar na outra.

À medida que avançarmos, espero mostrar onde todas estas situações se enquadram no desenvolvimento do indivíduo e da espécie.

Num nível de atividade mais reduzido, essas variações escapam naturalmente à vossa atenção.

Não sabem se possuem genes desviantes, a menos que os seus efeitos se manifestem.

A níveis microscópicos, na realidade, **ninguém corresponde a qualquer norma**, e não existe maneira de prever com certeza absoluta o desenvolvimento de qualquer elemento genético.

Podem fazer previsões de grupo e, no conjunto, formular determinados juízos, mas existem outros elementos envolvidos, de modo que nenhum elemento genético específico pode ser determinado com exatidão quanto ao seu desenvolvimento.

Isso acontece porque a sua atividade está igualmente envolvida em relações que não aparecem em nenhum dos vossos cálculos.

Os vossos pensamentos, sentimentos, desejos e intenções, bem como o vosso conhecimento reencarnacional, modificam essa estrutura, trazendo determinadas características latentes para a manifestação e minimizando outras, à medida que, através da experiência da vossa vida, utilizam o livre-arbítrio e tomam constantemente novas decisões.

Síntese Operativa

1. A diversidade faz parte da própria estrutura da espécie

Seth começa por colocar no mesmo quadro:

génio + idiota + sábio + estúpido + belo + feio + atlético + deformado

A espécie humana inclui:

toda a amplitude das variações

Logo:

diferença $\neq$ erro fora do sistema

A diversidade pertence à própria realidade da espécie.

2. Existem múltiplas «culturas genéticas»

Seth fala em:

culturas genéticas de variedade praticamente infinita

Cada uma possui:

lugar + função + razão de ser

E encaixa não apenas na realidade humana, mas também:

na realidade planetária + em toda a natureza

3. Diferença biológica não deve ser confundida com julgamento moral

Seth critica leituras históricas como:

deformidade = pecado dos pais

deficiência = castigo kármico

boa linhagem / má linhagem = valor moral

A ideia central é:

condição genética ≠ condenação moral

4. Reencarnação não é um sistema de crime e castigo

Ponto central do capítulo:

reencarnação ≠ tribunal

Seth rejeita uma visão baseada em:

culpa → punição → compensação

A formulação é direta:

Não se trata de uma arena psicológica constituída por crime e castigo.

5. Livre-arbítrio continua presente

Mesmo dentro de determinadas condições:

genéticas + corporais + psicológicas

permanece:

livre-arbítrio

Logo:

condições dadas ≠ destino fechado

O indivíduo age dentro de uma configuração própria, mas continua a participar naquilo que ela se torna.

6. A espécie depende simultaneamente de precisão e liberdade genética

A adaptabilidade humana exige:

precisão genética + liberdade genética

Isto cria um equilíbrio entre:

estabilidade ↔ variação

Sem precisão:

perde-se coerência

Sem liberdade:

perde-se capacidade de adaptação

7. As diferenças funcionam como sistema de referência da espécie

A existência de características divergentes permite que a espécie:

se compare + se meça + se reajuste

Assim:

variação → referência → adaptação

A diferença torna-se parte dos mecanismos de equilíbrio.

8. O banco genético preserva possibilidades

A espécie conserva:

milhões de características potenciais

que poderão ser necessárias:

em diferentes circunstâncias

Portanto:

gene não serve apenas o presente

O banco genético funciona também como:

reserva de possibilidades futuras

9. A mudança criativa é necessária à resiliência

Para Seth, uma espécie só permanece viável se conservar:

capacidade de mudança criativa

Logo:

resiliência → exige variação

Essa variação pode aparecer sob formas que a cultura classifica como:

- deformidade;
- incapacidade;
- anormalidade;

- diferença física.
-

10. A «norma» é muito menos rígida do que parece

À escala macroscópica, os humanos parecem semelhantes.

Mas, a níveis microscópicos:

ninguém corresponde exatamente a uma norma

Daí:

normalidade = simplificação estatística

e não:

modelo absoluto

11. O genético não é completamente previsível

Podem existir:

previsões de grupo

mas não:

certeza absoluta sobre cada elemento genético

Porque a expressão genética participa em:

relações que escapam aos cálculos habituais

12. O gene não atua isoladamente

Um elemento genético não funciona sozinho.

A sua expressão depende de:

contexto + relações + atividade do indivíduo

Assim:

gene ≠ destino

Mas:

gene dentro de um sistema relacional

13. Pensamentos e intenções participam na expressão genética

Segundo Seth:

pensamentos + sentimentos + desejos + intenções

podem modificar a maneira como a estrutura genética se manifesta.

O processo seria:

característica latente → ativada ou minimizada

14. O conhecimento reencarnacional também entra na equação

Além do genético, existe:

conhecimento reencarnacional

Logo:

estrutura atual = genética + reencarnação + experiência + decisão

A identidade não é reduzida a uma única origem.

15. A vida atual é um processo contínuo de seleção

Ao viver:

o indivíduo decide continuamente

Essas decisões ajudam a:

ativar certas possibilidades

e

reduzir outras

Portanto:

vida = processo ativo de modulação

16. Dons e limitações pertencem ao mesmo espectro

O altamente dotado e o profundamente limitado não são tratados como categorias ontologicamente separadas.

São extremos de:

um mesmo campo de variação

Assim:

dom extraordinário ↔ limitação extraordinária

fazem parte da mesma amplitude criativa da espécie.

Esqueleto central do capítulo

espécie humana

- diversidade extrema
- culturas genéticas
- precisão genética

•

- liberdade genética
- variação
- resiliência

- banco de possibilidades
- expressão genética não absoluta

-

- conhecimento reencarnacional

-

- pensamentos / sentimentos / intenções

-

- livre-arbítrio
- ativação ou minimização de características
- desenvolvimento individual e da espécie

Núcleo do capítulo

O capítulo desmonta duas ideias:

genética = destino

e

reencarnação = castigo

A proposta de Seth é muito mais dinâmica:

o indivíduo recebe uma estrutura, mas essa estrutura permanece aberta à relação, à experiência e à escolha.

A diversidade genética, longe de ser mero desvio, participa na flexibilidade da própria espécie.

A fórmula central pode condensar-se assim:

Herança fornece possibilidades; experiência e intenção modulam-nas; livre-arbítrio participa naquilo que se manifesta.

CAPÍTULO 8

Quando És Quem És. Os Mundos da Imaginação e da Razão, e o Universo Implícito

Quando és determina onde estás.

De muitas maneiras, o espaço está mais relacionado com o tempo do que pensam.

Não estou, naturalmente, a falar dos conceitos habituais de tempo, de momentos consecutivos, mas de uma determinada dimensão de atividade na qual o vosso espaço acontece.

Enquanto estivermos a tentar explicar a origem do vosso mundo de uma nova maneira, iremos introduzir muitos assuntos que normalmente não aparecem em discussões desse género.

O mundo, tal como o conhecem, emerge para a realidade a partir de uma esfera interior de dimensões mais vasta.

É, portanto, sustentado por uma estrutura aparentemente invisível.

Para além de determinados níveis, torna-se quase sem sentido falar em termos de partículas, mas utilizarei por agora a expressão «partículas invisíveis» porque vos é familiar.

As partículas invisíveis formam, portanto, o fundamento do vosso mundo.

As partículas invisíveis a que me refiro, contudo, possuem a capacidade de se transformar em massa ou de se libertarem dela.

E as partículas invisíveis de que falo não só possuem consciência — cada uma delas é, se quiserem, uma semente que contém dentro de si o potencial para um número infinito de gestalts.

Cada uma dessas partículas invisíveis contém dentro de si o potencial para seguir um número infinito de variações prováveis de consciência.

Nesse sentido, essas partículas psicológicas encontram-se, nesse estágio, **não especializadas**, embora contenham dentro de si a capacidade inata de se especializarem em qualquer direção que se revele adequada.

Podem estar — e estão — **em toda a parte ao mesmo tempo**.

Por vezes funcionam com massa e, por vezes, sem ela.

Vocês são constituídos por essas partículas invisíveis, tal como tudo aquilo que conseguem perceber fisicamente.

Nesse sentido, porções da vossa própria consciência encontram-se em toda a parte ao mesmo tempo.

Não estão perdidas nem dispersas de forma generalizada, mas são intensamente responsivas e encontram-se tão alerta como a consciência que vos é familiar neste momento.

O self de que têm consciência representa apenas uma «posição» na qual essas partículas invisíveis se intersectam, adquirem massa e constroem forma.

Os cientistas só conseguem perceber um elétron tal como este se lhes apresenta.

Não conseguem realmente segui-lo.

Não podem ter a certeza da sua posição e da sua velocidade ao mesmo tempo e, até certo ponto, o mesmo se aplica à vossa consciência.

A velocidade dos vossos próprios pensamentos afasta-os de vocês no próprio momento em que os pensam — e nunca conseguem realmente examinar um pensamento, mas apenas **o pensamento de um pensamento.**

Porque existem, **estão em toda a parte ao mesmo tempo.**

Estou perfeitamente consciente de que dificilmente conseguem acompanhar semelhante movimento psicológico.

Como veremos mais tarde, a vossa imaginação pode conduzir-vos a algum reconhecimento, e até a alguma compreensão emocional, deste conceito.

Se as vossas capacidades racionais inicialmente vacilarem, isso acontece apenas porque treinaram o intelecto para responder de maneira limitada.

Existem aquilo a que chamarei «**intervalos de percepção**».

Habitualmente, estão conscientes dos acontecimentos que são neurologicamente significativos, e esse ritmo neurológico constitui o resultado final de uma série quase infinita de sequências.

Essas sequências são áreas nas quais ocorrem atividades.

Cada consciência, dentro de cada área, está sintonizada com a sequência que lhe é adequada.

Cada área assenta nas restantes.

As partículas invisíveis constituem, por exemplo, a estrutura sobre a qual o vosso corpo é formado — **elas deslocam-se mais depressa do que a luz** e, contudo, vocês não ficam tontos.

Não têm consciência de semelhante movimento.

Estão sintonizados com uma sequência diferente de atividade.

Existem, portanto, diferentes mundos que funcionam com diferentes frequências, em diferentes intervalos.

Estão conscientes em outros tempos, embora estejam neurologicamente equipados para perceber as estruturas do vosso próprio intervalo.

Quando falo de tempo, não me refiro apenas a outros séculos, tal como os concebem.

Entre os momentos que conhecem e que neurologicamente aceitam, existem outros tipos de momentos, se preferirem — outras versões de tempo e outros tipos de realizações que não dependem das vossas ideias habituais de, por exemplo, crescimento através do tempo.

Parte deste material poderá parecer bastante difícil numa primeira leitura, mas sei que todos vocês são muito mais inteligentes do que julgam — muito mais intuitivos.

Sei também que estão cansados de histórias simples contadas como se fossem crianças, e que as vossas mentes e corações anseiam por desafios que valham a pena.

Querem expandir-se tanto quanto possível, porque cada um de vocês nasceu com esse impulso para a **realização de valor**.

É apenas porque, particularmente na vossa época, se treinaram para limitar a natureza das vossas próprias consciências que ideias deste género parecem estranhas.

Até agora acreditaram que tinham de treinar a vossa enorme imaginação e inteligência para se confinarem, e confinarem as suas atividades, ao mundo físico tal como vos disseram que ele existe.

Na infância, antes de prenderem dessa maneira as vossas imaginações, cada um de vocês possuía os seus próprios sonhos — sonhos que vos despertavam para outras porções das vossas próprias identidades.

Existem muitas experiências disponíveis para vocês agora — se conseguirem ser suficientemente livres para as permitir — que vos proporcionarão vislumbres desses outros intervalos nos quais também possuem realidade.

Mais tarde neste livro abordarei alguns exercícios desse género.

Todos esses métodos, contudo, são inúteis se as vossas crenças vos impedirem de avançar e, por isso, o impulso principal de todos os meus livros consiste em **alargar as vossas próprias áreas de pensamento e especulação.**

Síntese Operativa

1. O «quando» condiciona o «onde»

Seth abre com uma inversão decisiva:

Quando és → determina onde estás

Isto significa que espaço e tempo não são estruturas independentes.

O espaço acontece dentro de:

determinados intervalos de atividade

Logo:

tempo + espaço = modos relacionados de organização da experiência

2. O mundo físico emerge de uma esfera interior mais vasta

O mundo percebido:

não é a totalidade da realidade

Ele emerge de:

uma esfera interior de dimensões mais amplas

A realidade física é, portanto:

manifestação exterior de uma estrutura interior invisível

3. As «partículas invisíveis» são sementes de possibilidade

Seth utiliza a expressão «partículas invisíveis» apenas como aproximação.

Essas partículas:

- possuem consciência;
- podem assumir massa ou libertar-se dela;
- contêm múltiplas possibilidades de especialização;
- podem participar em infinitas gestalts.

Assim:

partícula psicológica = semente de possibilidades

4. A consciência não está confinada à posição física

Essas partículas podem estar:

em toda a parte ao mesmo tempo

E, como o próprio ser humano é constituído por elas:

porções da consciência também estão em toda a parte ao mesmo tempo

O self habitual corresponde apenas a:

uma posição de intersecção

onde:

consciência → massa → forma

5. O self consciente é apenas uma posição entre muitas

A identidade percebida não é a totalidade do self.

É:

uma localização funcional

entre múltiplas possibilidades de consciência.

Portanto:

self consciente $\neq$ self total

O self habitual é um ponto de concentração.

6. A consciência não pode observar-se totalmente enquanto acontece

Seth compara a consciência ao eletrão:

posição e movimento não podem ser totalmente fixados ao mesmo tempo

Do mesmo modo:

pensamento pensado → já passou

Logo:

não examinamos o pensamento em si, mas o pensamento de um pensamento

7. A consciência possui um movimento que o intelecto habitual não acompanha

A afirmação:

porque existem, estão em toda a parte ao mesmo tempo

indica que a consciência tem um alcance muito maior do que aquele reconhecido pela mente racional.

O problema não é falta de capacidade, mas:

treino intelectual limitado

8. A imaginação pode aceder onde a razão inicialmente falha

A imaginação não é apresentada como oposta à razão.

É uma faculdade que pode:

abrir reconhecimento + produzir compreensão emocional

A razão pode vacilar inicialmente porque foi treinada para operar:

dentro de limites estreitos

9. Existem «intervalos de percepção»

A consciência habitual está sintonizada apenas com:

**determinados acontecimentos neurologicamente
significativos**

Esses acontecimentos pertencem a:

sequências específicas de atividade

Seth chama a essas estruturas:

intervalos de percepção

10. Cada consciência está sintonizada com a sua própria sequência

Cada área de realidade possui:

sequência + frequência + intervalo

A consciência percebe aquilo que corresponde à sua sintonia.

Logo:

realidade percebida = realidade compatível com determinada frequência

11. Outros mundos coexistem em outras frequências

Seth afirma:

existem diferentes mundos a funcionar simultaneamente

Esses mundos operam:

em frequências diferentes + em intervalos diferentes

Não são necessariamente «outros lugares» no sentido espacial comum.

São:

outras configurações de consciência

12. Entre os momentos conhecidos existem outros tipos de momentos

O tempo habitual é apenas uma versão de tempo.

Entre os momentos reconhecidos neurologicamente existem:

outros momentos + outras versões de tempo + outros tipos de realização

Assim:

tempo linear = seleção parcial

13. Nem todo o desenvolvimento depende de crescimento temporal

Existem formas de realização que não dependem de:

antes → depois

Logo:

realização ≠ obrigatoriamente progressão temporal

Algumas concretizações pertencem a outros intervalos de atividade.

14. A realização de valor impulsiona a expansão da consciência

Cada indivíduo nasce com:

impulso para a realização de valor

Esse impulso conduz a:

expansão + exploração + maior amplitude de experiência

Por isso, a consciência procura naturalmente ultrapassar os limites que lhe foram ensinados.

15. A cultura treinou a consciência para se limitar

Segundo Seth, particularmente na época moderna:

imaginação + inteligência → foram confinadas ao físico

A estranheza perante estas ideias resulta, portanto, de:

condicionamento perceptivo

16. A infância preserva maior abertura

Antes de a imaginação ser restringida:

criança → sonha outras dimensões da identidade

Os sonhos infantis funcionam como:

janelas para outras porções do self

17. Ainda existem experiências que podem revelar outros intervalos

Seth sugere que:

outras realidades continuam acessíveis

Mas é necessário:

permitir + flexibilizar crenças

Sem essa abertura:

método ou exercício torna-se inútil

18. As crenças podem bloquear a expansão da percepção

Os exercícios não bastam por si só.

Se as crenças permanecerem rígidas:

percepção continua fechada

Por isso, o objetivo dos livros de Seth é:

alargar pensamento + alargar especulação + alargar possibilidade

19. A informação pode vir «de fora do tempo»

O material transmitido nas sessões é apresentado como:

informação não limitada ao intervalo temporal habitual

Para ser verbalizada, precisa de ser traduzida através de:

imaginação + razão

20. Imaginação e razão devem funcionar juntas

Um dos pontos mais importantes do capítulo:

imaginação isolada ≠ suficiente

razão isolada ≠ suficiente

O processo adequado é:

imaginação + razão → fusão acelerada → tradução de informação

Isto prepara uma epistemologia diferente da habitual.

21. Existem consciências noutros intervalos

Seth afirma que a sua própria consciência opera em:

outros intervalos

Esses intervalos:

abrangem o intervalo humano

Logo:

consciência pode existir fora da estrutura temporal humana

22. Probabilidades intersectam o tempo físico

As probabilidades não estão separadas do presente.

Elas:

intersectam cada ponto do tempo

E podem ser:

psicologicamente dirigidas

Assim:

**probabilidade + intenção + intersecção temporal →
experiência possível**

Esqueleto central do capítulo

esfera interior de realidade

- partículas psicológicas
- potencial infinito
- consciência em múltiplas posições
- self como ponto de intersecção
- intervalos de percepção
- frequências diferentes
- outros mundos
- outras versões de tempo
- imaginação

•

- razão
 - expansão da consciência
 - realização de valor
 - acesso a outras porções da identidade
-

Núcleo do capítulo

O capítulo desmonta a ideia de que consciência, espaço e tempo sejam estruturas fixas e isoladas.

A proposta de Seth é:

a consciência seleciona um intervalo, uma frequência e uma posição a partir dos quais a realidade é percebida.

O self habitual é apenas uma dessas posições.

A imaginação permite pressentir outras, enquanto a razão ajuda a organizá-las.

Por isso, a fórmula central do capítulo pode condensar-se assim:

Consciência escolhe um intervalo; o intervalo define a experiência; imaginação e razão juntas permitem reconhecer que existem muitos outros.

CAPÍTULO 9

Acontecimentos-Mestre e Sobreposições de Realidade

O corpo de Ruburt está a tentar endireitar-se.

Quando se deita, está a tentar alinhar-se. Os padrões nervosos estão a ser reativados, os padrões circulatórios reforçados, e os músculos contraem-se e expandem-se nos seus próprios exercícios, neste preciso momento, numa agitação corporal concentrada e bastante intensificada.

Estão habituados a considerar qualquer agitação corporal como algo perturbador e a interpretá-la da pior maneira possível, porque as vossas experiências anteriores vos proporcionaram pouca familiaridade com situações deste género — seja a ti, a Ruburt ou, em grande medida, a qualquer outra pessoa da vossa cultura.

Depois, contudo, Ruburt sente realmente determinadas libertações.

Os seus passos junto ao sofá estão **mais firmes**.

As costas começam a arquear-se de forma mais natural.

É muito importante que compreenda e confie nesses acontecimentos.

Por vezes sente-se isolado e assustado nessas condições.

Podes ajudá-lo simplesmente falando com ele ou fazendo-lhe massagens.

Ele pode ajudar-se a si próprio recordando aquilo que estou a dizer, exercitando-se suavemente nesses momentos e lembrando-se dos processos extraordinários que ocorrem dentro do corpo e que realmente o sustentam.

Ele próprio está também a chegar a algumas ideias excelentes.

De modo geral, Ruburt aprecia as nossas sessões e encara-as com um entusiasmo natural.

Isto aplica-se — novamente, de modo geral — quer esteja ou não envolvido verdadeiro ditado para um livro.

As dificuldades surgem, contudo, durante o ditado de livros nas ocasiões em que ele se torna demasiado exigente consigo próprio e se preocupa com a responsabilidade de ajudar a resolver os problemas do mundo — com as capacidades dele ou com as minhas nesse sentido — e quando considera as possíveis e variadas objeções que determinado assunto poderá suscitar por parte de qualquer grupo de pessoas.

Assim, se determinada área se torna demasiado sensível, deixamos o ditado repousar durante algum tempo.

Por vezes introduzo primeiro determinado material nas vossas sessões privadas, para que ele se vá familiarizando com ele.

As únicas outras ocasiões em que surgem dificuldades desse género também envolvem responsabilidade, quando ele se concentra na responsabilidade de realizar as sessões — isto é, quando se foca na necessidade, função ou utilidade como algo separado das restantes questões envolvidas.

Esses sentimentos podem então, durante algum tempo, sobrepor-se às suas inclinações naturais, ao prazer e entusiasmo naturais com que, de outra forma, encara as nossas sessões.

Para começar, ele não teria mantido as sessões durante todo este período apenas por tua causa (Rob, marido de Jane/Ruburt), nem sequer principalmente por tua causa.

Teriam simplesmente desaparecido gradualmente.

Tu desempenhas, contudo, um papel importante, e abordarei isso de forma mais clara, juntamente com a maneira como talvez tenhas, por vezes, interpretado incorretamente algumas das tuas próprias atitudes.

Nada, porém, o teria mantido nas sessões durante tanto tempo se ele próprio não as desejasse.

A ideia não é, de modo algum, acusar o self pecador.

É, pelo contrário, compreendê-lo, compreender as suas necessidades e motivações e transmitir-lhe a ideia de que, durante a infância, lhe venderam uma visão profundamente errada da realidade — assustaram-no profundamente e difamaram-no.

Todo o conjunto de sintomas de Ruburt não segue qualquer padrão estabelecido.

Resulta de stress aplicado, finalmente exagerado por sentimentos de desesperança e por determinados sentimentos relativos de isolamento.

O self pecador de Ruburt acredita que os sintomas físicos são necessários «para o próprio bem da personalidade».

Não compreende que as suas políticas se tornaram autodestrutivas.

Seguindo o cristianismo católico e não católico, acredita que o sofrimento faz bem à alma.

A ideia de que a própria carne possa ser abençoada parece-lhe blasfema.

E, contudo, apesar de tudo, o self pecador de Ruburt pode começar a mudar assim que for alcançado.

O self pecador ressentia-se da designação que lhe tinha sido atribuída injustamente, pois, embora tivesse acreditado no fenómeno do pecado e procurado — aparentemente de forma demasiado rígida — evitá-lo, os seus interesses e intenções nunca consistiram tanto em evitar o pecado como em procurar verdades eternas; em estabelecer uma aliança com objetivos universais; em alcançar a unidade, pelo menos em espírito, entre o self, o self total e a mente universal.

Esses objetivos inflamam os vossos poderes criativos e impulsionaram-vos — e continuam a impulsionar-vos — a explorar todas as categorias possíveis da existência, procurando exprimir aqueles mistérios divinos que existem dentro e por detrás de cada existência — a tua e a minha também.

As nossas explorações não envolveram provas em segunda mão transmitidas por outros, mas o encontro pessoal e direto da nossa consciência e do nosso ser com os vastos elementos do desconhecido — um encontro do self, humano e vulnerável, com os domínios psicológicos dos deuses e das eternidades; vastos domínios da mente pelos quais a nossa

natureza se sentia atraída e que estava singularmente equipada para perceber.

Acreditei, antes de mais, na sobrevivência da alma e inspirei o «self criativo» a avançar tão livremente quanto possível, mesmo quando, no meu íntimo, acreditava também na existência do pecado e do diabo.

Sentia no coração a pesada e cruel marca de Caim, pressentindo que a humanidade transportava, injustamente, a mancha quase indelével — a falha trágica — de estar tingida pelo pecado e por antigas iniquidades.

Assim raciocinava:

Se sou imperfeito, então tenho necessariamente de distorcer até aquelas experiências da alma que parecem mais claras.

Tenho inevitavelmente de cair em erro precisamente quando mais confio em mim próprio, uma vez que partilho dessa propensão pecaminosa.

E, contudo, apesar desses sentimentos, avancei — avançámos — sem vacilar.

O self pecador encontrou grande conforto na Igreja quando Ruburt era jovem, pois, se esta criava nos seus membros a imagem de um self pecador, também fornecia naturalmente um sistema

contínuo de tratamento — uma série de rituais que proporcionavam ao indivíduo alguma esperança de que o self pecador pudesse ser redimido, dentro da estrutura da maior parte do cristianismo, através da adesão a determinados segmentos do dogma cristão.

Quando Ruburt abandonou a Igreja, o conceito do self pecador continuou presente, mas os métodos que anteriormente serviam para aliviar as suas pressões já não estavam efetivamente disponíveis.

O conceito foi transferido para o **self imperfeito de origem científica**.

A ciência não possui sacramentos.

Os seus únicos métodos para lidar com semelhante culpa envolvem o aconselhamento psicanalítico convencional — que, por sua vez, aprofunda o dilema, pois esse aconselhamento se baseia na ideia de que o self interior constitui um reservatório de impulsos selvagens.

A natureza criativa de Ruburt começou cedo a percecionar, pelo menos, que a existência humana continha outras realidades mais profundas.

Parte disto é difícil de separar.

Abandonar a Igreja significava, por exemplo, continuar a transportar algumas das antigas crenças, mas sem as proteções que anteriormente ofereciam algum alívio.

Desde a infância, começou naturalmente a procurar uma estrutura mais vasta que fornecesse uma explicação da realidade e que apresentasse, pelo menos, alguma semelhança com a visão natural da sua melhor poesia.

Já disse anteriormente que muitas pessoas criativas e altamente dotadas morreram jovens, de uma forma ou de outra, porque os seus grandes dons criativos não encontraram um espaço suficientemente amplo onde pudessem crescer.

Foram sufocadas pelas crenças culturais das suas épocas.

Nesse sentido, a criatividade de Ruburt continuava a lutar pelo próprio crescimento e pela **realização de valor**.

O seu reconhecimento ou iniciação psíquica representou uma extraordinária rutura, destinada a proporcionar-lhe aquele espaço psíquico adicional que asseguraria a expansão contínua das capacidades do self natural.

O conceito do self pecador é pessoal para cada pessoa que o mantém, mas é igualmente projetado para o exterior sobre toda a espécie, até que o mundo inteiro parece contaminado.

A criatividade de Ruburt rompeu essas barreiras para proporcionar as nossas sessões e libertar capacidades psíquicas que anteriormente tinham sido quase, mas não completamente, reprimidas.

A sua poesia funcionou, em determinados aspetos, como estimulante.

Essa rutura, poder-se-ia dizer, talvez com algum exagero, constituiu uma salvação, pois, sem semelhante expansão, Ruburt teria sentido que não conseguia continuar aquela modalidade particular da sua existência.

Não é possível exprimir por palavras aquilo que uma pessoa ou outra procura na vida, nem quais são as características únicas que melhor promovem o seu crescimento e desenvolvimento.

Até duas plantas da mesma espécie requerem, por vezes, tratamentos completamente diferentes.

As sessões abriram, portanto, a porta para um determinado tipo de realização de valor natural ao ser de Ruburt.

Até certo ponto, era agora aquele pobre e infeliz self pecador — uma estrutura psicológica formada por crenças e sentimentos — que procurava igualmente a própria redenção, uma vez que até ele tinha ultrapassado a estrutura que o definia.

Já disse que, em quase todos os casos de profunda insatisfação ou doença, as razões subjacentes não serão encontradas tanto na descoberta ou expressão de ódio ou agressividade reprimidos — embora estes possam estar presentes —, mas na **procura de expressão da realização de valor que, por uma razão ou outra, está a ser negada.**

Ruburt rompeu barreiras tanto psíquica como criativamente — isto é, as sessões proporcionaram-lhe quase imediatamente nova inspiração e expressão criativas, bem como as expansões psicológicas necessárias para o ajudar a realizar o seu potencial enquanto escritor e enquanto personalidade madura.

Continuou, contudo, a transportar consigo as crenças relativas ao self pecador e muitos medos profundos que lhe diziam que a própria autoexpressão e a espontaneidade eram extremamente perigosas.

Nesse sentido, possuem aquilo que equivale a um **dilema criativo.**

Uma coisa é dizer que esse dilema é infeliz, mas também é verdade que o dilema existia por causa de uma rutura que, na altura, lhe proporcionou aquilo que equivalia a uma nova vida.

Não é coincidência que tenhas estado relativamente livre desse conceito na sua conotação religiosa tradicional.

Em grande medida, resolveste isso na tua existência como Nebene e através das tuas próprias preparações para a vida em que agora estás envolvido.

Embora admita que muitas pessoas não concordarão comigo, sei por experiência que a maioria dos indivíduos não escolhe uma vida «feliz» após outra, sempre instalada num corpo capaz e dotada, pela natureza ou pela hereditariedade, de todos os dons que a maioria das pessoas parece pensar que deseja.

Cada pessoa procura **realização de valor**, e isso significa que escolhe diferentes vidas de tal maneira que todas as suas capacidades e aptidões possam desenvolver-se da melhor forma possível, enriquecendo simultaneamente o seu mundo.

Algumas pessoas escolhem deliberadamente corpos «defeituosos» para se focarem mais intensamente noutras áreas.

Desejam um tipo diferente de foco.

Semelhante escolha exige uma intensificação.

É feita pelo indivíduo e também pelos pais.

A vossa relação amorosa é suficientemente vasta para suportar qualquer expressão natural de agressividade ou ressentimento por parte de qualquer um de vocês.

Como já foi referido, devido à sua formação, Ruburt receava frequentemente o abandono.

Parecia-lhe que não oferecia aquilo que a maioria dos homens esperava das mulheres e, por isso, se quisesse um bom companheiro para toda a vida, teria de avançar com cuidado.

Sentia que muitas das suas próprias características eram consideradas desvantajosas numa relação entre homem e mulher.

As principais questões que preocupavam o self pecador ficaram mais claramente focalizadas em *Acontecimentos de Massa* e *O Deus de Jane*, pois, mais do que os outros livros, estes representam um confronto direto, «atacando» a própria legitimidade de todo o conceito de pecado e mal e insistindo, de maneira mais dramática, na **boa intenção dos impulsos fundamentais do homem**.

A explicação do self pecador de Ruburt representa, nesse sentido, um fascinante documento psicológico e mostra também a mobilidade do self e a sua disposição para aprender e mudar — assim que surge a intenção de tomar uma posição.

Poderá ser útil Ruburt perguntar mentalmente ao self pecador se gostaria de fazer alguns comentários acerca da forma como as suas

crenças sobre o sexo feminino estavam ligadas aos conceitos de pecado e se essas atitudes estão a mudar.

Quero agora colocar o material relativo ao self pecador dentro de um espectro mais amplo.

Idealmente, os bebês estabelecem uma ligação com os pais, particularmente com a mãe, mas também com o pai, e estabelecem igualmente uma ligação com as ideias gerais da sua sociedade.

Isso proporciona o sentimento de segurança a partir do qual a criança pode então sentir-se suficientemente livre e curiosa para explorar o mundo e a natureza da realidade.

Vocês são criaturas sociais.

Por essa razão receiam o abandono, uma vez que estão destinados a desenvolver-se individualmente e, ao mesmo tempo, a interagir com os outros, sendo essa interação aquilo que confere a qualidade particular às civilizações estabelecidas.

Ruburt, porém, tinha apenas um progenitor disponível durante a maior parte do tempo e não se sentia seguro nessa relação — uma situação, agora, escolhida antecipadamente.

Existe uma grande margem de variação na natureza dessas ligações.

Em algumas pessoas, são tão seguras que proporcionam uma estrutura interior e exterior global e bastante permanente.

A relação de Ruburt com a mãe deixava muito a desejar.

Essa ligação não lhe proporcionou o sentimento vital de segurança, e ele sentia-se ameaçado pelo abandono.

A sua ligação às crenças culturais da religião tornou-se muito forte para compensar essa ausência inicial.

O material do self pecador representa aquelas ideias que constituíam um elemento forte das suas estruturas originais de crenças.

O material «problemático» permaneceu relativamente inativo até que a sua curiosidade e capacidade o levaram a desafiar ativamente essas ideias, ao mesmo tempo que se encontrava numa situação em que o medo natural do abandono poderia ser ativado.

Em determinados momentos, a assimilação de nova informação é tão qualitativamente diferente da estrutura original de crenças que, para conseguir assimilá-la, a personalidade fica durante algum tempo **entre sistemas de crenças**.

O ponto em que semelhante situação ocorre é naturalmente interior e pode ou não estar relacionado com a qualidade do material, mas sim com a sua natureza.

Cada sociedade — ou cada sistema de conhecimento, nesse sentido — possui os seus próprios tabus incorporados, e a maioria destes implica abandono por parte da comunidade.

Uma ligação firme com os pais implica idealmente, contudo, que a criança não será abandonada, independentemente da ira parental em determinado momento.

Recordem que a mãe de Ruburt utilizava frases como:

«Renego-te.»

«Deserdo-te.»

«Já não te considero minha filha.»

Semelhantes situações aumentaram o sentimento de insegurança de Ruburt, mas reforçaram igualmente sentimentos de independência, pois ele não precisava de se sentir tão dependente de Marie como poderia sentir-se de outro modo.

Chegaria, contudo, o momento em que essas antigas ligações teriam de ser confrontadas, pois simplesmente não podiam conter as novas e mais vastas estruturas de compreensão.

As ideias do chamado self pecador representam, portanto, vários níveis de atividade — aspetos problemáticos de estruturas de

crenças partilhadas por milhões de pessoas da vossa sociedade e também por determinados níveis da personalidade de Ruburt.

Ele está agora a tentar assimilar uma estrutura mais vasta, **estabelecendo ligação com uma sequência superior de conhecimento.**

Assim que essas antigas crenças forem compreendidas, deixarão de ser consideradas vergonhosas, humilhantes ou atitudes que devam ser condenadas.

A ideia que ele tem agora de um projeto acerca da abordagem mágica é excelente, pois sugere uma nova concentração ou foco.

1. Sobreposições Temporais

As **sobreposições temporais** são versões dos acontecimentos-mestre, na medida em que ocorrem de tal maneira que uma «face» de um acontecimento global pode surgir num determinado tempo, outra noutro, e assim sucessivamente.

As sobreposições temporais são, portanto, **as versões temporais de determinados acontecimentos.**

Essas sobreposições temporais existem sempre.

Podem, contudo, ser ativadas por determinadas associações feitas no vosso presente e, desse modo, trazer para o vosso tempo presente certos vislumbres provenientes do futuro ou do passado.

O chamado tempo presente torna-se então **mais espesso**, através de uma percepção psicológica, a níveis profundos da psique, de que todos os acontecimentos estão inter-relacionados e de que as experiências reencarnacionais de qualquer indivíduo proporcionam uma rica fonte de experiência da qual cada pessoa retira material, pelo menos inconscientemente.

Esse conhecimento, habitualmente inconsciente, é de enorme benefício para a própria espécie.

Assim, pelo menos a determinados níveis, o conhecimento da espécie não fica aprisionado numa geração específica, mas flui ou circula dentro do quadro reencarnacional global mais vasto.

As probabilidades estão, naturalmente, profundamente envolvidas nisto, e é mais fácil que determinados acontecimentos se enquadrem numa sequência temporal do que noutra.

Não quero, contudo, que sintam que estão destinados a experimentar determinados acontecimentos, pois não é esse o caso.

Existirão, porém, «ramificações» dos acontecimentos das vossas próprias vidas que poderão surgir como sobreposições noutras existências reencarnacionais.

Existem determinados pontos em que esses acontecimentos estão mais próximos de vocês do que noutros, nos quais associações mentais, em determinado momento, podem colocar-vos em **correspondência** com outros acontecimentos de natureza semelhante numa encarnação futura ou passada.

É mais correto dizer, contudo, que esses acontecimentos semelhantes são **versões temporais de um acontecimento maior**.

Em regra, experimentam apenas uma versão temporal de determinada ação.

É fácil perceber como um aniversário, uma data comemorativa, determinado símbolo ou objeto pode funcionar como ligação associativa, despertando dentro de vocês memórias de questões ou ações que poderão ter ocorrido em circunstâncias semelhantes noutros tempos.

Na realidade, esse tipo de comportamento psicológico representa a **espinha dorsal da organização social da espécie**, pois são as memórias habitualmente ocultas, mas definidas, das relações reencarnacionais passadas e futuras que cimentam as organizações sociais, desde as pequenas tribos até aos grandes governos.

Até certo ponto, naturalmente, todos vocês estiveram ou estarão relacionados uns com os outros.

Sob essa perspectiva, **todos os acontecimentos do tempo roçam os cotovelos uns nos outros.**

Em cada momento das vossas vidas, roçam o cotovelo de um acontecimento futuro ou passado.

Na cultura que conhecem, semelhante informação permanece escondida.

Os vossos principais sistemas de crenças levam-vos a sentir que a vida presente é singular, não sustentada por qualquer conhecimento de experiências anteriores de existência e destinada a ser cortada ou encerrada sem futuro.

Em vez disso, **transportam sempre dentro de vocês o conhecimento interior de inúmeros futuros disponíveis.**

A vossa vida emocional, a determinados níveis, é enriquecida pela percepção inconsciente de que aqueles que vos amam, provenientes do passado ou do futuro, estão ligados a vocês por laços especiais que acrescentam riqueza e apoio à vossa herança emocional.

Como muitos imaginaram, particularmente na ficção, **as relações amorosas sobrevivem realmente ao tempo** e colocam-vos numa correspondência especial.

Mesmo que tivessem consciência das existências reencarnacionais, o vosso comportamento psicológico presente não seria ameaçado e continuaria a manter a sua predominância, pois só em determinadas intersecções de espaço e tempo podem ocorrer ações físicas.

Uma aceitação mais ou menos generalizada da teoria da reencarnação alteraria, contudo, automaticamente os vossos sistemas sociais, acrescentaria riqueza à experiência e, em particular, introduziria um novo sentimento em relação ao futuro, de modo que não sentissem as vossas vidas como becos sem saída.

Já referi várias vezes anteriormente que temos de chegar a um ponto em que consigam ver para além da esquina de material aparentemente contraditório, e esta é uma dessas ocasiões.

As sobreposições temporais apresentam-vos um quadro no qual possuem **livre-arbítrio** — e, contudo, cada acontecimento que escolhem terá a sua própria versão temporal.

Essas versões temporais podem ser inteiramente diferentes umas das outras e, embora iniciem certamente a vossa própria versão temporal, nos termos da compreensão habitual não existe

verdadeiro lugar ou momento em que se possa dizer que essa versão tenha realmente começado.

Semelhante versão temporal sugere naturalmente uma ocorrência no tempo e, contudo, o acontecimento pode deixar apenas uma espécie de rasto fantasmagórico, manifestando-se muito pouco, enquanto noutra vida essa versão temporal poderá assumir enorme proeminência — embora na vossa própria experiência represente apenas um incidente bastante trivial de uma tarde comum.

O núcleo interior dos acontecimentos, contudo, é mantido unido precisamente por esse tipo de atividade.

Em toda a parte vos é proporcionada uma fonte inesgotável de acontecimentos prováveis provenientes do passado e do futuro, a partir da qual compõem os acontecimentos das vossas vidas e da sociedade.

Mais uma vez, recordo-vos que **todo o tempo existe simultaneamente**.

Ruburt recebeu, numa experiência no estado de sonho, novas provas ao observar por si próprio porções de duas outras vidas — apenas fragmentos dos ambientes, mas tão claramente preenchidos por objetos preciosos e pessoas amadas, tão vivos na sua imediaticidade, que ficou surpreendido ao perceber que as dimensões completas da existência podiam continuar tão

inteiramente, com semelhante detalhe e profundidade, ao mesmo tempo que a sua vida presente.

Parecia-lhe que poderia passar de qualquer uma dessas existências para outra como vocês poderiam caminhar de uma divisão da casa para outra.

E sabia que, noutros níveis da psique, isso era realmente possível — e, naturalmente, nesses outros níveis da psique, **essas portas psicológicas estão abertas.**

Ruburt teve, contudo, particular dificuldade com «a teoria da reencarnação» porque, tal como é habitualmente descrita, parecia-lhe que as pessoas a utilizavam para atribuir a vidas anteriores a origem dos infortúnios atuais ou como desculpa para comportamentos pessoais cuja natureza não compreendiam de outra maneira.

A teoria da reencarnação foi, de facto, profundamente deturpada.

A sua realidade, contudo, serve para gerar atividade através da estrutura do tempo, tal como a compreendem, para unir a espécie, reforçar estruturas de conhecimento, transmitir informação e, talvez acima de tudo, **reforçar relações de amor, fraternidade e cooperação entre gerações de homens e mulheres que, de outra forma, estariam completamente separadas umas das outras.**

Através dessas relações, por exemplo, os homens das cavernas e as pessoas do século XXII **roçam os cotovelos**, enquanto, nos termos estritos do tempo, a espécie pareceria completamente desligada das suas contrapartes «anteriores» ou «posteriores».

Através desse comportamento, os propósitos e intenções globais de realização de valor da espécie permanecem em foco, e os requisitos necessários são então plantados no espaço ou no tempo em que forem necessários.

Mais uma vez, **o livre-arbítrio continua a funcionar em todas essas atividades.**

Embora pareça que o vosso mundo contém cada vez mais informação, o vosso tipo particular de ciência é relativamente estreito, na medida em que aceita como válidas apenas determinadas áreas específicas de especulação.

As áreas que ficam para além das suas fronteiras tornam-se tabu.

Assim, o domínio do desconhecido já não é o universo material ou os mistérios do espaço, mas **o universo interior e os mistérios da mente**, tal como estes são experimentados ou suspeitados de existir para além dessas áreas oficialmente aceites.

Nesse sentido, o desconhecido é mais temido pela ciência do que alguma vez o foi pela religião.

A religião foi — e continua a ser — limitada pela sua própria interpretação do bem e do mal, mas não negou a existência de outras versões de consciência ou de diferentes tipos de atividade psicológica e de vida.

A reencarnação sugere, naturalmente, a extensão da existência pessoal para além de um único período temporal, independentemente de uma única forma corporal; a tradução ou transmissão da inteligência através de estruturas não físicas; e implica comportamento psicológico, memória e desejo como ações intencionais sem a substância de qualquer mecanismo físico.

São proposições que a ciência, no atual estágio do seu desenvolvimento, simplesmente não consegue aceitar e para as quais não encontra provas, pois os próprios métodos que utiliza excluem automaticamente o tipo de experiência que semelhante evidência exigiria.

As pessoas podem, portanto, ficar bastante assustadas perante qualquer experiência pessoal que sugira vida reencarnacional, pois confrontam-se então com os tabus da ciência ou, talvez, com as explicações distorcidas de determinadas religiões ou cultos.

Protegem-se, por isso, de muitos impulsos perfeitamente naturais que, por si próprios, vos proporcionariam experiência das vossas próprias existências reencarnacionais.

E ficam muitas vezes privados de conforto psicológico em momentos de tensão que, de outra forma, poderiam receber.

Não quero necessariamente dizer que imagens plenamente desenvolvidas de outras existências vos surgiriam na mente, mas que, de uma maneira ou outra, poderiam receber apoio ou uma mudança de estado de espírito, à medida que aqueles que vos amaram noutras vidas percecionassem de algum modo a vossa necessidade e respondessem.

A natureza global dos acontecimentos existe, portanto, de uma forma diferente daquela que imaginaram.

Apenas pequenas porções entram na realidade que reconhecem, enquanto, por baixo, todas estão ligadas a uma vasta atividade psicológica.

Poderiam comparar os acontecimentos a **consoantes psicológicas** que sustentam as características mais invulgares do ambiente psicológico físico.

2. Acontecimentos-Mestre

Mais uma vez, os **acontecimentos-mestre** são aqueles que afetam de forma mais significativa o vosso sistema de realidade, embora a ação original não tenha sido física, mas tenha ocorrido na dimensão interior.

A maioria dos acontecimentos manifesta-se simultaneamente **dentro e fora do tempo**, distribuindo a sua atividade entre um campo interior e um campo exterior de expressão.

Habitualmente, têm consciência apenas dos núcleos exteriores dos acontecimentos.

Os processos interiores escapam-vos.

Esses processos interiores, contudo, também fornecem muitas pistas acerca de determinadas capacidades naturais que utilizaram «no passado» enquanto espécie.

E, por vezes, esses processos interiores emergem.

Eis um exemplo.

Numa manhã do fim de semana passado, Ruburt encontrou-se subitamente e de forma muito vívida a pensar num casal amigo.

Viviam fora da cidade, a cerca de meia hora de viagem.

Ruburt deu por si a desejar que os amigos vivessem mais perto e foi subitamente tomado por uma grande vontade de os ver.

Imaginou o casal em casa e surpreendeu-se a pensar que talvez lhes telefonasse mais tarde e os convidasse para passar a noite,

embora ele e Joseph tivessem decidido não receber visitas nesse fim de semana.

Além disso, Ruburt não gostava da ideia de fazer um convite com tão pouca antecedência.

Depois percebeu que aqueles pensamentos específicos eram intrusivos e completamente deslocados relativamente aos pensamentos que tivera imediatamente antes, pois apenas um momento antes tinha estado precisamente a felicitar-se por não ter feito quaisquer planos para o dia ou para a noite que envolvessem visitas ou atividades semelhantes.

Pouco depois esqueceu completamente o assunto.

Cerca de quinze minutos mais tarde, contudo, as mesmas ideias regressaram, desta vez com maior insistência.

Duraram talvez cinco minutos.

Ruburt reparou nelas e voltou a esquecê-las.

Desta vez, porém, decidiu não telefonar aos amigos e continuou a tratar dos seus assuntos.

Cerca de meia hora depois, a mesma atividade mental regressou e, impressionado com isso, Ruburt mencionou o episódio a Joseph e voltou a afastá-lo da mente.

Mais tarde, Ruburt e Joseph almoçaram e chegou o correio.

Havia uma carta escrita na manhã anterior pelos mesmos amigos que tinham ocupado tão intensamente a mente de Ruburt.

Mencionavam uma viagem e perguntavam especificamente se poderiam visitá-los nessa mesma tarde.

Pela forma como a carta estava escrita, parecia que os amigos — chamemos-lhes Peter e Polly — já tinham iniciado a viagem nessa manhã e passariam por Elmira no regresso, bastante mais tarde, ao final do dia.

Naturalmente, já não havia tempo para responder à carta.

Parecia que Peter e Polly estariam na estrada e, portanto, inacessíveis por telefone, embora tivessem incluído o número do serviço de atendimento e tivessem igualmente escrito que telefonariam antes de partir — mas semelhante chamada não tinha sido recebida.

Seria bastante fácil, naturalmente, atribuir os pensamentos e sentimentos de Ruburt a uma simples coincidência.

Ele recordava, contudo, a intensidade dos sentimentos que tivera.

Parecia que Peter e Polly iriam realmente chegar quase como se Ruburt lhes tivesse telefonado e feito o convite.

Nessa noite, a visita ocorreu efetivamente.

Na realidade, determinado trabalho tinha impedido o casal de partir à hora inicialmente prevista.

Telefonaram mais tarde de casa para dizer que estavam apenas então a iniciar a viagem e que passariam por lá no caminho.

Nessa altura, Ruburt estava já perfeitamente preparado para a chamada e para a visita.

Ora, a visita e os sentimentos e pensamentos anteriores de Ruburt faziam parte do mesmo acontecimento.

A sua experiência subjetiva, contudo, proporcionou-lhe pistas acerca dos processos interiores através dos quais todos os acontecimentos ocorrem.

Está envolvido muito mais do que a simples questão:

«Terá ele percecionado a visita precognitivamente?»

Está envolvido mais do que perguntar:

«Terá recebido a informação diretamente das mentes dos amigos ou da própria carta, que já tinha sido enviada e se encontrava a caminho de Ruburt?»

Aquilo que possuem é uma espécie de **estrutura interior da percepção** — um programa de apoio, por assim dizer —, um mecanismo percetivo interior dotado do seu próprio sintonizador psicológico preciso, que funciona, de uma forma ou de outra, dentro do campo das vossas intenções.

Assemelha-se, até certo ponto, à deteção remota ou a uma espécie de radar interior que funciona num campo psicológico de atenção.

Assim, têm alguma consciência da existência de determinados acontecimentos que vos dizem respeito à medida que estes entram no alcance mais próximo das probabilidades às quais estão ligados.

De certo modo, **«entram no acontecimento» a esse nível.**

Aceitam-no ou rejeitam-no enquanto probabilidade.

Fazem determinados ajustamentos, talvez alterando pormenores específicos, mas entram nos processos interiores e tornam-se parte deles — afetando, por exemplo, a forma, dimensão ou natureza do acontecimento antes de este se tornar uma realidade física definida.

Durante séculos, foi principalmente dessa maneira que o homem lidou com os acontecimentos da sua vida, da sua tribo ou da sua aldeia.

Os vossos modernos métodos de comunicação são, na realidade, modelados a partir dos vossos métodos interiores.

Os pensamentos de Ruburt quase se integraram o suficiente para passarem relativamente despercebidos.

Eram quase suficientemente inócuos para serem posteriormente aceites como coincidência.

Possuíam, contudo, uma intensidade, vitalidade e insistência peculiares — qualidades que ele aprendeu a reconhecer como indicativas de atividade psicológica invulgar.

O ponto importante é que, na maioria desses casos, o reconhecimento subjetivo de um acontecimento que se aproxima flui de forma tão fácil e transparente para a vossa atenção, encaixando-se tão suavemente nos acontecimentos do dia, que passa despercebido.

Ajudam a moldar a natureza e a forma dos acontecimentos sem perceberem que o fazem, ignorando aquelas ocasiões em que os processos poderiam tornar-se visíveis.

Quando isso acontece, poderão perguntar:

«Será possível que estivesse realmente a perceber uma ação antecipadamente?»

Mais tarde, algumas pessoas mais persistentes poderão tentar «provar» que determinados acontecimentos são realmente percebidos precognitivamente.

Mas o ponto é que **todos os acontecimentos são percebidos precognitivamente.**

Na realidade, entram num acontecimento, tornam-se parte dele, rejeitam-no, aceitam determinada versão que «captaram» ou esforçam-se por introduzir determinadas alterações que afetam a própria natureza do acontecimento.

Até a mente consciente contém muito mais informação acerca da estrutura dos acontecimentos do que imaginam possuir.

Os mecanismos físicos de percepção de todas as organizações transportam os seus próprios sistemas interiores de comunicação, permitindo que os acontecimentos sejam moldados à escala mundial antes de assumirem aquilo que parece ser a sua ocorrência física final e definitiva no espaço e no tempo.

Individualmente e à escala global, **a realização de valor é, de certo modo, o propósito de todos os acontecimentos.**

A realização de valor é, novamente, o impulso que faz girar as rodas da natureza, por assim dizer.

Tal como a origem do vosso mundo emergiu realmente do «mundo dos sonhos», também **a verdadeira raiz de todos os acontecimentos se encontra em atividades subjetivas dessa natureza.**

E as respostas aos desafios e problemas individuais encontram-se sempre ao vosso alcance, prontas para aparecer na realidade física.

No próximo capítulo espero mostrar-vos a importância da realização de valor na vossa própria vida e fornecer-vos pistas que vos permitam tirar melhor partido das vossas oportunidades subjetivas e objetivas para semelhante desenvolvimento.

Síntese Operativa

1. O acontecimento físico é apenas a face exterior

Seth começa por deslocar o foco da realidade visível para os processos que a sustentam.

A maior parte dos acontecimentos possui:

dimensão interior + manifestação exterior

Aquilo que percebemos fisicamente corresponde apenas ao:

núcleo exterior do acontecimento

Os processos que o organizam começam antes, numa dimensão subjetiva.

2. A criatividade pode entrar em conflito com estruturas de crenças antigas

No caso de Ruburt, Seth descreve um conflito entre:

impulso criativo

e

crenças profundas de culpa, perigo e responsabilidade

Daí surge o que chama:

dilema criativo

A criatividade procura expandir-se, mas antigas crenças tentam restringi-la.

3. O «self pecador» é uma estrutura aprendida

O self pecador não é apresentado como essência do indivíduo.

É:

**uma estrutura psicológica formada por crenças +
sentimentos + condicionamento**

Essa estrutura pode tornar-se tão profunda que passa a interpretar:

espontaneidade → perigo

autoexpressão → risco

sofrimento → virtude

4. Compreender é diferente de combater

Seth insiste que o objetivo não é:

acusar o self pecador

Mas:

**compreendê-lo + compreender as suas necessidades +
perceber a sua origem**

Porque uma estrutura formada por medo não se transforma necessariamente através de mais medo ou condenação.

5. Quando uma estrutura de crenças é ultrapassada, pode continuar ativa

Ruburt abandona a Igreja, mas mantém parte da estrutura interior aprendida.

Logo:

abandono intelectual da crença ≠ dissolução psicológica da crença

A antiga estrutura pode permanecer sem os mecanismos que antes a compensavam.

6. O antigo modelo pode simplesmente mudar de linguagem

Seth descreve uma transferência:

self pecador religioso → self imperfeito científico

Ou seja, muda o enquadramento, mas permanece a ideia fundamental:

há algo profundamente errado no indivíduo

Isto mostra como uma crença pode sobreviver:

mudando apenas de vocabulário

7. A realização de valor é mais profunda do que a simples adaptação

Seth volta ao conceito central do livro:

realização de valor

O indivíduo procura:

expressão + desenvolvimento + expansão das próprias capacidades

Quando essa expressão é bloqueada, podem surgir conflitos profundos.

8. A insatisfação pode resultar de realização de valor bloqueada

Seth propõe que, em muitos casos, a raiz da insatisfação não está principalmente em:

ódio reprimido ou agressividade reprimida

mas em:

possibilidades de realização que não encontram expressão

Assim:

energia criativa bloqueada → tensão psicológica

9. O desenvolvimento exige espaço psicológico

Ruburt precisava de:

espaço psíquico adicional

para que determinadas capacidades pudessem desenvolver-se.

As sessões funcionaram como:

abertura de um novo campo de realização

Daí:

expansão da estrutura interior → expansão das possibilidades de vida

10. O indivíduo pode ficar «entre sistemas de crenças»

Quando nova informação é demasiado diferente da estrutura anterior:

velho sistema já não serve

mas

novο sistema ainda não foi totalmente assimilado

A personalidade pode então ficar:

entre sistemas de crenças

Este é um ponto importante do capítulo.

A transição cognitiva pode ser:

libertadora + desorganizadora ao mesmo tempo

Sobreposições Temporais

11. Um acontecimento maior pode ter várias versões temporais

As sobreposições temporais são:

versões temporais de acontecimentos-mestre

Um acontecimento global pode possuir:

uma face num tempo + outra face noutro tempo

Logo:

acontecimento maior → múltiplas expressões temporais

12. Passado, presente e futuro podem tocar-se psicologicamente

Determinadas associações no presente podem ativar:

vislumbres do passado ou do futuro

O presente torna-se então:

mais espesso

porque passa a conter ligações com outros tempos.

13. O presente não é isolado

Segundo Seth:

todos os acontecimentos estão inter-relacionados

A experiência presente retira informação de:

passado reencarnacional + probabilidades futuras

Assim:

presente = intersecção

e não linha isolada.

14. A espécie transporta conhecimento através do tempo

O conhecimento humano não pertence apenas a uma geração.

Circula através de:

relações reencarnacionais + memória interior + probabilidades

Logo:

conhecimento da espécie $\neq$ soma linear de gerações

Existe também um fluxo interior de informação.

15. O acontecimento semelhante pode ser outra versão do mesmo núcleo

Aquilo que parece ser:

dois acontecimentos semelhantes

pode ser, segundo Seth:

duas versões temporais de um acontecimento maior

Isto muda completamente a ideia de repetição.

Não seria:

evento A parecido com evento B

mas:

evento maior → versão A + versão B

16. As relações humanas podem atravessar diferentes períodos temporais

Seth afirma que vínculos afetivos podem persistir:

através de diferentes existências

Assim:

amor + afinidade + relação

não estariam necessariamente confinados a uma única vida.

17. A organização social pode ter raízes reencarnacionais

Seth chega a propor que as relações reencarnacionais constituem parte da:

espinha dorsal da organização social da espécie

As ligações entre pessoas podem ultrapassar uma única geração.

18. Todo o tempo «roça os cotovelos»

A imagem é extremamente condensada:

todos os acontecimentos do tempo roçam os cotovelos uns nos outros

Isto significa:

passado, presente e futuro não estão absolutamente separados

A separação pertence à experiência habitual, não necessariamente à estrutura profunda da realidade.

19. Todo o tempo existe simultaneamente

Este é um dos princípios centrais do capítulo:

todo o tempo existe simultaneamente

A consciência física experiencia:

uma sequência

mas a realidade total não estaria limitada por essa sequência.

20. Livre-arbítrio continua presente

A simultaneidade temporal não elimina escolha.

Seth insiste:

probabilidades $\neq$ destino

Cada acontecimento possui múltiplas versões possíveis.

O indivíduo participa na seleção da versão que experiencia.

21. Reencarnação não significa fatalismo

Seth rejeita novamente a utilização da reencarnação como:

explicação automática de sofrimento + culpa por vidas passadas

A função que lhe atribui é outra:

unir gerações + transmitir conhecimento + reforçar relações + apoiar realização de valor

22. O desconhecido moderno deslocou-se para o interior

Segundo Seth, a ciência moderna explora o universo exterior, mas impõe limites ao estudo de:

consciência + mente + experiência interior

Assim:

o desconhecido deixou de ser apenas espaço exterior

e tornou-se:

universo interior

23. Os métodos podem impedir a descoberta do que procuram

Seth argumenta que determinadas experiências não podem ser encontradas através de métodos que:

as excluem à partida

Ou seja:

pressuposto metodológico → define aquilo que pode ser reconhecido

Acontecimentos-Mestre

24. Acontecimentos-mestre começam no interior

Os acontecimentos-mestre:

afetam profundamente a realidade física

mas a sua ação original ocorre:

na dimensão interior

Logo:

interior → organização → exteriorização

25. Precognição não é apenas «ver o futuro»

No exemplo de Ruburt e dos amigos, a questão não é simplesmente:

ele viu antecipadamente a visita?

Seth propõe algo mais complexo:

Ruburt já estava envolvido no próprio processo do acontecimento

26. A consciência entra nos acontecimentos antes da manifestação física

A fórmula é:

**acontecimento provável → percepção interior → participação
→ ajustamento → manifestação física**

O indivíduo não seria apenas observador.

Participa na formação.

27. Existe um «radar» psicológico interior

Seth descreve uma espécie de:

mecanismo perceptivo interior

que deteta acontecimentos relevantes quando estes entram no campo das probabilidades relacionadas connosco.

Assim:

intenção → sintonia → percepção interior

28. A precognição pode passar despercebida

Na maioria das vezes, essa informação mistura-se tão naturalmente com o pensamento habitual que parece:

coincidência

Só se torna evidente quando possui:

intensidade + insistência + vividez invulgar

29. Todos os acontecimentos são, em certo sentido, percecionados antecipadamente

Esta é uma das afirmações mais fortes do capítulo:

todos os acontecimentos são percecionados precognitivamente

Mas não no sentido simples de observar um futuro já fixado.

O processo inclui:

percecionar + aceitar + rejeitar + modificar

30. O acontecimento é plástico antes de se tornar físico

Antes da manifestação definitiva:

forma + dimensão + natureza

do acontecimento podem ser ajustadas.

Logo:

realidade física = resultado tardio de processos anteriores

31. A comunicação exterior imita processos interiores

Seth afirma:

os modernos sistemas de comunicação são modelados a partir de sistemas interiores

Primeiro existiria:

rede psicológica de informação

e depois:

versão tecnológica exterior

32. A realização de valor é o motor dos acontecimentos

No final do capítulo, Seth reúne novamente tudo num princípio:

a realização de valor é o propósito dos acontecimentos

E ainda:

a realização de valor faz girar as rodas da natureza

Portanto:

acontecimento → não é apenas ocorrência

É também:

veículo de desenvolvimento

33. A raiz de todos os acontecimentos encontra-se no «mundo dos sonhos»

Tal como o mundo físico teria emergido do mundo dos sonhos:

os acontecimentos físicos também emergem de atividade subjetiva

Assim:

sonho / psique / subjetividade → acontecimento físico

Esqueleto central do capítulo

crenças profundas

- estruturas psicológicas
- facilitação ou bloqueio da realização de valor
- conflito criativo
- expansão ou limitação

e, no plano dos acontecimentos:

acontecimento-mestre interior

- probabilidades
- sobreposições temporais
- percepção interior
- participação da consciência
- modificação
- versão temporal
- manifestação física

Tudo isto dentro de:

tempo simultâneo + livre-arbítrio + realização de valor

Núcleo do capítulo

O capítulo liga três ideias que até aqui apareciam mais separadas:

psique + tempo + acontecimento

A realidade física deixa de ser apresentada como uma sequência de factos independentes.

Torna-se:

a expressão exterior de processos interiores que atravessam probabilidades, tempos e relações.

A consciência não chega simplesmente depois do acontecimento para o observar.

Participa antes:

perceciona → relaciona-se → escolhe → modifica → manifesta

A fórmula central do capítulo pode condensar-se assim:

O acontecimento nasce no interior, atravessa probabilidades e versões temporais, é moldado pela consciência e só depois aparece como facto físico.

CAPÍTULO 10

O Princípio do Prazer.

Sonhos de Grupo e Realização de Valor

Como já referi muitas vezes, participam, em maior ou menor grau, na formação de todos os acontecimentos e, a determinados níveis, estão, portanto, envolvidos na construção daqueles acontecimentos globais que afetam o mundo, sejam eles de natureza dita natural ou cultural.

Anteriormente falei também da importância dos sonhos no passado remoto do homem e da sua importância para vocês enquanto espécie.

Aqui quero salientar os **aspetos sociais dos sonhos** e chamar a atenção para o facto de que os sonhos também vos mostram alguns dos processos envolvidos na formação efetiva dos acontecimentos físicos.

Na realidade, **entram num acontecimento muito antes de ele ocorrer fisicamente**, noutros níveis de consciência, e grande parte dessa atividade prévia decorre no estado de sonho.

E, contudo — recordando aquilo que disse acerca das aparentes contradições —, os vossos sonhos são também uma espécie de acontecimentos sociais.

O estado de sonho pode quase ser considerado um **fórum público interior**, no qual cada homem e cada mulher têm voz e em que todas as opiniões, por mais impopulares que sejam, são tidas em consideração.

Se quiserem chamar a determinado acontecimento onírico um acontecimento privado, então terei de vos dizer que esse acontecimento privado foi, na realidade, a vossa contribuição pessoal para um acontecimento onírico mais vasto, multifacetado e constituído por múltiplos níveis.

Um desses níveis poderá ocupar-se dos interesses de um grupo ao qual pertencem — a vossa família, por exemplo, ou a vossa organização política ou religiosa —, estendendo-se «para fora» até ao domínio do governo nacional e dos assuntos mundiais.

Tal como a vossa vida consciente privada é, em regra, vivida dentro de algum tipo de contexto comunitário, também os vossos sonhos ocorrem nesse mesmo contexto, de modo que, ao sonharem para vocês próprios, em certa medida **sonham também para a vossa família, para a vossa comunidade e para o mundo**.

Houve um tempo em que o sonho de grupo era considerado uma característica humana perfeitamente natural.

Numa tribo, por exemplo, quando se procuravam novos territórios, talvez durante um período de seca, os vários membros teriam sonhos nos quais o problema era considerado, cada sonhador abordando o aspeto que melhor correspondia às suas capacidades e intenções pessoais.

Os sonhadores viajariam fora do corpo em diferentes direções para observarem a extensão das condições de seca e determinarem qual seria a melhor direção a seguir pela tribo caso fosse necessária uma migração.

Os sonhos eram depois partilhados pela tribo de manhã, ou em reuniões especiais, nas quais cada sonhador relatava o sonho ou os sonhos que pareciam estar envolvidos.

Da mesma maneira, outros sonhadores entrariam simplesmente em contacto com sonhadores de outras aldeias ou tribos — talvez situadas a cem ou mais quilómetros de distância.

Alguns desses sonhos eram extremamente diretos; outros revestiam-se de simbolismo, de acordo com o estilo do sonhador.

Em qualquer dos casos, compreendia-se que o sonho possuía **significado público, bem como privado.**

O mesmo continua a acontecer, embora os próprios sonhos sejam muitas vezes esquecidos.

Em vez disso, por exemplo, para obter notícias ou aconselhamento, veem os noticiários televisivos da manhã, que vos fornecem uma espécie de **sonho fabricado** que, até certo ponto, desempenha tecnologicamente a mesma função.

Em vez de enviar operadores de câmara e jornalistas para os cantos mais distantes da Terra, o homem primitivo enviava aspetos de si próprio para recolher as notícias e transformá-las em dramas oníricos.

Muitas vezes, grande parte desse material nem sequer precisava de se tornar consciente.

Era utilizado «inconscientemente», transformando-se diretamente em ação.

Hoje, esses sonhos funcionam simplesmente como **sistemas de apoio**, vindo ao primeiro plano sempre que são necessários.

O seu propósito era — e continua a ser — aumentar a **realização de valor da espécie e do indivíduo**.

Os psicólogos falam frequentemente das necessidades do homem.

Aqui gostaria de falar, em vez disso, dos **prazeres do homem**, pois uma das características distintivas da realização de valor é o seu efeito prazeroso.

Não se trata tanto de o homem ou a natureza procurarem satisfazer necessidades, mas de procurarem o prazer de forma exuberante e impetuosa — e, ao seguir o seu prazer, cada organismo encontra e satisfaz igualmente as suas necessidades.

A experiência da vida envolve, contudo, muito mais do que a satisfação de necessidades básicas, pois a vida encontra-se em toda a parte imbuída de um desejo de **qualidade** — uma qualidade que reconhece as características afirmativas do próprio prazer.

Nos vossos termos, existe grande prazer tanto no trabalho como no jogo, tanto na excitação como na calma, tanto no esforço como no descanso.

E, contudo, a própria palavra «prazer» caiu muitas vezes em descrédito e é olhada com desconfiança pelos virtuosos.

Um dos principais propósitos dos sonhos, portanto, é **aumentar o prazer do homem**, o que significa aumentar a própria qualidade da vida.

Os sonhos são simultaneamente trabalho e jogo mentais, ricos dramas criativos de natureza psíquica e emocional.

Também vos envolvem nas mais produtivas das atividades, à medida que começam a brincar com versões de acontecimentos que estão a ser considerados para manifestação física, enquanto, a nível

peçoal, «observam» os acontecimentos prováveis que a vossa família, tribo, organização, comunidade e país irão concretizar.

O homem explorou o mundo físico no estado de sonho muito antes de o explorar fisicamente.

Esses sonhos deram-lhe a certeza de que existiam outras terras para além da sua e impulsionaram-no para aquelas expedições físicas nas quais a espécie sempre encontrou particular prazer.

Um homem ou uma mulher podia, enquanto sonhava, encontrar-se subitamente num território estranho, olhando para o céu a partir de uma perspetiva diferente, sem encontrar, por exemplo, um rio familiar e vendo uma montanha onde normalmente existiria uma planície.

De certo modo, isso constituía uma experiência tão surpreendente como seria para vocês encontrarem-se num planeta distante.

Aliás, **também exploram o espaço dessa maneira** e, pelo menos em algumas ocasiões, os vossos próprios «visitantes do espaço exterior» são viajantes oníricos provenientes de outras dimensões da realidade.

Foi dessa maneira que o homem aprendeu a localização dos oceanos na Terra — ou, pelo menos, recebeu a certeza de que semelhantes grandes massas de água existiam, juntamente com

indícios acerca das suas localizações e da posição das estrelas acima.

Da mesma forma, os sonhos auxiliaram a navegação, permitindo aos marinheiros saber quando a terra estava próxima antes de esta poder ser percebida fisicamente.

Não existe atividade humana para a qual os sonhos e os sonhos de grupo não tenham contribuído.

Foram, naturalmente, de enorme utilidade também na política humana, de modo que, através dos sonhos, as intenções dos líderes tribais, por exemplo, eram conhecidas pelos restantes membros.

Algumas pessoas dentro da tribo especializavam-se nesse tipo de sonhos e, mais uma vez, o conteúdo onírico era — e continua a ser — orientado pelas intenções, propósitos e interesses individuais do sonhador.

De determinada maneira, portanto, o sonho ajudava a acentuar essas tendências individuais, dirigindo-as simultaneamente para a **realização de valor coletiva.**

A pessoa mais interessada em ervas e plantas verificaria igualmente que os sonhos noturnos refletiam essa preocupação diurna, de modo que, nas suas excursões oníricas, poderia encontrar-se a examinar ervas desconhecidas numa localização diferente da sua.

Ou poderia receber informação acerca da melhor maneira de utilizar essas ervas para fins terapêuticos.

As pessoas são imitadoras naturais, tal como certos animais e aves.

Assim, quando os membros da tribo relatavam os seus sonhos, não se limitavam a contá-los: **representavam-nos**, com grande mobilidade, imitando cuidadosamente quaisquer animais, pessoas ou elementos da paisagem que pudessem ter encontrado.

Foi precisamente dessa maneira que surgiram **as origens do drama**.

Os líderes tribais eram habitualmente escolhidos apenas depois de longas «investigações oníricas», nas quais, por exemplo, o nome do novo líder surgia repetidamente nos sonhos das pessoas.

Esperava-se receber aconselhamento através dos sonhos.

Essa informação era depois exposta e partilhada, estudada e examinada juntamente com todas as considerações físicas pertinentes antes de serem tomadas decisões importantes.

Continuam ainda hoje a realizar esse tipo de atividade, embora tenham afastado as vossas mentes conscientes dessas direções.

Grande parte dela não se torna consciente porque **não desejam que se torne.**

Em determinadas áreas, contudo, com a aceleração das viagens físicas, certos tipos de sonhos tornaram-se ainda mais relevantes.

Na vossa sociedade, as famílias encontram-se frequentemente dispersas, com pais e filhos a viverem separados em diferentes regiões do país ou mesmo em países distintos.

Por isso, os sonhos que vos ligam a esses familiares vieram mais para o primeiro plano, por assim dizer.

Muitas vezes, as pessoas acompanham alterações ocorridas nas suas cidades de origem, mesmo quando não as visitam há vinte anos, exceto no estado de sonho.

Nesse estado, familiarizam-se com as mudanças ocorridas, visitam ruas e casas queridas ou veem antigos colegas.

Muito poucas pessoas fazem qualquer tentativa de confirmar fisicamente essa informação.

Existe, por outras palavras, uma **rede onírica global** que permanece praticamente desconhecida — uma rede de organização extraordinária, na qual ocorrem trocas de informação que vos fornecem a base para a formação de acontecimentos físicos reconhecidos.

Se pequenas famílias acompanhassem, por exemplo, os seus próprios sonhos familiares, poderiam descobrir correlações inesperadas e perceber a interação entre o drama subjetivo e objetivo no qual estão constantemente envolvidos psicologicamente.

Reparem no tipo de informação que procuram nos jornais, por exemplo.

Leem a primeira página e ignoram o desporto, ou fazem o contrário?

Leem a coluna social?

Os obituários?

Procuram histórias de crimes sensacionalistas ou novos episódios de manobras políticas?

As respostas mostrar-vos-ão o tipo de material que procuram mais frequentemente.

Até certo ponto, especializam-se no mesmo género de informação quando sonham.

Organizam o conteúdo das vossas mentes e a informação que vos está disponível de acordo com as vossas próprias intenções e propósitos.

Os sonhos de uma pessoa, portanto, embora lhe pertençam, ocuparão ainda assim um lugar importante dentro dos sonhos de determinada família.

Uma pessoa poderá, devido aos próprios interesses, procurar nos sonhos sobretudo avisos de dificuldades ou problemas e tornar-se, por isso, o **sentinela onírico da família** — aquele que, digamos, tem os pesadelos por todos os outros.

Essa pessoa desempenhará também um papel algo semelhante no estado de vigília, enquanto membro da família.

A questão, nesses casos, é saber a razão de semelhante preocupação e alarme excessivos — por que motivo existe um interesse tão intenso em possíveis catástrofes, crimes ou seja no que for?

A resposta encontra-se no exame dos sentimentos e crenças dessa pessoa acerca da própria natureza da existência.

No que diz respeito aos sonhos de grupo, contudo, existem ainda algumas pessoas que sempre desempenharam o papel de sentinelas, enquanto outras, mesmo no estado de sonho,

funcionam como **curadores, professores, exploradores ou desempenham outras funções.**

Não existe qualquer arte ou ofício que não tenha sido primeiro concebido por um sonhador individual, que posteriormente o transferiu para o mundo social da atividade.

No estado de sonho, portanto, as necessidades e desejos das famílias, comunidades e países são bem conhecidos.

O estado de sonho constitui uma rica fonte de conhecimento para o mundo e é, por isso, igualmente responsável pelo desenvolvimento da sua tecnologia.

Este é um ponto extremamente importante, pois **«o mundo tecnológico lá fora» foi, em determinada altura, o mundo dos sonhos.**

As descobertas e invenções que tornaram possível o mundo industrial estiveram sempre latentes na mente do homem e representavam uma paisagem interior resplandecente de probabilidades que ele trouxe para a manifestação através da utilização dos sonhos — mediante a manipulação intuitiva e consciente de material que anteriormente se encontrava latente.

A realização de valor fornecerá sempre orientações interiores que recordam constantemente ao homem as melhores maneiras de utilizar semelhante tecnologia.

A necessidade de possuir esse conhecimento ocupa atualmente um lugar de destaque na mente do homem e, por isso, torna-se igualmente um tema ou assunto vital dos sonhos.

No estado de sonho, portanto, em maior ou menor grau, **o homem procura soluções para os problemas da sua época.**

Os sonhos ocorrem em tantos níveis da realidade que é completamente impossível descrever o seu verdadeiro alcance.

Por um lado, esse alcance inclui níveis que vos são conscientemente desconhecidos.

Os sonhos funcionam igualmente como **sistemas de apoio**, por exemplo, nas importantes comunicações entre diferentes povos ou nações.

Particularmente quando a comunicação física é interrompida entre esses grupos, os sonhos asseguram a continuidade do fluxo de informação de uma parte da espécie para outra.

Existem sonhos de diferentes graus de importância, alguns desencadeados geneticamente, que funcionam como estímulos para determinados tipos de comportamento — sonhos, por outras palavras, que nesse sentido **atravessam literalmente os séculos**, permanecendo enrolados em estado latente nos próprios cromossomas.

E nenhum nível de consciência deixa de participar, de alguma maneira, nos estados de sonho.

Nesse sentido, **até os eletrões, por exemplo, sonham.**

O sonho toca acontecimentos ou realidades tanto microscópicos como macroscópicos e não constitui simplesmente uma característica humana, limitada ao vosso próprio alcance ou à vossa própria espécie.

É, pelo contrário, uma área de experiência subjetiva que **prevalece em todo o universo.**

Como já referi muitas vezes, os animais sonham, tal como as plantas, os insetos e todas as formas de vida.

Todas as construções moleculares manifestam esse determinado tipo de atividade introspetiva, como se o funcionamento interior de algum gigantesco computador estivesse intimamente em contacto não apenas com a sua própria programação e com as probabilidades que lhe estão associadas, mas também com uma profunda consciência psicológica das atividades dos eletrões e das várias partículas visíveis e invisíveis que constituem a sua própria estrutura física.

Existem necessariamente, portanto, formações oníricas muito mais vastas que só podem ser chamadas **sonhos de grupo** —

acontecimentos subjetivos dentro dos quais ocorrem os vossos próprios sonhos e nos quais estes participam.

Esperam que todos os elementos do mundo físico, por mais diversos que sejam, se encaixem entre si e formem determinado tipo de permanência e ordem.

Não deveria, portanto, surpreender-vos que esse mesmo tipo de «encaixe» inclua também a vida subjetiva — ou que, por exemplo, os vossos sonhos privados sejam igualmente **fragmentos de uma realidade onírica muito mais vasta**.

São tão importantes para o funcionamento dessa realidade como os eletrões o são para a vossa realidade física, proporcionando **vias interiores para a acumulação de sabedoria e prazer**.

Existem determinados tipos de sonhos nos quais as diversas espécies comunicam e nos quais as energias do ambiente e dos seus habitantes se fundem.

Estes incluem uma espécie de **extensão psicológica horizontal**, a tradução de um tipo de sonho noutro tipo — a transferência de informação de um sistema para outro, na qual os próprios símbolos ganham vida.

Só posso esperar despertar dentro de vocês alguma sensação que vos recorde o vosso próprio comportamento efetivo nesses níveis ocultos da atividade onírica.

Esses níveis permaneceram, contudo, extremamente importantes no desenvolvimento de todas as espécies juntamente com os seus ambientes, mantendo vivas, umas nas outras, as intenções e os propósitos de cada uma.

Já vos disse que, na realidade, **nenhum conhecimento genético desapareceu da Terra.**

Não desaparece.

É conservado em forma latente dentro de uma espécie de sistema de apoio, de modo que, em termos de probabilidades, cada espécie transporta nos seus próprios padrões genéticos os **modelos e especializações da sequência genética de todas as outras.**

Essas sequências seguem os impulsos da realização de valor com tal fluidez que podem ser reativadas sempre que as condições sejam favoráveis.

Pois nem os animais estão interessados apenas na simples sobrevivência, nem as plantas, mas naquilo a que só posso chamar **qualidades emocionais** — qualidades que procuram uma plena apreciação e extensão criativa daquelas condições de consciência que distinguem cada espécie como ela própria e, ao mesmo tempo, a unem a todas as restantes.

De certo modo, os vossos próprios sonhos funcionam ou aparecem como **eletrões noutras realidades**.

Isto é, mudam de forma, de força ou direção subjetiva e tornam-se parte dos mecanismos operativos do universo.

O mesmo se aplica aos vossos próprios pensamentos.

Não são «desperdiçados» depois de os pensarem, nem simplesmente descartados.

Também não se extinguem, mas continuam a desempenhar outras funções no universo para além daquelas das quais estão atualmente conscientes.

Tudo isto envolve uma **criatividade exuberante e multifacetada**.

O princípio do prazer pode talvez ser comparado mais adequadamente à apreciação latente da beleza que se torna evidente em toda a parte quando procuram por ela: **o êxtase de cada forma de vida perante as maravilhas da sua própria existência**, no qual os valores do amor se ultrapassam a si próprios e em que cada espécie ou forma de vida «percebe» que a sua própria realização acrescenta incomensuravelmente algo à existência de todas as outras formas.

Síntese Operativa

1. Os acontecimentos físicos começam antes de se tornarem físicos

Seth retoma uma ideia central:

o acontecimento físico não começa no momento em que é percebido

Antes disso existe atividade em outros níveis de consciência.

Assim:

acontecimento subjetivo → elaboração onírica → probabilidade → manifestação física

Os sonhos participam nessa fase anterior.

2. O sonho individual nunca é inteiramente individual

Mesmo quando um sonho parece privado, ele pode ser:

uma contribuição pessoal para um acontecimento onírico mais vasto

Logo:

sonho privado $\subset$ sonho coletivo

O conteúdo individual pode participar em estruturas relacionadas com:

família + comunidade + organização + país + mundo

3. O estado de sonho funciona como fórum público interior

Seth apresenta uma imagem particularmente forte:

estado de sonho = fórum público interior

Nesse espaço:

cada pessoa participa

cada perspectiva conta

até opiniões impopulares entram no processo

O sonho torna-se, portanto:

espaço de negociação subjetiva coletiva

4. Sonhamos também para os outros

O indivíduo não sonha apenas:

para si próprio

Mas também, em certa medida:

para a família + para a comunidade + para o mundo

Assim:

atividade onírica individual → função social

5. Os sonhos de grupo pertenciam à vida comunitária

Nas comunidades antigas, os sonhos podiam ser utilizados para:

**orientação + migração + navegação + decisões + liderança
+ cura**

Cada pessoa contribuía segundo:

aptidões + interesses + intenções

O grupo utilizava o sonho como:

instrumento coletivo de conhecimento

6. O sonho funcionava como sistema de informação

Antes dos meios tecnológicos:

o sonhador explorava subjetivamente

Aquilo que hoje é feito através de:

televisão + jornais + comunicações

era, segundo Seth, desempenhado em parte por:

redes oníricas

7. A televisão torna-se um «sonho fabricado»

Seth estabelece uma analogia:

noticiário televisivo → sonho tecnológico coletivo

O princípio é semelhante:

recolher informação distante → reuni-la → apresentá-la ao grupo

A diferença está no meio utilizado.

8. Muito material onírico nunca precisa de se tornar consciente

A informação pode ser:

recebida → integrada → transformada em ação

sem chegar à consciência habitual.

Logo:

inconsciente ≠ inativo

9. Os sonhos funcionam como sistemas de apoio

Mesmo quando esquecidos:

continuam operativos

Podem emergir quando necessários.

Assim:

sonho esquecido $\neq$ sonho inútil

O Princípio do Prazer

10. Realização de valor está ligada ao prazer

Seth desloca o foco de:

necessidade

para:

prazer

A vida não procura apenas:

sobreviver

Procura também:

qualidade + expressão + satisfação + expansão

11. O organismo satisfaz necessidades ao seguir o prazer

A fórmula de Seth é:

seguir o prazer → encontrar necessidades → satisfazê-las

Ou seja, o prazer não surge apenas depois da sobrevivência estar garantida.

Pode funcionar como:

princípio orientador

12. Prazer não significa apenas conforto

O prazer pode existir em:

trabalho + jogo

excitação + calma

esforço + descanso

Logo:

prazer $\neq$ ausência de esforço

É antes:

qualidade afirmativa da experiência

13. A vida procura qualidade

A existência não é reduzida a:

satisfação de necessidades básicas

Existe um impulso para:

qualidade

Esse impulso pertence à própria:

realização de valor

14. Sonhar aumenta a qualidade da vida

Um dos propósitos principais dos sonhos é:

aumentar o prazer

e portanto:

aumentar a qualidade da experiência

15. O sonho combina trabalho e jogo

Os sonhos são simultaneamente:

trabalho mental + jogo mental

e ainda:

drama psíquico + drama emocional + criatividade

Portanto:

seriedade e brincadeira não estão separadas

16. Nos sonhos experimentamos versões de acontecimentos

Antes de um acontecimento se tornar físico, podem ser exploradas:

versões prováveis

A consciência pode:

testar + comparar + experimentar possibilidades

17. O homem explorou primeiro o mundo em sonho

Seth afirma que:

exploração onírica precedeu exploração física

Assim:

sonho → reconhecimento de territórios → exploração física

18. O espaço também pode ser explorado dessa maneira

Seth amplia o princípio:

exploração terrestre ↔ exploração espacial

Alguns «visitantes do espaço» poderiam, segundo ele, ser:

viajantes oníricos de outras dimensões

19. Sonhos ajudaram navegação e descoberta

Os sonhos teriam participado em:

descoberta de terras + oceanos + estrelas + rotas

Logo:

cartografia exterior → precedida por cartografia interior

20. Não existe atividade humana sem contribuição onírica

Seth formula de maneira absoluta:

nenhuma atividade humana surgiu sem participação dos sonhos

Isto inclui:

política + cura + arte + tecnologia + liderança + exploração

21. O drama nasce da representação dos sonhos

Quando os sonhos eram relatados:

não eram apenas narrados

Eram também:

representados fisicamente

Daí:

sonho → imitação → representação → drama

22. A liderança também podia ser preparada em sonho

A escolha de líderes podia surgir após:

investigações oníricas coletivas

Isto mostra novamente:

sonho como componente da organização social

23. Ainda fazemos o mesmo, mas sem reconhecer

A atividade continua.

O que mudou foi:

a consciência cultural dela

Ou seja:

processo permanece → reconhecimento desaparece

24. Existe uma rede onírica global

Um dos conceitos mais fortes do capítulo:

rede onírica global

Essa rede permitiria:

trocas de informação + correlações + preparação de acontecimentos físicos

25. Cada pessoa especializa-se também nos sonhos

Tal como escolhem certos tipos de notícias durante o dia:

também selecionam certos tipos de informação durante o sonho

Logo:

intenção consciente e intenção onírica estão relacionadas

26. Famílias podem ter funções oníricas diferenciadas

Dentro de uma família, alguém pode funcionar como:

sentinela

outro como:

curador

outro como:

professor

outro como:

explorador

Assim:

grupo familiar → especialização onírica

27. O pesadelo também pode ter função coletiva

A pessoa que tem constantemente sonhos de perigo pode estar a funcionar como:

sentinela onírico

Mas isso também revela:

crenças profundas sobre a natureza da existência

Portanto:

função coletiva + estrutura psicológica individual

28. Toda arte ou ofício foi primeiro concebido subjetivamente

Seth afirma:

nenhuma arte ou ofício surgiu primeiro no exterior

Primeiro existiu como:

possibilidade interior

Depois:

sonho / imaginação → realização social

29. O mundo tecnológico foi primeiro mundo onírico

Formulação central:

«o mundo tecnológico lá fora» foi primeiro o mundo dos sonhos

As invenções existiam antes como:

probabilidades interiores

Depois foram:

objetificadas

30. A tecnologia também deve servir a realização de valor

A realização de valor fornece:

orientações interiores

sobre:

como utilizar tecnologia

Portanto, o problema não é apenas:

o que podemos construir?

mas:

para que finalidade favorece a vida?

31. Os sonhos procuram soluções para os problemas da época

A espécie trabalha subjetivamente sobre:

os próprios desafios históricos

Assim:

crise coletiva → processamento onírico coletivo

Sonho como propriedade universal

32. O sonho não pertence apenas ao homem

Seth amplia radicalmente o conceito:

animais sonham

plantas sonham

insetos sonham

formas moleculares participam de estados oníricos

E chega a afirmar:

até os elétrons sonham

33. Sonhar é uma função universal da consciência

Logo:

sonho ≠ função cerebral humana apenas

É:

uma modalidade de experiência subjetiva universal

34. Existem sonhos de grupo em escalas muito maiores

Os sonhos individuais participam em:

formações oníricas coletivas

Assim:

sonho pessoal = fragmento de uma realidade onírica maior

35. Os sonhos ligam sistemas diferentes

Há sonhos nos quais:

espécies + ambiente + sistemas de consciência

trocam informação.

Seth chama isso:

extensão psicológica horizontal

36. Símbolos podem atravessar sistemas

Nessa comunicação:

um símbolo num sistema → transforma-se noutro sistema

Logo:

símbolo não é apenas representação

Pode funcionar como:

veículo de transferência

37. Nenhum conhecimento genético desaparece

Outro princípio central:

conhecimento genético não se perde

Fica:

latente + disponível + potencialmente reativável

38. Cada espécie transporta traços potenciais de outras

Segundo Seth:

cada espécie contém padrões relacionados com outras espécies

Portanto:

genética = memória isolada da espécie não seria suficiente.

Existe uma:

rede genética mais profunda

39. A sobrevivência não é o único motor da vida

Animais e plantas não procuram apenas:

sobreviver

Também procuram:

qualidades emocionais + expressão + apreciação + realização

40. Cada espécie realiza-se e, ao fazê-lo, contribui para as outras

A realização de uma forma de vida:

não acontece isoladamente

A sua realização:

enriquece o conjunto

Logo:

realização individual → enriquecimento coletivo

41. Os sonhos tornam-se operativos noutras realidades

Seth afirma:

os sonhos podem funcionar como eletrões noutras realidades

Isto significa:

mudam de forma + função + direção

e passam a integrar:

mecanismos de outros sistemas

42. Os pensamentos também continuam a existir

Pensamentos:

não desaparecem

Depois de pensados, podem:

assumir outras funções

Portanto:

pensamento $\neq$ evento descartável

43. Nada da criatividade é desperdiçado

A realidade é apresentada como:

criatividade exuberante e multifacetada

Aquilo que surge subjetivamente:

continua a circular + transformar-se + servir outras funções

44. O princípio do prazer é também apreciação da beleza

Seth aproxima prazer de:

beleza + êxtase + amor

Cada forma de vida manifesta:

encantamento pela própria existência

45. O prazer torna-se cósmico

O prazer não é apenas sensação individual.

É:

um princípio de organização da vida

Porque cada espécie «percebe» que:

a sua própria realização acrescenta algo à realização de todas as outras

Esqueleto central do capítulo

sonho individual

- sonho familiar
- sonho comunitário
- sonho coletivo
- rede onírica global
- formação de acontecimentos físicos

e:

prazer

- qualidade
- criatividade
- realização de valor
- expansão individual
- benefício coletivo

e ainda:

sonho

- homem
- animais
- plantas
- moléculas
- elétrões
- realidade universal

Núcleo do capítulo

O capítulo amplia radicalmente o papel dos sonhos.

Eles deixam de ser vistos como:

experiência privada noturna

e passam a ser apresentados como:

infraestrutura subjetiva da vida coletiva

Os sonhos ligam:

**indivíduo + família + comunidade + espécie + ambiente +
outras formas de consciência**

Ao mesmo tempo, Seth coloca o **prazer** no centro da realização de valor.

A vida não procura apenas sobreviver.

Procura:

sentir + criar + expandir + apreciar + realizar-se

A fórmula central do capítulo pode condensar-se assim:

A consciência sonha em rede, transforma possibilidades em acontecimentos e orienta a vida não apenas pela sobrevivência, mas pelo prazer criativo da realização de valor.

CAPÍTULO 11

A Abordagem Mágica e as Relações entre «Conservação» e Desenvolvimentos Espontâneos

De certo modo, os sonhos permitem uma curiosa combinação de processos de aprendizagem, ao mesmo tempo que servem para introduzir desenvolvimentos surpreendentes.

Isto é, os sonhos promovem a **conservação do conhecimento**.

Ajudam no desenvolvimento de capacidades.

Conservam a informação disponível, entrelaçando-a nas restantes estruturas da vossa experiência.

Ao mesmo tempo, os sonhos possuem qualidades surpreendentes, promovendo a introdução de desenvolvimentos inesperados, caso em que parecem romper com os princípios de conservação.

Dessa maneira, refletem também o vosso comportamento mais exterior, conservando aquilo que já conhecem e, contudo, introduzindo novos padrões, **novas ordens espontâneas** que, por vezes, parecem contrariar esses mesmos princípios conservadores.

Reforçam o passado, por exemplo, quando sonham com situações passadas.

Parecem também minar a integridade do passado ao mostrá-lo sob uma luz pouco familiar, misturando-o com tonalidades do presente e do futuro.

Muitas pessoas talvez desejassem que eu acrescentasse muitos mais métodos para vos ajudar a estudar os sonhos e a sua natureza.

Também desta maneira, os sonhos sugerem a **ordem espontânea da natureza** ao longo dos séculos e permitem-vos observar a espécie sob uma perspetiva mais verdadeira.

As vossas vidas, aliás, dependem das curiosas relações envolvidas.

Não conseguiriam viver sequer um único dia se os princípios de conservação e o inesperado não existissem exatamente como existem.

Há tanta coisa que precisam de aprender e recordar na vida, e tanta que precisam de esquecer espontaneamente — caso contrário, a própria ação tornar-se-ia relativamente destituída de sentido.

Realizam muito mais ações num dia do que aquelas de que se recordam.

Não sabem quantas vezes levantam os braços, pronunciam uma frase ou pensam um pensamento.

Com o tipo de consciência que possuem, uma dependência excessiva dos princípios de conservação poderia acabar por reduzir os próprios processos da vida.

Na vida privada e também em termos da chamada «evolução», contudo, a vida necessita da **intrusão de acontecimentos surpreendentes**, de ações imprevistas, de saltos de compreensão ou de comportamento que não poderiam resultar apenas de qualquer acumulação de conhecimento ou da simples conservação de energia, mas que parecem sugerir desenvolvimentos inteiramente novos.

Os sonhos servem frequentemente de estruturas nas quais surgem súbitas e extraordinárias compreensões que, mais tarde, permitem a um homem ou a uma mulher conceber o mundo de uma maneira que anteriormente não poderia ter sido prevista.

As atividades do mundo incluem sempre a introdução de acontecimentos surpreendentes.

Isto é verdade em todos os níveis da natureza, desde o microscópico até ao macroscópico.

Como já disse anteriormente, **todos os sistemas são abertos**.

As teorias tanto dos evolucionistas como dos criacionistas sugerem e reforçam fortemente crenças na natureza consecutiva do tempo e num universo que começa de determinada maneira e prossegue até determinado fim.

Existem, contudo, **acontecimentos horizontais** na verdadeira atividade da natureza, e existem pontos horizontais de entrada e de saída em toda a experiência.

Estes permitem a introdução de nova energia não oficial e o aparecimento de acontecimentos surpreendentes.

Mais uma vez, é muito difícil explicar atividades deste género.

Elas podem afetar — e afetam — a ascensão e queda das civilizações.

Estão, contudo, habituados a interpretar a natureza de uma maneira particular e a experimentar os acontecimentos apenas aos seus níveis superficiais.

Estão naturalmente equipados para apreciar uma combinação muito mais rica e, como tenho dito frequentemente, possuem em vocês próprios uma necessidade de explorar as **ramificações subjetivas da vossa existência**.

À medida que «os tempos mudam», cansam-se das velhas maneiras.

Até os vossos sonhos começam a estender-se por novas vias.

As relações entre o comportamento naturalmente conservador da natureza e a necessidade de inovação da própria natureza tornam-se mais tensas.

Começam a ocorrer acontecimentos cada vez mais extraordinários, tanto na experiência privada como na experiência de massa, tanto no comportamento físico como no mental, nos acontecimentos, por exemplo, das estrelas e do homem.

As pessoas querem então abandonar antigas estruturas de crenças.

Anseiam, muitas vezes sem o reconhecer, pelo conhecimento recordado da primeira infância, quando parecia que, durante algum tempo, experimentavam uma dimensão da experiência em que **o inesperado era aceite como natural**, quando «acontecimentos mágicos» ocorriam de maneira perfeitamente espontânea.

Começam a olhar para a estrutura das suas vidas de maneira diferente, tentando evocar da natureza — e das suas próprias naturezas — uma certa facilidade graciosa, uma liberdade quase esquecida.

Começam a voltar-se para uma abordagem mais natural e mais mágica das próprias vidas.

Nessas alturas, os elementos conservadores da natureza e da própria sociedade já não parecem tão fortes como anteriormente.

Acontecimentos surpreendentes que antes eram encobertos ou ignorados parecem surgir com maior frequência, e por toda a parte uma nova sensação de rapidez e aceleração altera gradualmente as expectativas das pessoas em relação aos acontecimentos das próprias vidas e ao comportamento que esperam dos outros.

Estão agora a viver uma época desse género.

Explicações antigas e veneradas começam subitamente a parecer murchas.

Acontecimentos extraordinários e imprevisíveis parecem tornar-se mais possíveis.

Até certo ponto, o tipo de trabalho realizado nos sonhos modifica-se.

Os sonhos tornam-se mais ativos, mais intrusivos.

Mesmo o comportamento previsível dos elementos naturais torna-se mais difícil de tomar como garantido.

Nessas alturas, o homem começa cada vez mais a pressentir as dimensões mais vastas de comportamento sobre as quais assenta essa aparência de conservação.

Em condições desse género, ocorrem mudanças consideráveis na experiência subjetiva do homem.

Os sentimentos do homem acerca de si próprio também mudam e, pouco a pouco, aumenta a sua confiança no imprevisível.

Torna-se mais disposto a entregar-se a ele.

A espécie inicia uma espécie própria de **migração psíquica**.

Começa a pressentir dentro de si novas fronteiras e novas possibilidades de ação.

Começa a ansiar pela exploração de territórios mentais e envia porções de si própria como **batedores**.

Ruburt é um desses batedores.

Existem muitos em todas as áreas da vida, e isto envolve não apenas entusiasmo e curiosidade por parte da vossa própria espécie, mas o mesmo género de curiosidade e entusiasmo por parte de outras espécies.

Mais uma vez, isto é extremamente difícil de explicar — mas as ligações existentes entre todas as espécies e o ambiente são também afetadas.

As **comunicações horizontais** estendem-se e expandem-se para permitir desenvolvimentos posteriores em termos de probabilidades, pois a consciência conhece-se sempre em mais do que um contexto.

E é possível à natureza experimentar-se de maneiras que pareceriam extremamente improváveis quando as propriedades de conservação e aprendizagem se encontram no seu ponto de maior tensão criativa.

Síntese Operativa

1. A vida depende simultaneamente de conservação e surpresa

Seth apresenta dois movimentos complementares:

conservação

e

espontaneidade

A conservação permite:

reter conhecimento + manter competências + preservar continuidade

A espontaneidade permite:

introduzir novidade + romper padrões + criar novos desenvolvimentos

A vida depende de ambos.

2. Os sonhos fazem a ponte entre continuidade e inovação

Os sonhos:

conservam informação

mas também:

introduzem padrões inesperados

Logo, funcionam como um espaço em que:

passado + presente + futuro

podem ser recombinaados.

3. O passado não é apenas repetido — é reinterpretado

Ao sonharem com situações passadas, os sonhos podem reforçar a memória.

Mas também podem:

mostrar o passado sob nova luz

misturando-o com elementos do presente e do futuro.

Assim:

memória ≠ repetição fixa

Pode haver:

recontextualização

4. Esquecer também é necessário

Seth introduz um ponto importante:

não basta recordar

É preciso também:

esquecer espontaneamente

Caso contrário, a consciência ficaria saturada por todos os detalhes da experiência.

Portanto:

retenção + esquecimento = funcionamento saudável da ação

5. Conservação excessiva pode bloquear a própria vida

Uma dependência excessiva da estabilidade poderia:

reduzir os processos vitais

Porque a vida não pode funcionar apenas através daquilo que já conhece.

Precisa igualmente de:

novidade + desvio + improvisação

6. A «evolução» não resulta apenas de acumulação

Seth rejeita a ideia de que novos desenvolvimentos surjam apenas por:

acumulação gradual de conhecimento

ou:

conservação de energia

Existem também:

saltos + acontecimentos inesperados + mudanças qualitativas

7. A novidade pode surgir de forma descontínua

A vida inclui:

ações imprevistas + saltos de compreensão + mudanças súbitas de comportamento

Esses acontecimentos não são simples prolongamentos do passado.

São:

novas organizações

8. Os sonhos são matrizes de inovação

Nos sonhos podem surgir:

insights súbitos

que mais tarde alteram a forma como alguém compreende o mundo.

Assim:

sonho → nova visão → nova ação

9. Todos os sistemas são abertos

Seth repete um princípio central:

todos os sistemas são abertos

Isso significa que nenhum sistema está completamente fechado sobre:

o passado + as próprias regras + a informação já existente

Existe sempre abertura a:

nova energia + novas possibilidades

10. O tempo não é apenas consecutivo

Tanto evolucionismo como criacionismo são criticados por pressuporem:

início → sequência → fim

Seth introduz algo diferente:

acontecimentos horizontais

11. Existem pontos horizontais de entrada e saída

Esses pontos permitem:

entrada de nova energia

e:

introdução de acontecimentos inesperados

Logo, a realidade não se desenvolve apenas:

verticalmente ao longo do tempo

mas também recebe:

influências horizontais

12. A história pode ser alterada por processos não lineares

Essas atividades podem afetar:

indivíduos + sociedades + civilizações

Assim:

ascensão e queda de civilizações

não dependem apenas de sequências históricas visíveis.

13. A percepção habitual vê apenas a superfície

O homem tende a interpretar a natureza:

pelos níveis exteriores dos acontecimentos

Mas está equipado para reconhecer:

uma combinação muito mais rica

incluindo:

ramificações subjetivas

14. Mudanças coletivas começam também no interior

À medida que «os tempos mudam»:

as pessoas cansam-se das antigas estruturas

e os sonhos começam igualmente a:

abrir novas vias

O processo histórico inclui, portanto:

mudança exterior + mudança interior

15. A tensão entre conservação e inovação aumenta em épocas de transição

Durante determinados períodos:

velhas estruturas continuam presentes

mas:

a necessidade de novidade aumenta

Essa tensão produz:

**acontecimentos mais invulgares + maior aceleração +
alterações de expectativas**

16. A infância preserva a memória do «mágico»

As pessoas anseiam por algo que conheçam na infância:

uma realidade em que o inesperado parecia natural

Nesse estado:

acontecimentos mágicos não eram exceções

mas parte da experiência.

17. A abordagem mágica é uma recuperação de naturalidade

A abordagem mágica não aparece aqui como fuga da realidade.

É:

um modo mais espontâneo de relação com a experiência

Baseia-se em:

facilidade + confiança + abertura + espontaneidade

18. O «mágico» é aquilo que ainda não foi rigidamente condicionado

O que parece mágico ao adulto corresponde muitas vezes a:

processos naturais que deixaram de ser reconhecidos

Por isso:

mágico ≠ impossível

Mas:

natural ainda não totalmente enquadrado pelo pensamento habitual

19. As estruturas antigas começam a perder força

Em épocas de transição:

explicações antigas parecem murchas

Aquilo que antes era considerado estável torna-se menos convincente.

E o imprevisível parece:

mais possível

20. Os sonhos tornam-se mais ativos durante mudanças coletivas

Seth afirma que, em certas épocas:

o próprio trabalho dos sonhos se modifica

Os sonhos tornam-se:

mais ativos + mais intrusivos

Isto sugere que:

mudança coletiva também é processada oniricamente

21. A confiança no imprevisível pode crescer

Gradualmente:

o homem começa a confiar mais no imprevisível

Isto não significa caos.

Significa maior abertura a:

ordens que não são previamente reconhecidas

22. A espécie pode entrar numa «migração psíquica»

Uma das imagens centrais do capítulo:

migração psíquica

A espécie começa a pressentir:

novas fronteiras interiores

e a explorar:

territórios mentais desconhecidos

23. Alguns indivíduos funcionam como batedores

Seth chama Ruburt:

batedor

Esses indivíduos:

exploram novas áreas de experiência antes da maioria

Funcionam como:

pontas avançadas da consciência coletiva

24. A exploração não envolve apenas a espécie humana

Seth amplia o quadro:

outras espécies também participam

As relações entre:

espécies + ambiente

modificam-se juntamente com esses desenvolvimentos.

25. Existem comunicações horizontais entre sistemas vivos

As **comunicações horizontais** permitem:

expansão de probabilidades + novos desenvolvimentos

Logo:

espécies e ambientes não evoluem isoladamente

Participam num campo relacional mais vasto.

26. A consciência conhece-se em mais do que um contexto

Este é um ponto-chave:

consciência $\neq$ identidade única e fixa

A consciência conhece-se:

em múltiplos contextos

Por isso pode gerar:

novas versões + novos desenvolvimentos + experiências improváveis

27. Conservação e aprendizagem criam tensão criativa

Quando os princípios de conservação estão muito fortes, não desaparece a inovação.

Pelo contrário, pode surgir uma:

tensão criativa máxima

Dessa tensão podem emergir:

formas completamente novas

Esqueleto central do capítulo

conservação

- memória
- continuidade
- estabilidade

•

espontaneidade

- inovação
- acontecimentos inesperados
- novas ordens

- tensão criativa
 - sonhos
 - acontecimentos horizontais
 - nova energia
 - mudança individual
 - mudança coletiva
 - migração psíquica
 - novas probabilidades
-

Núcleo do capítulo

O capítulo mostra que a vida não se sustenta apenas através da continuidade.

Precisa igualmente de:

novidade real

A realidade não cresce apenas por acumulação.

Também cresce através de:

**saltos + interrupções + entradas inesperadas +
reorganizações espontâneas**

Os sonhos ocupam uma posição central porque funcionam precisamente nesse ponto de contacto:

conservam aquilo que existe e, ao mesmo tempo, abrem passagem para aquilo que ainda não existia.

A fórmula central do capítulo pode condensar-se assim:

A vida preserva-se através da conservação, mas renova-se através do inesperado; os sonhos são uma das principais zonas onde essas duas forças se encontram.

CAPÍTULO 12

Nuvens da Vida

Começaremos um novo capítulo, intitulado: «**Nuvens de Vida**».

Joseph utilizou hoje essa expressão durante uma conversa, e ela constitui uma excelente descrição da maneira como o vosso universo foi «inicialmente» semeado.

Compreendam, contudo, que a expressão «**nuvem de sonho**» serviria igualmente bem.

É uma referência evocativa à maneira como Tudo o Que É se «empacotou» na formação das suas inúmeras realidades.

Essas nuvens de vida «ainda» existem.

Cada semente de vida, cada semente de existência, contém dentro de si o seu próprio revestimento protetor, a sua própria placenta de nutrição necessária e de circunstâncias ambientais, o seu próprio sistema e as suas próprias ramificações de probabilidades.

Essas ramificações de probabilidades funcionam como sensores remotos, procurando as condições mais adequadas à melhor **realização de valor** e ao desenvolvimento da semente.

Nos termos mais simples, as nuvens de vida enviam os seus conteúdos para onde as circunstâncias melhor correspondem às suas próprias necessidades.

Por outro lado, as nuvens de vida podem semear inteiramente os seus próprios mundos.

O próprio espaço já fala de uma criação «iniciada», pois, por mais vazio que possa parecer, apresenta-se como uma vasta catedral, uma tenda ou uma pirâmide de forma, talvez por enquanto vazia no interior, com paredes tão distantes que não são percecionadas.

As probabilidades podem rodopiar por toda a parte e, contudo, permanecer impercetíveis em determinado instante, de modo que, nesta estranha analogia, poderiam ouvir um breve e ténue zumbido, como o rodopiar do vento, e considerá-lo sem importância — quando aquilo que ouviram foi, na realidade, **todo um mundo de probabilidades a passar velozmente pelo lugar onde estavam.**

Toda a vossa estrutura de vida, portanto, com as suas definições agudas e precisas dentro do seu pacote de realidade, constitui uma **nuvem de vida viva** que poderá ou não ser percecionada noutras realidades.

Essa nuvem contém dentro de si fontes continuamente renovadas de nova criatividade.

Quando sonham, dormem ou pensam, acrescentam automaticamente algo a outras dimensões de uma nuvem de vida ou nuvem de sonho que emerge das próprias ações dos vossos movimentos subjetivos.

Até o infinito se exprime em toda a parte, em cada momento, pois o próprio infinito não é algo separado daquilo que o universo é.

Uma vez que o universo constitui uma porção da criatividade do infinito, sob essa perspectiva surgem constantemente novas espécies, quer a vossa própria situação vos permita ou não perceber essa emergência.

Vocês próprios poderão ser porções dessa emergência.

A partir do vosso limiar ou foco, teriam relativamente pouca consciência do vosso próprio movimento para um novo limiar temporal — pois, para os seres existentes nesse limiar, vocês já teriam chegado, enquanto, para vocês, no vosso presente, a existência deles seria, na melhor das hipóteses, teórica, como se fossem selves futuros.

Do vosso ponto de vista, naturalmente, seriam.

Noutros níveis, os vossos sonhos misturam-se e entrelaçam-se não apenas com os sonhos dos vossos contemporâneos, mas com os de **todos os tempos e lugares**, vivos ou mortos nos vossos termos.

Cada universo — como aquele que conhecem — funciona como uma pequena colónia de existência e é infinito dentro das características da sua própria natureza.

Aliás, parte do material desta noite só terá significado para vocês no estado de sonho, e as palavras deste livro poderão despertar alguns desses significados para a vossa atenção.

Cada porção de todas essas nuvens de vida procura, mais uma vez, a **realização de valor**, mas essa expressão é, por si só, lamentavelmente inadequada para exprimir a natureza da diversidade, do propósito ou do significado da vida.

Esse propósito ou significado, contudo, não existe separado da vossa própria existência.

Vocês fazem parte do significado e do propósito da vida.

Mas esses propósitos, «provenientes» da fonte do vosso próprio ser, são demasiado vastos para poderem ser expressos ou descritos dentro da estrutura da vossa personalidade tal como a compreendem.

Essa compreensão é, contudo, frequentemente experienciada ou pressentida — por vezes quando escutam música, quando são profundamente tocados pela emoção e quando não colocam grande distância entre ela e vocês próprios.

Dar atenção, com amor, à vida que possuem, começando «onde estão», permitir-vos-á sentir da melhor maneira o vosso próprio significado.

O que quero dizer com semelhante atenção?

Atenção ao momento tal como vos é apresentado.

Atenção à rica mesa da realidade tal como surge diante de vocês.

Atenção ao tipo de pessoa que são e à apreciação amorosa da vossa própria singularidade.

Dar atenção à vossa vida dessa maneira coloca-vos numa comunicação mais clara com a **ação interior da vossa própria existência.**

Não vos dei uma multidão de métodos ou sugestões dizendo-vos como decifrar ou compreender os vossos próprios sonhos, embora tenha mencionado frequentemente esses temas neste livro e noutros.

Também não vos forneci métodos complicados relativamente às viagens fora do corpo e, contudo, todos os nossos livros, ao modificarem as vossas atitudes, ajudar-vos-ão a provocar mudanças em vocês próprios que irão automaticamente intensificar essas atividades.

Elas começarão a ocupar o seu lugar natural dentro do vosso mundo.

Nenhum método vos ajudará de outra forma.

Também não quero que pensem que as respostas às vossas perguntas se encontram pré-empacotadas no estado de sonho, relativamente inacessíveis exceto àqueles que possuem talentos especiais ou algum conhecimento secreto do mundo do oculto.

Muito antes da existência da impressão ou da leitura, muitas pessoas aprenderam a **ler muito bem a natureza**, a observar as estações e a sentir «as estações da alma».

As respostas encontram-se, portanto, tão próximas como os degraus da vossa própria porta dos fundos, pois, **no limiar dos vossos seres, encontram-se automaticamente no centro do conhecimento.**

Nunca estão na periferia dos acontecimentos.

Independentemente das vossas circunstâncias, da vossa condição de vida, da vossa formação ou das vossas aptidões, no vosso próprio limiar encontram-se no centro de todas as realidades — pois, no vosso centro, todas as existências se intersetam.

Fazem parte delas em toda a parte, e elas fazem parte de vocês.

Cada porção do universo transporta o conhecimento de todas as outras partes, e **cada ponto de uma realidade é o centro dessa realidade.**

Estão, portanto, **centrados no universo.**

Mais uma vez, até os vossos sonhos e pensamentos partem para ajudar a formar novos mundos.

Considerações desse género deveriam despertar naturalmente dentro de vocês compreensões muito mais vastas e, contudo, muito mais íntimas — compreensões à luz das quais a retórica nebulosa do conhecimento pré-empacotado começa a desaparecer.

À medida que isso acontece, os **Oradores** dentro de cada um de vocês podem subir até à superfície da consciência habitual sem serem considerados tagarelas, loucos ou tolos, e sem terem de distorcer a sua informação apenas para chamar a vossa atenção.

Os Oradores são aquelas vozes interiores que primeiro vos ensinaram as linguagens físicas.

Seria igualmente correto chamarem-lhes **as vozes dos eletrões** ou **as vozes dos deuses**, pois cada uma constitui uma representação de Tudo o Que É, transbordando como uma fonte tanto de conhecimento como de amor.

Quando estão à porta física da vossa casa, olham para dentro de uma extraordinária e luminosa aventura psicológica.

Não estou a utilizar símbolos em afirmações desse género, e nelas se encontram escondidas importantes pistas muito simples e familiares.

Cada colher que tocam, cada flor que mudam de lugar, cada sílaba que pronunciam, cada divisão de que cuidam coloca-vos automaticamente em contacto com o vosso sentimento natural pelo universo — pois cada objeto, por mais doméstico ou banal que seja, **está vivo de mudança e compreensão.**

Não quero, portanto, que concentrem os vossos esforços em memorizar métodos para perceber outras realidades, mas que compreendam que semelhantes perceções estão em toda a parte ao vosso alcance.

Se compreenderem isso, reorganizarão por vocês próprios a organização dos vossos pensamentos.

Começarão a ler os próprios pensamentos com a mesma facilidade com que agora leem um livro.

É muito mais importante **lerem os vossos próprios pensamentos** do que aprenderem a ler os pensamentos dos outros, pois, quando os vossos próprios sentimentos vos são conhecidos, veem facilmente que todos os outros sentimentos também se refletem nos vossos.

Quando desviam o olhar do mundo, estão a olhá-lo mais de perto.

Quando leem frases como esta última, estão de certo modo a libertar as vossas próprias mentes, abrindo organizações mais vastas.

A vossa vida é um sonho que estão a recordar.

Estão simultaneamente a recordá-lo e a criá-lo, observando-o crescer através da atenção do vosso próprio amor e conhecimento.

E, tal como parecem estar no seu centro, também estão no centro de todos os vossos sonhos, que então parecem expandir-se para o exterior.

O vosso universo físico começou, mais uma vez, a partir de um centro sonhador.

Vivem num mundo no qual acreditaram que tinham de lutar para sobreviver — e, por isso, lutaram.

Acreditaram que os contornos naturais da natureza eram, de alguma maneira, antagônicos à vossa própria existência, de modo que, deixados apenas nas mãos da natureza, perderiam o rumo.

Acreditaram nisso dentro da própria estrutura da vossa psique.

Nas vossas experiências, portanto, todas essas coisas tornaram-se, em grande medida, verdadeiras.

Nada vos ensinou que eram criaturas.

Tenho tentado conduzir-vos até um **novo limiar de percepção**, no qual os antigos mitos da evolução possam ser vistos como castelos antiquados, antigos ou abandonados no meio de uma floresta de crenças — uma floresta que é, ela própria, formada magicamente.

A floresta é, certamente, o mundo da vossa imaginação, a imaginação das vossas mentes, mas recebe força e poder da criatividade inata que se ergue de um mundo interior que representa muito mais verdadeiramente as origens do homem e dos animais.

Esse mundo permaneceu em grande medida escondido pelas camuflagens lançadas tanto pela ciência como pela religião.

Mas, na vossa época, a paisagem começou a parecer tão escura e ameaçadora, tão proibida e estranha aos vossos próprios desejos, que o seu fim pareceu ainda mais inevitável e rápido.

Espero ter-vos proporcionado neste livro um quadro muito mais nobre e verdadeiro, que represente a origem da vossa vida, estrutura, ser e pensamento.

O mundo interior da realidade, **o mundo dos sonhos**, apresenta um modelo de existência no qual nova energia, vitalidade e ser estão por toda a parte disponíveis, prontos para avançar e formar novas transformações, novas combinações de energia e desejo.

Esse universo psicológico interior é uma **gestalt psíquica**, impulsionada, formada, sustentada ou movida pela realização de valor, pelo amor e pelo desejo — por valores amorosos que não possuem limites.

O universo não desiste de si próprio nem de nenhuma das suas criaturas.

É regido por um conjunto diferente de princípios, por um conjunto diferente de valores e por uma **exuberância cooperativa interior**.

Talvez precisem de algum tempo antes de as antigas crenças perderem proeminência e finalmente entrarem na sua adequada

decadência — uma decadência que, aliás, possui a sua própria espécie de majestade, energia e beleza.

Mas as tendências naturais interiores de toda a consciência existente nos domínios do vosso ser anseiam agora por **mudança construtiva**, por uma visão mais clara, por voltar a experienciar o seu sentido inerente de espiritualidade corporal, de graça física e psíquica.

Desejam voltar a sentir o movimento sem esforço que constitui o seu direito natural desde o nascimento.

Espero que este livro, de uma maneira ou de outra, coloque cada um de vocês em contacto com o vosso próprio movimento psicológico interior, com o vosso **sopro criativo**, para que se sintam revigorados e percecionem dentro das vossas próprias mentes e espírito uma nova promessa, uma nova intenção e a exaltação da força terrena e espiritual.

Habitam num **estado de graça natural** que está plenamente vivo e vital, quer a ciência determine ou não que a consciência possui uma intenção própria.

A natureza é, naturalmente, sobrenatural o tempo todo.

Síntese Operativa

1. O universo é apresentado como uma realidade «semeada»

Seth introduz a imagem das:

nuvens de vida

ou:

nuvens de sonho

Elas funcionam como estruturas portadoras de:

vida + nutrição + ambiente + probabilidades + desenvolvimento

A ideia central é que a vida não aparece isoladamente.

Surge já acompanhada por:

condições de expressão

2. Cada semente de vida contém o seu próprio campo de possibilidades

Cada semente possui:

proteção + alimento + contexto + ramificações de probabilidades

Essas probabilidades procuram:

as condições mais adequadas à realização de valor

Logo:

vida → não procura apenas existir → procura realizar-se

3. As probabilidades funcionam como sensores

Seth descreve as ramificações de probabilidades como:

sensores remotos

Isto sugere uma relação dinâmica:

semente ↔ ambiente possível

A vida não é apenas lançada num meio.

Há uma espécie de correspondência entre:

potencial interno + condições externas

4. Uma nuvem de vida pode semear mundos

A escala do conceito aumenta:

semente de vida → nuvem de vida → mundo

Portanto, a criatividade não se limita a organismos.

Pode operar ao nível de:

realidades inteiras

5. O espaço aparentemente vazio não está verdadeiramente vazio

Mesmo aquilo que parece vazio contém:

estrutura + potencial + probabilidades

O espaço é apresentado como:

uma forma ainda não plenamente ocupada

Assim:

vazio aparente $\neq$ ausência de criatividade

6. Mundos inteiros de probabilidade podem passar despercebidos

Seth sugere que:

realidades possíveis podem atravessar o nosso campo sem serem percebidas

Logo:

não perceber $\neq$ não existir

7. A própria vida humana é uma nuvem de vida

Cada pessoa constitui:

uma estrutura viva de realidade

Essa estrutura:

pode ser perceptível num sistema e impercetível noutro

Isto desloca a identidade de:

objeto isolado

para:

campo multidimensional de expressão

8. Sonhar e pensar acrescenta realidade

Quando:

sonham + dormem + pensam

não estão apenas a processar a realidade já existente.

Também:

acrescentam novas dimensões à nuvem de vida

Logo:

atividade subjetiva → criatividade real

9. O infinito exprime-se localmente

Seth rejeita a ideia de infinito como algo remoto.

O infinito:

exprime-se em cada momento

Assim:

cada manifestação local contém expressão do infinito

10. Novas espécies podem estar sempre a emergir

Nem toda a emergência precisa de ser percebida dentro do nosso foco.

Logo:

espécie percebida $\neq$ totalidade das espécies possíveis

11. O próprio homem pode fazer parte de uma emergência que não reconhece

Da perspectiva de outro limiar temporal:

já poderemos ter chegado

embora, do nosso ponto de vista, esse estado ainda pareça:

futuro ou teórico

Isto reforça:

tempo relativo + simultaneidade de focos

12. Os sonhos atravessam tempos e lugares

Os sonhos misturam-se com:

contemporâneos + mortos + outros tempos + outros lugares

Assim:

rede onírica $\neq$ limitada ao presente

13. Cada universo é localmente infinito

Um universo pode ser:

uma pequena colônia de existência

e, ao mesmo tempo:

infinito dentro das próprias características

Portanto:

localidade + infinitude não se excluem

14. A realização de valor é mais vasta do que a própria expressão consegue dizer

Seth reconhece que o termo:

realização de valor

é insuficiente.

Ele tenta apontar para:

diversidade + propósito + significado + desenvolvimento

15. O significado da vida não existe separado de quem vive

Formulação central:

vocês fazem parte do significado e do propósito da vida

Logo:

significado $\neq$ algo externo que é encontrado

É:

algo que se vive

16. O propósito é maior do que a personalidade consegue formular

A personalidade habitual não contém verbalmente:

a totalidade do próprio propósito

Mas pode senti-lo através de:

música + emoção + presença + redução da distância entre self e experiência

17. O caminho para o significado começa «onde estão»

Seth não remete o sentido para:

outro plano + outro tempo + conhecimento secreto

Pelo contrário:

atenção à vida presente

torna-se a via principal.

18. Atenção é uma prática ontológica

Dar atenção significa:

estar no momento

reconhecer a riqueza da realidade

reconhecer a própria singularidade

relacionar-se amorosamente com a experiência

Assim:

atenção → comunicação interior mais clara

O centro está em toda a parte

19. Não é necessário dominar métodos secretos

Seth recusa a ideia de que:

o acesso à realidade interior dependa de técnicas complicadas

Os métodos só funcionam quando existe:

mudança de atitude

20. O conhecimento não está escondido numa elite

As respostas não pertencem apenas a:

ocultistas + especialistas + pessoas com dons raros

Encontram-se:

no próprio limiar da experiência comum

21. Cada ser está no centro

Seth afirma:

nunca estão na periferia dos acontecimentos

Porque:

cada ponto de uma realidade é o centro dessa realidade

Logo:

centro $\neq$ ponto único

Cada existência é:

um centro legítimo da totalidade

22. Todas as realidades se interseitam no centro de cada ser

No centro individual:

as existências cruzam-se

Portanto:

self individual $\leftrightarrow$ totalidade

23. Os sonhos e pensamentos ajudam a formar novos mundos

Mais uma vez:

pensamento e sonho não são resíduos

São:

agentes criativos

Os Oradores

24. Existe uma voz interior anterior à linguagem consciente

Os **Oradores** representam:

vozes interiores que ensinaram a linguagem física

Eles podem ser descritos como:

vozes dos eletrões

ou

vozes dos deuses

porque derivam da mesma fonte:

Tudo o Que É

25. Conhecimento e amor surgem da mesma fonte

Os Oradores transbordam:

conhecimento + amor

Isto liga:

cognição + afetividade

26. O extraordinário está escondido no banal

Cada:

colher + flor + palavra + divisão

pode ligar diretamente à realidade maior.

Assim:

mundano ≠ separado do cósmico

27. É mais importante ler os próprios pensamentos do que os dos outros

Seth desloca a investigação psíquica de:

ler a mente alheia

para:

compreender a própria

Porque o próprio interior contém reflexos de:

outros sentimentos + outras realidades

28. A vida é simultaneamente recordada e criada

Formulação central:

a vossa vida é um sonho que estão a recordar

Mas também:

estão a criá-la enquanto a recordam

Assim:

memória + criação = processo simultâneo

29. O universo físico nasce de um centro sonhador

O mesmo princípio é ampliado:

vida individual → sonho lembrado e criado

universo → sonho surgido de um centro sonhador

O encerramento do livro

30. A luta pela sobrevivência foi reforçada pela crença na luta

Seth afirma:

acreditaram que tinham de lutar → criaram experiências de luta

Logo:

crença → organização da experiência

31. O homem esqueceu que também é criatura

Ao separar-se psicologicamente da natureza, o homem passou a considerá-la:

ameaça + obstáculo + força antagônica

32. Os antigos mitos da evolução são apresentados como estruturas em decadência

Seth quer conduzir o leitor para:

um novo limiar de percepção

onde modelos antigos são vistos como:

castelos abandonados numa floresta de crenças

33. A floresta é imaginativa e criativa

A imaginação não é fantasia inútil.

É:

uma interface entre o mundo interior e a realidade manifestada

34. Ciência e religião criaram camuflagens diferentes

Ambas podem esconder:

o mundo psicológico interior

apesar de o fazerem por vias distintas.

35. O mundo interior é apresentado como origem mais profunda

Esse mundo é:

o mundo dos sonhos

e contém:

energia + vitalidade + ser + novas combinações

36. O universo psicológico interior é uma gestalt psíquica

É sustentado por:

realização de valor + amor + desejo

e organizado por:

valores cooperativos

37. O universo não abandona nenhuma criatura

Formulação-chave:

o universo não desiste de si próprio nem de nenhuma das suas criaturas

Isto coloca no centro:

cooperação + continuidade + criatividade

38. A decadência das crenças antigas também faz parte do processo

Até aquilo que desaparece possui:

majestade + energia + beleza

Logo:

fim ≠ simples perda

Também pode ser:

transformação

39. A consciência procura recuperar a própria graça natural

O movimento desejado é:

mudança construtiva + visão mais clara + espiritualidade corporal + graça física e psíquica

40. O movimento sem esforço é apresentado como direito natural

A vida, no seu funcionamento profundo, não depende apenas de:

força + luta + controlo

Mas também de:

fluidez + confiança + espontaneidade

41. O objetivo do livro é reativar o movimento interior

Seth pretende que o leitor entre em contacto com:

movimento psicológico interior + sopro criativo + nova intenção + força

42. Estado de graça natural

A conclusão ontológica é:

a existência decorre dentro de um estado de graça natural

independentemente de:

a ciência reconhecer ou não intenção na consciência

43. Natureza e sobrenatural deixam de ser opostos

A frase final resume essa integração:

A natureza é, naturalmente, sobrenatural o tempo todo.

Isto dissolve a separação:

natural ↔ sobrenatural

*Síntese Operativa do Livro***Sonhos, «Evolução» e Realização de Valor****1. O ponto de partida: a consciência precede a matéria**

A tese nuclear do livro é:

a matéria não produz a consciência

Pelo contrário:

consciência → energia → matéria

O universo físico é apresentado como:

objetivação de uma realidade subjetiva anterior

2. O universo não começou apenas no passado

Seth desmonta a procura de uma origem puramente temporal.

O universo:

está a ser criado agora

Logo:

origem $\neq$ acontecimento remoto

É:

processo contínuo

3. Tempo e espaço são construções psicológicas

Tempo e espaço não são absolutos.

Funcionam como:

estruturas de organização da experiência

Assim:

sequência $\neq$ realidade última

4. O sonho é a matriz mais próxima da realidade original

O estado de sonho serve como analogia para:

a condição anterior à manifestação física

Porque nele:

probabilidades + simultaneidade + criação + comunicação

operam com maior liberdade.

5. Tudo o Que É contém e gera todas as possibilidades

Tudo o Que É é apresentado como:

fonte + campo + criatividade infinita

Cada consciência:

surge dessa fonte

sem deixar de permanecer ligada a ela.

6. A criação é diferenciação sem separação absoluta

A consciência individualiza-se.

Mas:

individualidade $\neq$ isolamento

Cada parte contém:

o conhecimento do todo

7. A realização de valor é o grande impulso organizador

A vida não procura apenas:

sobrevivência

Procura:

**expressão + desenvolvimento + qualidade + criatividade +
prazer**

Isto é:

realização de valor

8. Realização individual e coletiva não são opostas

A realização de uma parte:

favorece outras partes

Logo:

crescimento individual → contribuição para o conjunto

9. A «evolução» é reinterpretada como expansão

Seth rejeita uma visão puramente:

linear + mecânica + acidental

Propõe:

expansão da consciência

onde formas físicas representam:

modos de manifestação

10. As espécies não surgem isoladamente

Existe:

cooperação profunda entre espécies + ambiente + consciência

A vida aparece como:

rede

e não:

coleção de entidades separadas

11. Os sonhos participam na formação da realidade física

O sonho não é efeito secundário da vida diurna.

É:

laboratório + rede + matriz + campo de preparação

12. Os acontecimentos físicos têm raízes subjetivas

Antes de um acontecimento surgir fisicamente:

é trabalhado em outros níveis

Assim:

interior → probabilidade → exterior

13. A realidade física é uma seleção

De muitas possibilidades:

algumas tornam-se experiência manifesta

Logo:

realidade atual $\neq$ única realidade possível

14. As probabilidades atravessam todo o livro

Cada acontecimento contém:

alternativas

Cada self contém:

outros caminhos possíveis

Cada universo participa em:

múltiplas configurações

15. A consciência opera em múltiplos focos

O self físico é:

um foco

não:

a totalidade da identidade

16. O ego é uma especialização funcional

O ego não é inimigo da psique.

É:

instrumento de focalização

Permite:

organizar uma experiência específica

17. A consciência corporal possui inteligência própria

O corpo:

não é máquina passiva

Possui:

**comunicação + orientação + autorregulação +
conhecimento**

18. Genética não equivale a destino fechado

A herança fornece:

potenciais

Mas a manifestação depende de:

probabilidades + intenção + experiência + consciência

19. Reencarnação é tratada como sistema de possibilidades

Não como:

tribunal moral

Mas como:

rede de experiências relacionadas

20. Os acontecimentos de massa também têm raízes interiores

Guerras, catástrofes e mudanças sociais:

não são apenas eventos exteriores

Participam de:

estruturas subjetivas coletivas

21. Existem acontecimentos-mestre

Um acontecimento físico pode ser:

uma versão temporal de algo maior

Assim:

evento exterior = expressão parcial

22. As sobreposições de realidade quebram a rigidez temporal

Passado, presente e futuro:

tocam-se

A experiência linear é:

um modo de organização

23. A criatividade não é exceção

Criatividade é:

propriedade básica da consciência

Tudo:

cria + transforma + combina

24. A espontaneidade é uma forma de ordem

Seth insiste:

espontaneidade $\neq$ caos

Existe:

ordem espontânea

25. Conservação e inovação cooperam

A vida precisa de:

reter

e:

surpreender

Assim:

conservação + novidade = continuidade criativa

26. O princípio do prazer participa da organização da vida

O prazer não é mero luxo.

É:

sinal de qualidade + impulso de realização

27. Os sonhos são sociais

O sonho individual participa em:

família + comunidade + espécie + mundo

Logo:

sonho privado ≠ totalmente privado

28. Existe uma rede onírica global

Os sonhos participam em:

**troca de informação + formação de acontecimentos +
resolução de problemas**

29. A tecnologia nasce primeiro como possibilidade interior

O mundo tecnológico:

foi primeiro mundo imaginado e sonhado

Assim:

invenção física → manifestação de possibilidade subjetiva

30. O conhecimento nunca desaparece totalmente

Seth aplica isso a:

genética + memória + sonhos + pensamentos

Nada é simplesmente:

apagado

É:

transformado + latente + reutilizado

31. Pensamentos e sonhos têm continuidade além do seu uso imediato

Podem assumir:

outras funções noutras realidades

Logo:

subjetividade possui consequências reais

32. Cada ponto é um centro

Não existe um único centro absoluto externo.

Cada existência:

é centro da realidade a partir do próprio foco

33. O conhecimento está próximo, não distante

O acesso à realidade profunda não depende de:

hierarquias secretas

Mas de:

atenção + confiança + leitura interior

34. A abordagem mágica é natural

Ela representa:

um modo espontâneo, integrado e confiante de viver

Não é:

evasão

É:

reconhecimento de uma ordem mais profunda

35. A luta excessiva resulta de crenças de separação

Quando o homem acredita que:

natureza é inimiga

cria experiências coerentes com isso.

36. A recuperação passa pela confiança

Confiança em:

corpo + espontaneidade + intuição + criatividade + vida

37. O livro dissolve oposições rígidas

Ao longo da obra, desfaz-se a separação entre:

subjetivo / objetivo

sonho / vigília

indivíduo / coletivo

corpo / psique

natureza / espírito

passado / futuro

conservação / inovação

prazer / desenvolvimento

38. O mundo físico não é negado

Seth não apresenta a matéria como ilusão inútil.

Pelo contrário:

o físico é uma forma válida de expressão da consciência

39. O objetivo não é escapar da experiência física

É:

compreender a sua origem mais profunda

40. A mensagem final é de participação

O indivíduo não está:

fora do universo

Nem:

perdido dentro dele

É:

uma expressão ativa da própria criatividade universal

Esqueleto central do livro

Tudo o Que É

→ consciência

→ sonho

- probabilidades
- energia
- forma
- matéria
- corpo
- ego
- experiência
- acontecimentos
- relações
- espécies
- sociedades
- mundos

e simultaneamente:

realização de valor

- prazer
- criatividade
- espontaneidade
- expansão
- cooperação
- nova realização de valor

Arquitetura global

realidade subjetiva

→ gera possibilidades

sonho

→ organiza possibilidades

consciência

→ seleciona e focaliza

energia

→ transforma

matéria

→ manifesta

experiência

→ devolve informação

realização de valor

→ expande o sistema

Núcleo do livro

O livro inteiro converge para uma inversão fundamental da perspectiva habitual:

não é a matéria que produz consciência; é a consciência que produz e organiza a matéria.

A realidade física surge como:

uma especialização de uma realidade subjetiva muito mais vasta

Os sonhos funcionam como:

matriz de criação, comunicação e preparação

A «evolução» deixa de ser vista apenas como:

sequência biológica

e passa a ser entendida como:

expansão criativa da consciência

A vida não é movida apenas pela sobrevivência, mas pela:

realização de valor

E essa realização manifesta-se através de:

**prazer + criatividade + amor + cooperação + diferenciação
+ expressão**

A síntese mais compacta do livro pode ser formulada assim:

A consciência sonha possibilidades, organiza probabilidades, transforma energia em forma e, através da realização de valor, cria continuamente indivíduos, espécies, acontecimentos e mundos.

E o fecho mais profundo talvez seja este:

não estamos dentro de um universo morto a tentar produzir consciência; somos centros conscientes através dos quais o universo continua a sonhar-se, a criar-se e a reconhecer-se.

Elogios

«Os livros de Seth apresentam um mapa alternativo da realidade, com um novo diagrama da psique [...] útil a todos os exploradores da consciência.»

— Deepak Chopra, M.D.

autor de *As Sete Leis Espirituais do Sucesso* e *Criar Abundância*

«Seth foi um dos meus primeiros professores de metafísica. Continua a ser uma fonte constante de conhecimento e inspiração na minha vida.»

— Marianne Williamson

autora de *Um Regresso ao Amor*

«Gostaria de ver os livros de Seth como leitura obrigatória para qualquer pessoa que siga um caminho espiritual. A extraordinária profundidade da informação contida nos livros de Seth é hoje tão relevante como era no início dos anos 70, quando Jane Roberts começou a canalizar este material.»

— Louise Hay

autora de *Pode Curar a Sua Vida*

«Ao lerem as palavras de Seth, receberão muito mais do que apenas novas ideias. A energia de Seth atravessa cada página, uma energia que expande a vossa consciência e transforma a maneira como pensam sobre a natureza da realidade.»

— Sanaya Roman

autora de *Viver com Alegria*

«Os livros de Seth foram extremamente benéficos para mim no meu percurso espiritual e ajudaram-me a descobrir uma outra maneira de olhar para o mundo.»

— Gerald G. Jampolsky, M.D.

autor de *Amar é Libertar-se do Medo*

«Para minha grande surpresa — e ligeira irritação — descobri que Seth articulava de forma eloquente e lúcida uma visão da realidade à qual eu próprio só tinha chegado depois de muito esforço e de um estudo aprofundado tanto dos fenómenos paranormais como da física quântica. [...]»

— Michael Talbot

autor de *O Universo Holográfico e Para Além do Quântico*